

NESSA CIDADE, TODOS NÓS SOMOS
BONS MENTIROÇOS.

SIX

BRUNA GARRET



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SIX

BRUNA GARRET

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Bruna Garret

Revisão: Bruna Garret

Capa: Ellen Scofield

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

PERIGOSAS NACIONAIS

Edição Digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PRÓLOGO

PERIGOSAS ACHERON

Corra.

Era o que minha mente gritava.

Corra. Mais. Rápido. Maeve.

E foi o que eu fiz.

Por entre a floresta terrivelmente escura de Mainport, eu continuei correndo. Sem olhar para trás. O vento gelado atingindo meu rosto doía e, por mais tentada que estivesse a me esconder atrás de uma árvore qualquer para descansar, não parei de correr. Eu não poderia arriscar, não poderia correr o risco de ser encontrada.

Galhos açoitavam meu rosto e o barulho dos meus passos contra as folhas era levemente abafado pelo som da chuva grossa que caía com força. Mainport estava tomada pela escuridão, o que dificultava ainda mais a minha busca por ajuda enquanto eu corria desesperadamente em uma direção que eu não tinha a mínima ideia de qual era.

— *Socorro!* — gritei, rezando para que alguém me escutasse.

Eu já não ouvia mais os passos pesados atrás

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim, mas sabia que não estava segura. Sabia que estes mesmos passos estavam cada vez mais próximos, com uma determinação selvagem, trazendo consigo a minha morte.

Eu sabia o que estava por vir.

Sabia que as chances de sair viva daquela floresta eram mínimas, mas aquilo não me impediu tentar.

Eu não queria morrer.

Não *podia* morrer.

Tentei correr ainda mais rápido, mas sentia que a qualquer momento minhas pernas cederiam em exaustão. Minha boca estava seca, meu estômago deu uma cambalhota e eu senti a ânsia subir à garganta enquanto me esquivava às cegas por entre as árvores, em uma tentativa falha de me localizar.

A floresta era como um enorme labirinto e eu não tinha a mínima ideia de onde estava e para onde meus pés me levariam. Tudo o que eu sabia era que precisava fugir.

Fuja, Maeve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mente gritou mais uma vez, e eu não tive tempo de respondê-la com uma resposta mal-educada. Eu estava tentando. Eu estava fugindo.

Mas, em um piscar de olhos, eu estava no chão.

Os passos atrás de mim rapidamente tornando-se mais audíveis.

Tudo doía. A ardência em diversas partes do meu corpo fez com que eu gemesse involuntariamente. Minhas mãos, agora manchadas de sangue, pareciam afundar cada vez mais na lama enquanto eu tentava desesperadamente voltar a me colocar de pé para correr. Minhas pernas tremiam, exaustas, e meu estômago estava prestes a colocar tudo para fora.

Estatelada no chão, comecei a me rastejar em direção à árvore mais próxima que meus olhos captaram em meio às lágrimas e à chuva grossa. Minha respiração estava rápida e desconforme, e eu sentia o restante das minhas forças aos poucos se esvair por meu corpo, prestes a desistir.

O som dos passos chocando-se contra a terra molhada cada vez mais alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O tempo que eu tinha cada vez mais limitado.

Senti quando fui pega por trás de repente, sendo puxada para cima com brutalidade. Sua mão cobria minha boca impiedosamente enquanto eu lutava para me libertar. Para sobreviver. A respiração ofegante próxima demais de mim, seu outro braço segurando-me com firmeza contra seu corpo, parecendo não ter dificuldade alguma em me manter presa ali enquanto eu desferia chutes e me sacudia em uma tentativa completamente falha de me soltar.

Era o meu fim.

Em poucos minutos eu estaria morta.

Assim como Violet Wright.

O tempo que eu tinha se esgotando a cada *tictac* do relógio.

Tic.

Tac.

Tic.

Tac.

Tic.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tac.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

2 MESES ANTES

— *Dillon!*

Joguei todo o peso do meu corpo em cima da mala, odiando que meus longos fios castanhos tapando minha visão estivessem dificultando ainda mais a tortura que era fechar minhas coisas antes de uma viagem. Bufeí, sentindo a raiva aos poucos aflorar em meu peito.

Maldito cachecol, pensei ao perceber que o tecido estava se enroscando no zíper.

Grunhi.

— *Dilloooooooooooooon!* — gritei mais uma vez.

Um instante depois, meu irmão apareceu na porta, emburrado. Seus cabelos castanhos estavam bagunçados e sua samba-canção dizia por si só que ele provavelmente havia acordado há menos de dez minutos. Joguei a cabeça para trás, em uma tentativa falha de tirar meu cabelo do rosto para observá-lo, e fiz meu melhor biquinho de irmã caçula.

— Você pode me ajudar? — perguntei, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele continuou parado enquanto me analisava, com uma tigela de cereal em mãos e aquele sorriso irritante nos lábios que deixava claro que ele acordara determinado a me tirar do sério.

— Prefiro ficar aqui e assistir ao show. — Ele recostou-se no batente da porta, antes de levar mais uma vez a colher à boca. — Quanto tempo?

— Dez minutos? — respondi em tom de dúvida, minha voz demonstrando que claramente não me importava quanto tempo eu havia perdido tentando fechar aquela mala sozinha. — *Por favor, Dillon.*

— Mais dois minutos.

— O quê?

— Mais dois minutos e você bateria seu recorde — disse ele, de boca cheia. Depois levantou a mão livre e gesticulou como se a próxima frase estivesse estampada em um maldito outdoor: — *Quanto tempo Maeve Lynn Miller dura sem gritar por ajuda? Não perca os próximos episódios de "Tente e Falhe Miseravelmente". Apenas aqui, na casa dos Miller.*

Bufei.

PERIGOSAS ACHERON

Então empurrei a mala para baixo com força, desejando que fosse seu maldito rosto ali para que eu pudesse sufocá-lo um pouquinho. *Só um pouquinho.*

Escutei quando ele deixou sua tigela em minha escrivaninha e se aproximou, sabendo que sua tentativa de me irritar às sete da manhã não resultaria em nada bom, caso continuasse insistindo.

— Vamos, pirralha, saia daí — murmurou, e eu assim o fiz, deixando que ele tomasse comando da situação.

Como sempre havia sido.

Eu tentava, mas Dillon e papai simplesmente não permitiam que eu tomasse as rédeas da minha vida. Sempre criando problemas com todas as minhas escolhas, os dois insistiam em controlar cada detalhe da minha vida, do meu círculo social e até mesmo dos meus estudos.

"Não, Maeve, Matt Wood é um completo babaca. Você não deveria ficar com ele", meu irmão disse, quando descobriu que Matt e eu estávamos trocando algumas mensagens, mas eu

sabia que aquilo não era um conselho.

Seus olhos azuis, quase soltando faíscas, me diziam que o belo rosto de Matt não seria mais tão belo se eu insistisse naquilo. E eu não duvidava nem um pouco dele, uma vez que o punho de Dillon conhecia todos os caras que tentaram se aproximar de sua *irmãzinha*.

Eu sabia que seu conselho, na verdade, era uma ordem.

Não que eu ligasse para as suas ordens.

Não me lembrava de ter cumprido uma delas sequer. E simplesmente adorava o fato de que isso tirava Dillon completamente do sério.

Adorava saber que eu lhe dava um pouco de trabalho.

— Sente-se — ordenou, com alguns tapinhas na mala. Eu me sentei sem protestar, e ele me puxou para um dos cantos da mala sem esforço algum, levantando seus olhos apenas para indicar que nem mesmo *isto* eu havia feito corretamente. — Você sabe que são apenas seis dias, não sabe?

— Claro que sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está levando roupa para um mês inteiro, Maeve — Dillon comentou, deslizando o zíper pela mala. Depois me puxou para que eu fizesse peso ao lado contrário, que continuava aberto.

O barulho do zíper me fez sorrir.

— Sou prevenida.

— Você não vai usar nem metade das suas roupas.

— Bem, então o problema será meu — rebati.
— Será que você pode parar de opinar agora?

Dillon revirou seus olhos.

— Tanto faz. Vamos sair em meia hora, Maeve — avisou, antes de pegar sua tigela de cereal e dar mais uma colherada. Quando alcançou a porta, seus pés giraram novamente em minha direção e eu vi a reprovação em seus olhos azuis.
— *Meia. Hora.* — Fez uma pausa. — Nem um minuto a mais.

— Claro, *pai* — resmunguei, ainda sentada exatamente onde ele havia me deixado. Mas, no momento em que meu irmão deu as costas, eu revirei meus olhos. — Mandão.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu ouvi isso! — ele gritou do corredor.

— Eu não ligo! — gritei de volta, levantando-me apenas para bater com força a porta que ele havia deixado aberta.

Sorri satisfeita e girei os calcanhares para me deitar na cama. O barulho abafado indicando uma mensagem em meu celular rapidamente fez com que eu procurasse o aparelho por entre os lençóis ainda desarrumados.

A porta se abriu novamente e apenas a cabeça de Dillon surgiu em meu quarto.

— Meia hora, Maeve — repetiu, em uma intenção clara de me tirar do sério. Tateei rapidamente a cama em busca de um dos meus travesseiros e o joguei em sua direção, mas Dillon foi mais rápido ao fechar a porta. — E desça logo, pirralha, as panuecas vão esfriar — gritou através da madeira.

Eu revirei os olhos para o apelido, o qual deixava a entender que Dillon era anos mais velho que eu, quando na verdade nossa diferença era de apenas um ano e dois meses. Contudo, antes que eu pudesse me irritar demais com aquilo, meu celular

voltou a apitar, indicando novas mensagens.

Mensagem de Andy Smith às 10h31:

"Eve?"

"Já ficou sabendo da novidade?"

Meus olhos estreitaram-se.

Mainport era conhecida por ser uma cidade extremamente pacata e pequena, localizada no interior da Inglaterra. Seus dias eram sempre os mesmos, nenhum de nós estávamos acostumados com qualquer tipo de *novidade* e, era exatamente por esse motivo, que qualquer pequeno acontecimento poderia se tornar uma grande e insuportável notícia se caísse na boca do povo.

E, por mais insignificante que fosse, as coisas *sempre* caíam na boca do povo.

Mensagem de Maeve Miller às 10h32:

"Passei a manhã arrumando minha mala para a viagem, estou por fora."

Continuei a encarar a mensagem, aguardando
PERIGOSAS ACHERON

curiosamente pelos três pontinhos que indicavam que Andy estava digitando, mas o grito feminino vindo do andar de baixo, ordenando que eu descesse, me fez sair da cama em um pulo.

— Maeve, querida, suas panquecas vão esfriar — disse minha mãe, assim que meus pés alcançaram o último degrau.

Papai já estava sentado à mesa, enquanto tomava seu café e lia o tedioso jornal de Mainport. Eu me sentei ao seu lado, em frente ao Dillon, que parecia ocupado demais se deliciando com suas panquecas para sequer levantar seus olhos até os meus.

— Sua mala está pronta? — perguntou meu pai, dobrando o jornal para me observar. Quando eu assenti com a cabeça, ele anuiu e virou o resto de seu café antes de usar seu tom reprovador: — Espero que se comporte, Maeve.

— Vou ficar de olho nela — garantiu Dillon, de boca cheia.

— *Eu* deveria ficar de olho em você — resmunguei.

— *Eu* sou o irmão mais velho.

Arqueei as sobrancelhas.

— Isso não significa nada.

— Cala a boca, Maeve.

— Vai se foder, Dillon.

— Garotos... — mamãe resmungou, em repreensão.

Eu enfiei um grande pedaço de panqueca na boca, para mantê-la ocupada por tempo suficiente, e tentei não sorrir ao ver Dillon fazer o mesmo. Ficamos nos encarando seriamente, competindo em silêncio até que um de nós se sentisse intimidado o suficiente para desviar o olhar.

Não foi o que aconteceu.

Dillon e eu éramos orgulhosos demais para levantar bandeira branca durante a disputa de olhares. Normalmente ficávamos naquela batalha até que algum fator externo finalmente nos interrompesse.

Hoje foi a vez de meu pai assumir o papel de *fator externo*.

— Bom, o trabalho me chama — disse ele, levantando-se para depositar um beijo estalado em

nossas bochechas.

— Qual será o caso de hoje, pai? Um gatinho preso em alguma árvore? — meu irmão questionou, claramente tentado a provocar.

Eu revirei meus olhos.

Aquele provavelmente era seu passatempo favorito:

Provocar.

Felizmente, meu pai já vinha se blindando há vinte anos contra o veneno daquela víbora que ele chamava de filho. Dillon foi ignorado com sucesso, o que me fez repetir com ainda mais determinação que eu gostaria de ter a maturidade que meu pai tinha quando eu crescesse. Afinal, eu vinha me blindando há dezenove anos e, mesmo assim, meu irmão conseguia me dar nos nervos com o simples ato de respirar.

— Voltem vivos, crianças — disse meu pai, após depositar um beijo estalado na bochecha da minha mãe.

— É o que pretendemos, xerife — respondeu Dillon.

Então ele pegou sua jaqueta de xerife e bateu a porta ao sair, deixando-me sozinha com minhas panquecas, mamãe e meu irmão.

Nós continuamos a comer sem trocar mais nenhuma palavra. Teria sido um café da manhã *quase* pacífico se minha cabeça não estivesse funcionando a mil por hora enquanto eu procurava por uma forma de dizer ao meu irmão super protetor que Matt Wood também iria à viagem conosco.

— Dillon — eu disse —, preciso que você seja legal com o Matt essa viagem.

Então ele engasgou com a comida e precisou de alguns segundos para se recompor.

— Matt? — Sua voz saiu mais fina que o normal. — Matt Wood?

— Qual é o problema? — Arqueei uma sobancelha.

— Ele vai? Sem chances, Maeve. Matt não vai trepar com você enquanto eu estiver debaixo do mesmo teto.

Foi minha vez de engasgar com o suco de laranja.

— Dillon! — minha mãe o repreendeu.

— Eu não vou *trepas* com ele — me defendi.

Ele soltou uma risada tomada pela ironia.

— Não vai *mesmo*.

— Não vou porque eu não quero — falei, em um tom despreocupadamente educado. — E não porque *você disse* que eu não vou.

— Céus, quando vocês vão aprender a parar de discutir? — mamãe tentou intervir.

Dillon me olhou com falso desdém.

— Ótimo — ele disse.

— Ótimo — respondi.

— Não precisa nem levar camisinha então. — E deu um meio sorriso odioso.

Eu cerrei meus punhos, pronta para voltar à batalha de insultos com Dillon, mas fui rapidamente interrompida pelo toque do meu celular, indicando uma nova mensagem. Respirei fundo e voltei minha atenção ao aparelho.

Mensagem de Andy Smith às 10h56:

"Eve, o Leon voltou."

Meu corpo gelou.

— O quê? — Uma risada nervosa escapou dos meus lábios. — Não, não, não, não, não...

— Problemas no paraíso, Maeve? — meu irmão provocou.

Eu estreitei meus olhos até ele, mas antes que pudesse respondê-lo com a resposta mais mal-educada que me vinha à mente, a campainha tocou e o sorriso de Dillon cresceu.

— Conheço esse sorriso, Dillon — murmurei. — O que você está tramando?

Ele apenas deu de ombros.

Novamente, o som da campainha ressoou pelo cômodo.

— Maeve, querida, você poderia, por favor, atender a porta? — pediu minha mãe, da área de serviço.

Depois de uma breve tentativa de desvendar o que se passava na cabeça do meu irmão apenas ameaçando-o com os olhos, me levantei em direção

à porta e aproveitei a oportunidade para dar um tapa na nuca de Dillon, que praguejou alguma grosseria incompreensível graças ao pedaço de panqueca na boca. Quando a campainha tocou pela terceira vez, eu estava determinada a mandar para o inferno quem quer que fosse ao outro lado da porta por ser tão impaciente. Mas então meu corpo congelou quando eu girei a maçaneta e, durante um bom tempo, não consegui encontrar a voz em meu interior.

Inacreditável.

Aquilo não poderia ser real.

Leon Coleman estava encostado no batente da porta, com o sorriso mais prepotente possível estampado em seu rosto. Ele desenvolvera aquele charme cínico anos atrás, pouco antes de começarmos a namorar. Naquela época o sorriso arrogante e cheio de si era uma das coisas que eu mais adorava sobre ele. Mas agora, dois anos após o nosso término, aquele mesmo sorriso parecia mais irritante que nunca.

Seus cabelos claros, que não conseguiam se decidir entre o castanho e o loiro, estavam mais compridos do que eu me lembrava e,

PERIGOSAS ACHERON

aparentemente, ele não havia se dado o trabalho de arrumá-los naquela manhã. Os músculos perfeitos estavam por toda a parte e gritavam que ele trabalhara duro para adquiri-los. Leon tinha uma aparência bruta, talvez até um pouco misteriosa. Os cílios longos escondiam os olhos verdes com os quais um dia eu estive acostumada.

Ele estava ainda mais bonito agora.

A postura preguiçosa e sexy, enquanto ele se mantinha encostado no batente da porta como quem não queria nada.

Tentei ignorar sua beleza, mas minha pulsação acelerou mesmo assim.

Leon Coleman realmente estava ali.

A menos de um metro de mim.

Após dois anos.

O que ele estava fazendo aqui?

— Maeve. — O som suave e familiar de sua voz dançou em meus ouvidos. — Quanto tempo.

Rezei para ele não notar quando precisei me apoiar na porta, atrás de mais estabilidade. Senti-lo perto de mim me deixou tão desorientada que

PERIGOSAS NACIONAIS

demorei alguns segundos para processar suas palavras.

Quando o esboço de uma covinha surgiu em uma das suas bochechas, tive certeza que ele estava se divertindo com o efeito que sua presença pareceu causar em mim, portanto não demorei para me empertigar e olhar para o garoto com indiferença.

— Coleman.

— Senti sua falta, Maeve. Está linda, como sempre.

Engoli em seco com o comentário, sem reação. Ele era um completo idiota se realmente achava que eu derreteria com pouco mais de meia dúzia de palavras. Nossos olhos se encontraram novamente, e eu me incomodei com toda intensidade que encontrei ali. Havia algo indecifrável escondido no tom esverdeado de suas íris.

— Pronta para a viagem?

— Você não foi convidado — respondi automaticamente, com um desprezo não programado em minha voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leon não pareceu perceber. E, se percebeu, não pareceu se afetar.

— Claro que foi. — A voz de Dillon chegou por trás, antes que eu pudesse sentir seu corpo próximo ao meu.

O sorriso atraente de Leon cresceu quando ele viu meu irmão, que passou por mim apenas para abraçar com força meu ex-namorado e seu ex — *talvez não tão ex assim* — melhor amigo.

Senti meu rosto arder de raiva.

— Não foi não — reforcei.

Leon esfregou a boca, disfarçando um sorriso que deixava bem claro que ele sabia de algo que eu não sabia. Então colocou as mãos no bolso da jaqueta, fazendo questão de manter o contato visual.

— Encontrei seu irmão ontem, Maeve — explicou ele. — Você sabe... Mainport é uma cidade pequena. Não foi nada planejado.

Eu não queria saber.

Minha vontade era de manda-lo calar a boca, mas me contive.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós não temos lugar na casa. — Achei importante ser direta, para que Leon desse meia-volta e voltasse para sua querida Londres.

Dizer que eu não o queria ali teria sido óbvio demais.

Meu irmão riu, os lábios repuxados maldosamente em um sorriso tomado pelo escárnio.

— Onde cabem oito pessoas, cabem nove, pirralha.

Então finalmente voltei minha atenção diretamente a Dillon, indignada.

— Você deveria ter me avisado — soprei.

— Pensei que fosse ficar feliz com a surpresa — justificou Dillon, mas eu sabia que ele estava mentindo. — Você não está feliz, Maeve?

Então eu intercalei meus olhos entre os dois, que me observavam com diversão, e lentamente retribuí um sorriso forçado, não conseguindo encontrar minha voz para respondê-lo. O silêncio continuou entre nós, sufocante e levemente doloroso. Os olhos verdes do meu ex-namorado exalando uma intensidade absurda enquanto me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

observavam com curiosidade e, por um momento, eu me esqueci como se falava.

Seu sorriso cresceu, dessa vez diferente. Era lindo e reservado.

— Ah, ela está — Leon respondeu por mim, dando um passo à frente. Seu perfume me deixou tão alerta quanto seus olhos grudados aos meus, confiantes demais para o meu gosto. — Eu a conheço bem o suficiente para saber que está. Tenho certeza de que iremos nos divertir muito durante os próximos dias.

Assim que me dei conta de toda aquela prepotência que acompanhava suas palavras, me afastei. Queria manda-lo ir para o inferno, mas tive medo de não conseguir. Também queria poder encontrar alguma forma de impedi-lo de ir à viagem conosco, mas eu sabia que aquilo seria impossível.

Grunhi, frustrada.

Aparentemente, eu estaria presa a Leon Coleman durante os próximos seis dias.

Inacreditável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

O céu assumiu um tom cinza-escuro pouco antes de chegarmos aos pés das montanhas. Nuvens cinzas e terríveis se estendiam em todas as direções quando a estrada se estreitou e nós começamos a passar por entre as árvores. Dillon estava com o pé afundado no acelerador, em uma tentativa claramente estúpida de fazer com que chegássemos na cabana antes que a tempestade nos alcançasse. A estrada era íngreme e nós subíamos em zigue-zague. As curvas eram fechadas demais para que estivéssemos na velocidade em que estávamos, mas nenhum de nós contestou em momento algum.

Leon estava sentado no banco carona, ao lado de Dillon, com os pés no painel e o banco levemente reclinado. Seus olhos estavam atentos na estrada, mas sua postura completamente relaxada. Eu, por outro lado, estava tensa pra caramba e odiava saber não ser por conta da estrada. Uma curva equivocada e nós provavelmente perderíamos o controle do carro, mas aquilo definitivamente não parecia me deixar mais apavorada do quê Leon

estar há menos de um metro de mim.

Era difícil ignorar sua presença quando tudo que minha mente conseguia pensar era nele.

E aquilo estava começando a me deixar mal-humorada pra caramba.

A chuva não demorou para nos encontrar, batendo furiosamente contra o vidro e deixando cada um de nós em um estado claro de alerta. Dillon desacelerou quando os limpadores de para-brisa deixaram de ser o suficiente para remover a água rápido o bastante, e eu não sei se aquilo fez com que o suspiro que escapou por meus lábios fosse de desespero ou alívio.

— Eu disse que deveríamos ter esperado as nuvens irem embora antes de subirmos as montanhas — falei, começando a ficar inquieta. — Por que vocês nunca me escutam?

— Porque você nunca está certa — respondeu meu irmão, sem desviar os olhos da estrada.

— Ah não? — Arqueei uma sobrancelha, olhando-o pelo retrovisor. — Tem certeza disso, idiota?

Ele revirou os olhos e abriu a boca, pronto

PERIGOSAS ACHERON

para iniciar uma discussão das grandes.

— É só uma chuva de verão, Maeve — respondeu Leon, intervindo, com uma postura tão relaxada no banco do carona que por um momento eu me perguntei se estávamos na mesma tempestade. — Em cinco minutos ela já terá ido embora.

— Certo — eu disse, mordendo o lábio, nervosa.

— É melhor eu ligar para o Wood e avisar da tempestade, caso eles ainda não estejam nas montanhas — disse Nathan, ao meu lado.

— Wood? — perguntou Leon, provavelmente reconhecendo o sobrenome. — Matthew Wood?

Nathan Davies, meu melhor amigo, desviou seus olhos do celular para observá-lo, e eu rapidamente notei quando seu pomo de adão subiu e desceu assim que ele engoliu em seco. Seus olhos castanhos vieram de encontro aos meus segundos mais tarde, e eu provavelmente teria rido do pânico que vi em suas íris se estivéssemos em qualquer outra ocasião que não fosse essa.

O clima pesou e nenhum de nós soube ao certo

o que dizer. O silêncio que se instalou entre nós foi o suficiente para que Leon concluísse por si só que Matt Wood estaria na mesma cabana que ele durante os próximos seis dias. Então ele soltou uma risada curta, desacreditado.

— É, Coleman... O mundo dá voltas — disse meu irmão, tirando uma das mãos do volante para lhe dar alguns tapas consoladores no ombro. — O filho da puta do Wood está pegando a minha...

— Como foi em Londres? — eu perguntei, antes que Dillon completasse a frase, esperando soar entediada.

Meu irmão soltou uma risada nasalar imediatamente e balançou a cabeça. Eu sabia o que aquele gesto significava: eu não conseguiria esconder de Leon o que quer que fosse que eu tinha com Matt por muito tempo. Minha prioridade, no entanto, era manter aquele assunto o mais longe possível dos ouvidos dele. Afinal, diferente da víbora que eu chamava de *irmão*, eu estava tentando levar em conta a paz que deveria reinar nessa cabana durante os próximos seis dias.

Pela paz. *Apenas* pela paz.

Certo, Maeve?

Certo.

Leon olhou em minha direção quando percebeu que minha pergunta só poderia ter sido direcionada a ele, seus olhos parecendo mãos percorrendo todo meu corpo. Senti-me levemente sufocada com sua análise, mas não desviei o olhar. Não lhe daria o gostinho de vitória quando percebesse o efeito que ele ainda parecia causar em mim, no entanto meu coração pulsou mesmo assim.

— Bom — ele disse, simplesmente.

Dois anos sem uma notícia sequer e aquilo era tudo que ele tinha a dizer?

Eu não poderia esperar menos de Leon Coleman.

— Então por que não ficou por lá? — O desgosto em minha voz não foi programado.

Nathan segurou a risada ao meu lado.

Algo indecifrável enevoou os olhos de Leon.

Ele continuou a me observar atentamente, os olhos escuros e nada convidativos. Os lábios comprimidos após minha fala e os músculos do

rosto visivelmente tensos. Não fazia ideia do que ele estava pensando e odiava isso. Leon parecia mais reservado que nunca e aquilo apenas atiçava ainda mais minha curiosidade.

— Circunstâncias da vida, Maeve. — Sua voz era fria e distante, não podendo deixar mais claro que Londres era um assunto estritamente proibido.

Tive que conter um sorriso ao perceber que ele estava começando a ficar irritado.

E eu estava prestes a provoca-lo mais um pouco quando fui interrompida.

— Estamos sem sinal — disse Nathan, afundando no banco. — Não consegui falar com ele.

Mas nenhum de nós respondeu.

Dillon estava focado demais na estrada, e Leon e eu estávamos travando uma batalha de olhares fulminantes para sequer pensar em qualquer outra coisa. Eu tinha prática o suficiente para não descolar meus olhos dos seus por quanto tempo fosse preciso, a julgar pela quantidade de vezes que Dillon e eu travávamos a mesma batalha. Mas aqueles olhos verdes, intensos e sombrios estavam

começando a me incomodar mais que o normal.

Céus, aquela seria a viagem mais longa da minha vida.

Após longos segundos, que mais me pareceram horas, o garoto finalmente levantou a bandeira branca, virando-se no assento e desviando sua atenção novamente à estrada.

Ótimo.

Soltei um suspiro inaudível.

Depois encostei o rosto na janela fria e fechei os olhos, tentando ignorar o barulho quase ensurdecedor das gotas de chuva contra o carro. Tudo o que me restava agora era torcer para que chegássemos vivos à cabana.

E que saíssemos vivos de lá também.



A chuva só deu trégua quando finalmente chegamos. A viagem até lá havia sido dolorosamente lenta e silenciosa. Dillon passou o restante do caminho tentando não nos matar atrás

do volante e Leon parecia emburrado demais com a descoberta sobre Matthew para abrir um sorriso e ser amigável. Nathan e eu também optamos pelo silêncio, apesar de sentir a ansiedade do meu melhor amigo em conversar comigo desde que ele entrou no carro e deu de cara com Leon.

Pela janela, pude ver que a cabana era grande o suficiente para acomodar nove pessoas. Também era mais moderna do que eu havia imaginado, mas possuía uma certa harmonia com a floresta à sua volta ao manter um estilo amadeirado e rústico. As nuvens carregadas completavam o cenário cinzento que eu sinceramente estava esperando que não se perdurasse durante os próximos dias, caso o contrário não teríamos muito o que fazer ali além de beber e jogar algum jogo de cartas.

O carro de Matt já estava estacionado em frente à cabana, o que significava que eles provavelmente já haviam estabelecido os quartos e eu deveria torcer para que Andy Smith tivesse sido uma boa amiga e me colocado acima do seu apetite sexual com seu namorado, vulgo Liam Johnson.

Encontrar o casal vinte ao lado de fora da cabana assim que abri a porta do carro não foi

surpresa alguma para mim. Os dois estavam encostados próximos à entrada, enquanto Liam desfrutava de um cigarro. Andy sorriu para mim, mas não demorou muito para que sua atenção fosse 100% voltada a Leon Coleman.

Ele sabia como chamar atenção quando queria e eu tinha certeza que chegar de surpresa em uma casa tomada por jovens que não tinham notícias dele há mais de dois anos, não havia sido por acaso. A recepção que ele teria, com muitos queixos caídos e pessoas surpresas, com certeza foi a melhor forma que ele havia encontrado de inflar seu ego.

— Cacete — ouvi Liam soprar, diante da figura de Leon.

— Leon Coleman — disse Andy, encurtando a distância entre eles com um abraço apertado. — Você adora impressionar, *huh?*

Contive uma careta.

Minha vontade era de revirar os olhos, mas mantive a classe e aproveitei para abrir um sorriso amigável na direção de Johnson como forma de saudação. Aquela demonstração de afeto *quase* me

pegou de surpresa, se não fosse pelo fato de que Leon e Andy andavam grudados desde o início do colegial.

— Não mais quanto adoro o fato de saber que você e Liam estão finalmente juntos — ele disse, bagunçando os cabelos loiros da minha melhor amiga antes de se soltar para cumprimentar o dito cujo.

Minhas sobrancelhas se arquearam com sua fala. Coleman de fato estava completamente por fora de tudo que havia acontecido em Mainport durante os dois últimos anos. No entanto, não era como se ele houvesse perdido muito, a julgar pela monotonia que a cidade carregava consigo.

Os garotos não demoraram para entrar e se acomodarem nos quartos. Eu estava louca para fazer o mesmo, mas Andy rapidamente me impediu quando me segurou pelo braço e me encarou com seus olhos esverdeados banhados pela dúvida.

— Oi? — perguntou, e eu imediatamente soube que ela se referia a Leon.

Dei de ombros, tentando me conformar com aquela situação toda.

— Nem me diga. Obra de Dillon Sean Miller.

Andy suspirou com minha resposta. Sua boca entreaberta expressava seu choque enquanto eu tinha certeza de que, dentro de sua mente, ela reproduzia todas as possíveis brigas que teríamos durante os próximos seis dias, se agíssemos como os adolescentes que estávamos acostumados a agir.

— Você sabe que o Matt está aqui, não sabe?

— Claro que sei — eu respondi, deixando escapar um suspiro audível.

— E ele está louco para ficar com você.

— Problema dele, nós não temos nada — fui direta.

Andy foi pega de surpresa. Claro que foi.

Apesar de Matthew e eu nunca termos estabelecido nada, era de se esperar que nessa viagem nós curtíssemos alguns momentos juntos. Surpreendentemente, eu já não parecia mais tão animada com aquela ideia.

A volta de Leon Coleman mudava tudo. Afinal, nós tínhamos assuntos inacabados e um dos grandes motivos do nosso término, dois anos atrás,

ironicamente havia sido Matthew Wood.

Andy estreitou seus olhos em minha direção, como se tentasse desvendar meus pensamentos, e então cruzou os braços sob o peito.

— Não me diga que está fazendo isso por conta do Leon, Maeve — sua voz carregava um tom de acusação que não me agradava nem um pouco.

— É claro que não.

O que era uma grande mentira.

— Então você não vai ficar com Leon nessa viagem? — ela insistiu, analisando-me da cabeça aos pés.

Soltei um riso nervoso.

— Não seja ridícula, Andy. Até parece que você não me conhece.

Mas a ideia tinha passado pela minha cabeça mais vezes do que eu poderia imaginar.

Leon estava ainda mais bonito agora e, talvez, até um pouco mais maduro. No entanto, meu consciente ainda gritava que nós nunca daríamos certos. Afinal, nós nunca demos. Foram três anos

PERIGOSAS NACIONAIS

que passei ao seu lado. Três anos que apenas me provaram que nós dois éramos intensos demais para estarmos juntos.

Insistir em alguém como ele seria burrice.

Colleman não era o tipo de pessoa com quem eu gostaria de me envolver. Ele era complexo demais para mim, e, de complexidade, já bastava a minha.

Andy soltou o ar, se dando por vencida, e então disse:

— Será uma longa viagem.

Eu suspirei, concordando.

Longa pra caralho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A cabana em que estávamos comportava facilmente nove pessoas. Eram quatro quartos equipados com banheiros e cama de casal. A sala de estar era enorme e a cozinha, americana, o que facilitava ainda mais a interação entre todos nós durante as refeições.

Felizmente eu havia conseguido ficar com o maior quarto da casa.

Infelizmente, eu estava sendo obrigada a dividi-lo com meu irmão e Leon.

Eu queria seriamente esganar quem quer tivesse organizado aquela divisão estúpida, mas aparentemente havia sido uma decisão *unanime* da qual eu não havia participado por ter ficado ao lado de fora da casa fofocando com Andy assim que cheguei.

Leon havia tido o bom senso de se oferecer para dormir no sofá da sala – levando em conta que ele era um completo intruso naquela viagem –, mas, para a sua sorte e meu infortúnio, o quarto em que Dillon e eu ficaríamos vinha com um maldito sofá-cama de brinde, no qual ele poderia dormir

PERIGOSAS ACHERON

mais confortavelmente.

Claro que aquilo não havia me agradado nem um pouco, mas convencer Andy de chutar Liam para fora da cama e me deixar dormir com ela foi impossível. Também tentei convencer Nathan, que estava dividindo quarto com Matthew, mas colocar Matt e meu ex-namorado para dividirem o mesmo cômodo também era algo fora de cogitação. Violet e Luna ocupavam o terceiro quarto, contudo eu não era próxima o suficiente para pedir-lhes qualquer tipo de favor, ainda mais sendo este dividir uma cama com o babaca do meu irmão.

Então pensei em partir para o plano B: tacar fogo no sofá-cama para que Leon tivesse que se contentar com o sofá da sala de estar. Mas meu receio de incendiar a cabana inteira logo na primeira noite gritou mais alto e eu tive que me conformar de que, além de ter que passar seis dias com meu ex-namorado, eu teria que passar seis dias *dividindo* quarto com ele.

Dessa forma, lá estava eu, rolando na cama durante a noite inteira. Pregargos olhos parecia impossível, principalmente com Dillon Sean roncando ao meu lado. Minha vontade de sufoca-lo

PERIGOSAS NACIONAIS

com um travesseiro parecia aumentar à medida que o barulho do seu ronco chegava aos meus ouvidos, mas eu tentei me conter.

Suspirei, sem uma gota de sono. Meu cérebro parecia mais acordado que nunca, meus pensamentos a mil por hora. A casa, por outro lado, era reinada pelo silêncio.

Eu definitivamente era a única acordada.

Bufei.

Contrariada, pus-me de pé silenciosamente atrás do meu maço de cigarros, antes de arrastar-me para fora do quarto. O corredor era longo e estreito, mas a luz do luar atravessando as janelas e iluminando a sala de estar foi o suficiente para que eu conseguisse me guiar até lá sem precisar me preocupar em procurar pelo interruptor.

A sala já estava uma maldita bagunça e nós mal havíamos nos estabelecido direito. A louça estava entupida de pratos e eu *quase* decidi lavar tudo aquilo sozinha. Contudo, entre fumar um cigarro e lavar pratos, eu definitivamente estava mais apta a escolher a primeira opção.

O clima estava fresco quando me coloquei ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lado de fora, sentando-me nas escadas da entrada da cabana. A escuridão da floresta em volta da casa era assustadora pra caramba, mas quando levantei meus olhos para o céu, me esqueci completamente do cenário sombrio a minha volta. O céu estrelado definitivamente roubou 100% da minha atenção.

Lembrei-me da paz que preenchia meu peito toda a vez que eu me deitava sobre a grama para observar o céu quando criança, e sorri. Durante o meu dia a dia em Mainport, poucas vezes eu havia tirado um tempo da minha rotina para apreciar aquela tela infinita. O céu azul claro, com nuvens em seus formatos engraçados, sempre foi lindo e divertido de se apreciar, mas nada se comparava à vista do céu estrelado que eu tinha naquele momento.

— Sem sono? — uma voz rouca perguntou no pé do meu ouvido.

Eu segurei um grito, pronta para socar quem quer que estivesse ali, *especialmente* depois de ver o sorriso infantil nos lábios de Coleman assim que ele se sentou ao meu lado.

Sem camisa.

PERIGOSAS ACHERON

A única peça de roupa que ele usava era uma calça moletom larga.

E uau.

Ele era um maldito filho da puta gostoso pra cacete.

— Seu idiota! — sussurrei entredentes, falando miseravelmente ao tentar ignorar o que estava diante dos meus olhos. Nem mesmo o céu conseguiria roubar minha atenção agora. — Você me assustou.

Leon soltou um riso nasalar, me fitando de cima a baixo, no meu shortinho de pijama e blusinha de alcinha, sem nem tentar disfarçar que gostava do que via. Limpei a garganta, esperando que aquilo fosse o suficiente para que ele deixasse de basicamente me comer com os olhos e tomar um pouco de vergonha na cara, mas ele não percebeu. E, se percebeu, não pareceu se importar.

Eu engoli em seco, tentando não deixar claro que sua análise completa estava me deixando totalmente desconfortável.

Apesar do escuro, eu conseguia enxergar todas as linhas do seu rosto. Quanto mais eu passeava

meus olhos por seus traços, mais familiar eles se tornavam. A covinha na bochecha direita ainda estava ali quando ele abria aquele sorriso zombeteiro, fazendo os cantos dos seus olhos se enrugarem de leve. Eu adorava saber que aqueles pequenos detalhes continuavam ali, acompanhando-o, apesar do passar dos anos.

Seus cabelos também estavam mais compridos. Nos dias mais quentes dos treinos de lacrosse, Leon vivia reclamando do cabelo, mas eu sempre conseguia convencê-lo a não cortar. Gostava do comprimento dos seus fios dourados, mas estaria mentindo se dissesse que ele não ficava ainda mais bonito com eles assim, um pouco mais compridos e bagunçados que o normal. A lembrança provocou um desconforto dentro de mim e eu procurei colocar a nostalgia de lado.

— Por que está acordado? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Também não consigo dormir.

— O que foi? Está com medo de *Jason Voorhees*? — A frase saiu antes que eu pudesse evitar, e um sorriso ladino se abriu

automaticamente em meu rosto.

Leon não aguentou a risada. Seus ângulos rígidos se suavizaram e ele jogou a cabeça para trás, rindo alto ao se lembrar exatamente do que eu estava falando. Era uma boa lembrança. Nosso primeiro Halloween juntos. Sempre levei o Halloween muito a sério e fantasias provocativas e sexy nunca fizeram o meu tipo. Eu estava fantasiada de Jason. Adorava estar assustadora pra cacete e, como uma boa admiradora de filmes de terror clássicos, Jason Voorhees não poderia ficar de fora da minha lista de fantasias.

Perfeccionista como sempre fui, era claro que até mesmo Leon havia demorado um tempo para acalmar os nervos depois do susto que havia lhe dado quando nos encontramos.

— Cacete Maeve, eu acho que caguei nas calças — ele disse, com a mão no peito para checar as batidas do seu coração.

Diferente de mim, tudo que Leon trajava eram roupas pretas, uma capa comprida e dentaduras de vampiro, alegando ser o melhor drácula de toda Mainport. Tive vontade de rir na sua cara, mas deixei que ele pensasse durante a noite toda que ele

PERIGOSAS ACHERON

estava *quase* tão bem caracterizado quanto eu. Coitado.

— Nenhum Jason Voorhees poderia me assustar mais que *você* vestida de Jason Voorhees — disse Leon, me transportando de volta para o presente. Depois passou a mão no queixo, fingindo refletir. — Embora... nós estejamos em um lugar bastante suscetível para um ataque digno de filme de terror.

Soltei um riso nasalar.

— Se isso aqui fosse uma espécie de "acampamento da morte" eu definitivamente teria ficado em Mainport.

Leon não respondeu, mas o sorriso descontraído que ele carregava em seus lábios fazia daquela imagem muito sedutora. Por um breve instante, quis congelar o tempo para apreciá-lo mais um pouco, e na mesma hora me repreendi por estar me deixando levar por ele.

Soltei o ar e desviei meus olhos dali mesmo que contra a minha vontade, finalmente puxando um cigarro do maço e colocando-o entre meus lábios. Senti os olhos reprovadores de Coleman

queimando em minha direção, mas ignorei. Ele sempre havia sido contra o cigarro, principalmente considerando que eu era menor de idade quando havia começado com aquele péssimo hábito. Leon havia me ajudado a parar perto do fim do nosso namoro, mas é claro que depois que ele se foi, foi difícil evitar voltar.

— Pensei que tivesse largado — ele disse.

Eu acendi o cigarro e traguei em silêncio, jogando a cabeça para trás para olhar as estrelas após sentir o alívio preencher meu corpo com a nicotina.

— Fazem dois anos, Leon. Os hábitos mudam.

— Bom, normalmente nós tentamos muda-los para melhor.

Fiquei em silêncio, sem saber ao certo como responder. Leon tombou a cabeça de lado, descendo demoradamente seus olhos pelo meu rosto, de um jeito que fez com que eu me sentisse cada vez mais transparente. E desconfortável.

— Você deveria largar, Maeve — disse ele, sério, apesar da voz sair quase como um sussurro por entre os lábios carnudos.

Soprei a fumaça em seu rosto, deixando claro que não estava gostando daquela conversa, mas ele não se deixou afetar. Continuou me encarando a espera de uma resposta.

— Me dê um bom motivo para largar — foi tudo o que eu disse, crente de que ele aquilo seria o suficiente para calá-lo.

No entanto, não gostei do jeito demorado e tranquilo com que seus olhos verdes me observaram. Ficamos encarando um ao outro em silêncio. Minha pulsação vibrava, firme e forte enquanto eu esperava por um sinal que deixasse claro que ele não havia uma boa resposta. Contudo, um brilho inexplicável assumiu seus orbes verdes e eu soube que ele sabia exatamente o que dizer, apesar de não fazer ideia do que poderia ser. Tudo o que sabia, era que *odiava* não conseguir identificar o que Leon transparecia.

Com a voz rouca, ele murmurou:

— Eu ainda amo você.

Olhei para ele, sem reação. Isso era a última coisa que eu esperava e, por um momento, pensei que ele estivesse brincando. Contudo, seu rosto me

PERIGOSAS NACIONAIS

pareceu sincero o bastante para me fazer acreditar em suas palavras.

O silêncio era ensurdecedor e sua presença havia se tornado sufocante novamente.

Os segundos se passaram e nenhum de nós disse nada. Então ele soltou um suspiro pesado e olhou de relance para o cigarro em meus dedos antes de voltar a grudar seus olhos nos meus.

— Nunca deixei de amar — continuou. — Acho que isso deveria ser um motivo bom o suficiente para largar o que te mata aos poucos.

Eu engoli em seco e desviei meus olhos, sentindo meu estômago se revirar. Então apaguei o cigarro no canto da escada e respirei fundo, balançado a cabeça.

— Sinto muito por não pensar da mesma forma que você — sussurrei, encontrando o tom claro de seus glóbulos mais uma vez. — Para mim, isso está longe de ser um bom motivo.

Leon franziu a sobrancelha.

De repente, seus olhos estavam escuros e vazios, e eu conseguia identificar claramente a mágoa e decepção na forma como ele me fitava.

PERIGOSAS ACHERON

Mas eu não iria fraquejar.

Se ele tinha qualquer esperança de que voltássemos, eu não gostaria de ser a responsável por alimentá-las.

Não esperei que ele me respondesse. Não aguentaria saber o que ele tinha a dizer. Apenas levantei-me e voltei para a cama, sentindo um misto de sentimentos em meu peito. Leon não voltou para o quarto tão cedo, assim como eu não preguei meus olhos tão cedo. A sensação frágil tomando conta do meu peito enquanto eu revivia aquela madrugada incontáveis vezes em minha mente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



A luz que repentinamente invadiu o meu quarto fez com que eu resmungasse embaixo dos lençóis, puxando-os até o topo da minha cabeça em reprovação. Eu não havia dormido quase nada de ontem para hoje e temia que as próximas noites fossem iguais a essa: com Leon Coleman apoderando-se dos meus pensamentos e os roncos de Dillon me dando nos nervos.

— Bom dia, desgraça. — Aquela era a voz de Nathan Davies. — Levanta e vai tomar café. Nós só estamos esperando você para irmos para a cachoeira.

Cachoeira?

Eu grunhi, querendo apenas mais alguns minutinhos de sono, mas Nathan não hesitou em arrancar as cobertas de mim enquanto continuava a discursar sobre como o clima estava incrível hoje e vários outros assuntos que eu não me importei em ignorar.

Sentei na cama, murmurando alguns palavrões e semicerrei meus olhos enquanto tentava me acostumar com a luz que atravessava as janelas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nate continuou em pé ao meu lado, com os braços cruzados, mas o semblante divertido.

— Você é insuportável — eu disse, com a voz rouca e sonolenta.

Ele soltou uma risada, bagunçando meus cabelos, e foi rapidamente retribuído com um tapa na boca do seu estômago que o fez se curvar teatralmente em dor.

— Cacete, Maeve.

— Vaza daqui — murmurei.

Nathan franziu o cenho, fingindo descostume com toda a minha grosseria matinal e gratuita.

— Eu sou obrigado a acordar a fera e, ainda por cima, sou tratado dessa forma. — Soltou o ar, indignado. — Que palhaçada.

Não respondi. Apenas lhe lancei um olhar mortal que dizia por si só que ele estava prestes a ser a vítima de um homicídio se continuasse ali, e voltei a me jogar nos lençóis quando ele fechou a porta ao sair, entendendo meu recado.



PERIGOSAS ACHERON

Nathan estava certo. O dia realmente estava muito bonito hoje. O sol estava escaldante e o céu azul não carregava uma nuvem sequer, o que me fez soltar um suspiro de alívio ao perceber que não ficaríamos o dia todo enfurnados em casa com um jogo de baralho e bebida, como eu imaginei que seria à princípio.

— Está pronta, gata? — Matthew Wood surgiu ao meu lado, depositando um beijo estalado em minha bochecha antes de passar por mim para colocar as nove toalhas em seu porta-malas, junto com alguns lanchinhos e troços insignificantes que eu tinha certeza serem de Violet e Luna.

Eu forcei um sorriso e balancei a cabeça positivamente.

— Pronta e louca por um banho de cachoeira para lavar a alma — respondi.

Os lábios de Matt se levantaram em um sorriso divertido quando ele me encarou e eu quase derreti ali mesmo. Por mais que Leon estivesse mexendo comigo desde que surgiu na porta da minha casa, eu estaria mentindo descaradamente se não dissesse que Matthew era fascinante em todos

PERIGOSAS ACHERON

os sentidos possíveis.

Os olhos castanhos eram calorosos e receptíveis, assim como seu sorriso, e seus cabelos bagunçados acompanhavam o tom de suas íris. Diferente de Leon, ele era tudo que eu deveria querer. Além de ser amigável e descontraído 24 horas por dia, Matthew era o tipo de cara que hoje em dia nós chamaríamos de intelectual; sempre com um livro embaixo do braço e uma xícara de café em mãos, ele parecia gostar de uma boa leitura tanto quanto eu.

Perfeito.

Ele era perfeito para mim. Definitivamente o cara que meus pais classificariam como o ideal.

E eu sinceramente odiava não conseguir gostar dele da mesma forma como ele aparentava gostar de mim.

— Nós não poderíamos ter escolhido uma época menos quente para vir? Eu estou literalmente derretendo — Violet Wright disse, se colocando ao meu lado, os olhos semicerrados enquanto encarava o céu azul e se abanava com uma revista de fofoca. Os cabelos castanhos estavam presos em um rabo

PERIGOSAS NACIONAIS

de cavalo e a saída de banho que ela trajava deveria ter custado mais que a minha casa. Seu perfume cheirava a riqueza. Tudo nela gritava dinheiro.

— E daqui a pouco estará virando um gelo humano, quando entrar na água congelante da cachoeira — respondeu Matthew.

Violet soltou uma risada, balançando a cabeça negativamente.

— Não entro naquela água nem que me paguem.

— Claro que não — murmurei.

Você mal tem onde guardar mais dinheiro, tive vontade de responder, mas me contive. Eu não tinha nada contra Violet, não mesmo. Ela era uma boa garota que adorava curtir sua vida luxuosa da melhor forma possível. Nós tínhamos uma boa relação desde os tempos da escola, apesar de eu não poder considera-la exatamente uma *amiga*, mas às vezes toda a sua futilidade me tirava completamente do sério.

— Você deveria curtir mais a vida, Violet. — Uma voz feminina surgiu atrás de mim. — Uma água gelada não vai te matar, amiga.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela era Luna Clark, melhor amiga da garota. Com sua pele morena e os cabelos alisados, Luna era glamorosa. Sua conta bancária poderia ser facilmente comparada com a de Violet, mas aquilo felizmente não dizia nada sobre seu caráter. Ela era tão parceira quanto Andy. Topava absolutamente tudo; desde encontros nos bares mais destruídos de Mainport, até festas organizadas pelas famílias mais ricas da cidade.

— Não me importo em estar gelada — Violet tentou se defender. — Me importo em não estar *tratada*. Só Deus sabe o que diabos pode haver naquela água nojenta.

Tive que respirar fundo, não conseguindo conter uma revirada de olhos discreta, mas fui pega por Matthew, que soltou uma risada, achando-a tão fresca quanto eu.

— Bora cambada! — Nathan berrou enquanto corria em nossa direção, descalço e saltitante. — Vocês pegaram a bola de vôlei?

— Já está no carro, cara — Matt respondeu.

— Vôlei? — Violet franziu o cenho, não gostando muito daquela ideia.

Nathan olhou de relance para ela quando nos alcançou, os olhos instantaneamente adquirindo um brilho de tédio e desgosto.

Lá vamos nós.

— Você pode ficar com sua revista de fofoca e seu Iphone 700, ninguém se importa em te deixar de fora. Na verdade, é até melhor assim — ele disse.

A garota abriu sua boca em um perfeito "o". Seus vasos capilares rapidamente dilataram-se de raiva diante da resposta mal-educada de Nathan, mas ela não demorou para se recompor. Violet estava prestes a lançar lhe uma resposta afiada quando Matt interviu:

— Ok crianças, todos para o carro.

Os dois continuaram a se encarar por mais meio segundo antes que Luna puxasse a garota para o banco de trás do carro, e Nate me encarasse com os punhos cerrados e o maxilar trincado.

Nathan e Violet nunca se deram bem. Ao que tudo indicava, isto deu-se graças a alguma brincadeira de mal gosto por parte do garoto durante o jardim de infância, que se perdurou

durante todos esses anos com comentários ácidos e respostas grosseiras entre eles.

Nate sempre me dizia que não a suportava. O caráter mesquinho e fútil aparentemente o tirava do sério e eu não o culpava por isso, mas tinha certeza de que, *lá no fundo*, ele carregava algum tipo de sentimento por ela, o qual tentava acobertar atrás de toda aquela grosseria.

— Eu não a suporto — ele disse, os dentes rangendo.

Soltei um riso nasalar, depositando uma mão em seu ombro como consolação.

— Eu sei.

— Bora? — Matthew chamou por nós, deslizando para o banco de motorista.

Eu olhei em volta, de repente estranhando a ausência dos comentários azucrinantes do meu irmão mais velho.

— Cadê o resto? — perguntei, não sentindo falta *apenas* de Dillon.

Queria dizer que meus olhos também estavam procurando há alguns minutos por Andy e Liam,

mas eu estaria mentindo. O que realmente estava me incomodando era a ausência de Leon, porém eu jamais admitiria aquilo em voz alta.

— Já foram para a cachoeira, Maeve — respondeu Nate, com um sorriso sugestivo no rosto. — Por quê, *huh*?

Revirei meus olhos, sabendo exatamente o que ele estava insinuando com seus lábios arqueados em zombaria e a frase banhada de segundas intenções.

— Cala a boca. Não é nada do que você está pensando, Nathan Davies.

Ele soltou uma risada.

— Não me subestime, Maeve Miller. Tenho o dom de ler mentes e você sabe.

Não respondi.

Apenas lhe lancei o dedo do meio antes de escorregar para dentro do carro. Matt aumentou o som e finalmente pisou no acelerador quando todos nós estávamos devidamente sentados. As janelas do carro abertas em companhia com a música alta fizeram com que o trajeto fosse ainda mais rápido e divertido.

Eu conseguia ouvir as risadas antes mesmo de acabarmos a pequena trilha. Era um local bem escondido, no meio do mato, e completamente fascinante. O sol entrava por entre as grandes árvores ao nosso redor e o barulho da cachoeira me fazia querer incorporar a Maeve de sete anos de idade.

— Finalmente! — gritou Dillon, da água, quando nos viu. — Pensei que Violet tivesse mantido vocês em cativeiro para não ser obrigada a vir à cachoeira.

Nathan soltou uma risada, colocando as nossas coisas em uma grande pedra na sombra, antes de tirar sua camiseta e se juntar a ele.

— Estávamos esperando a fera acordar — justificou, abrindo um sorriso em minha direção.

Nate *adorava* caçar do meu mau-humor matinal.

— Vai se foder — lhe lancei o dedo do meio, recebendo risadas ao meu redor como resposta.

As garotas não demoraram a tirar suas saídas de banho e exhibir os biquínis de marca. As duas se acomodaram em uma pedra com bastante sol,

prontas para pegar um bom bronze e eu preferi me sentar um pouco mais distante, sendo acompanhada por Matthew.

Enquanto isso, Andy e Liam trocavam carícias próximos ao meu irmão e meu melhor amigo, que insistiam em ser um pé no saco, atrapalhando o casal ao passo que jogavam água neles e gritavam comentários maliciosos.

Franzi a testa, passando meus olhos por todo o ambiente atrás de Leon. Eu não o via em lugar algum. Ele não parecia estar ali, o que me fez questionar por um breve momento onde diabos ele havia se metido. No entanto, antes que eu pudesse colocar meus neurônios para funcionar, uma figura alta e esbelta surgiu em uma das pedras mais altas dali.

Eu podia ver seu sorriso infantil rasgando suas bochechas daqui, mas meus olhos não demoraram a descer até o corpo malhado, coberto apenas por um short preto. Fiquei desapontada quando percebi que, de fato, Leon Coleman estava tão gostoso quanto na noite anterior.

Ele deu alguns passos para trás quando Dillon gritou para que ele pulasse logo, e não hesitou em

PERIGOSAS ACHERON

correr, dando uma mortal antes de ir de encontro com a água. Então emergiu, bagunçando o cabelo para tirá-lo do rosto, parecendo estar na droga de um comercial de TV. As gotas gordas e gulosas passeando por seu peitoral e pelos gominhos da barriga, me fizeram desejar que fossem meus dedos percorrendo aquele mesmo caminho.

— Gata? — ouvi Matt chamando-me ao meu lado.

— Ähn? — perguntei, finalmente voltando à realidade.

Ele me encarou por um momento, os olhos castanhos tentando desvendar o que possivelmente estaria passando pela minha cabeça.

— Você quer entrar? — questionou, apontando casualmente para a cachoeira.

Eu tentei abrir meu melhor sorriso, antes de negar com um balançar suave de cabeça.

— Acho que eu estou bem por enquanto.

Matt assentiu, desviando seus olhos para o chão. Eu fiquei em silêncio, sem saber ao certo o que dizer. Por mais que Matt e eu estivéssemos em uma espécie de relacionamento não definido, eu

PERIGOSAS ACHERON

não tinha a mínima ideia de como reagir ao seu lado com Leon por perto.

— Ei, eu estive pensando... — ele voltou a falar — e o que você acha de um piquenique hoje a noite sob a luz do luar? Nós podemos deitar e ver as estrelas.

Pisquei.

— Eu e você? — Minha voz saiu mais fina que o normal, mas Matthew não pareceu perceber, dando de ombros.

— Claro. Você sabe — abriu um sorriso, repousando sua mão sob a minha coxa em um gesto carinhoso —, depois que a galera finalmente estiver dormindo.

Eu abri a boca para responder, mas não consegui proferir nenhum som. Meus olhos intercalavam entre sua mão em minha perna desnuda e suas íris castanhas e calorosas que aguardavam pacientemente por uma resposta. No entanto, antes que eu pudesse criar coragem para recusar seu convite da forma mais gentil possível, Dillon nos interrompeu:

— Onde está a Maeve que eu conheço? —

Levantou suas mãos, me encarando com um sorriso divertido no rosto. — Para de namorico e entra logo aqui, pirralha.

Eu apertei meus lábios.

— Quero tomar um pouco de sol antes de entrar, idiota — respondi, recebendo um revirar de olhos como resposta.

— O que foi, Maeve? — A voz de Leon alcançou meus ouvidos quando ele se aproximou, com um sorriso sujo nos lábios e as gotas gordas de água percorrendo lentamente pelo corpo escultural enquanto ele vinha em minha direção. — Está com medo de ficar molhada?

Eu demorei alguns segundos para entender suas palavras e mais alguns para processar o duplo sentido explícito nelas. Seu sorriso canalha cresceu ainda mais quando Leon reparou na minha falta de reação diante daquela pergunta. Ele parou na minha frente, em pé, sem parecer sequer se importar com a figura de Matthew ao meu lado. No entanto, eu notei quando seus olhos desceram até minha coxa, na qual Matt repousava sua mão carinhosamente.

Surpreendentemente, quando os dois se

encontraram na cabana no dia anterior, eles agiram de forma mais madura do que eu havia imaginado que aconteceria; um aperto de mãos e nenhuma troca de palavras até então. Eles estavam se ignorando por completo, o que ainda tornava o clima da casa um pouco tenso, mas nada comparado ao que todos nós pensávamos que seria.

Dessa forma, com a presença de Leon ali, Matt não demorou para se juntar aos outros na cachoeira, depositando um beijo estalado em minha bochecha antes de sair.

Agora éramos apenas eu e Leon.

Leon e eu.

Céus.

Quando finalmente consegui sair do efeito que sua proximidade causava, eu me levantei, aproximando-me dele o máximo que minha ousadia permitia. Então eu desabotoei meu short jeans, deixando-o escorregar lentamente por minhas pernas. Leon passou a língua em seus lábios e me fitou de cima a baixo, acompanhado de um sorriso zombeteiro.

Eu ignorei, fingindo que sua análise cuidadosa

não me afetava, e tirei minha regata branca. O biquíni preto era tudo que cobria meu corpo agora, e eu tinha certeza de que ele estava se controlando para manter seus orbes nos meus quando eu o encarei.

— Medo? — Foi minha vez de abrir um sorriso sujo, entrando no seu jogo. — Eu *adoro* ficar molhada, Leon. Mas... você sabe, às vezes nós precisamos de um pequeno incentivo.

Ele ergueu as sobrancelhas, fitando ligeiramente minha boca, como se estivesse tentando processar o que havia acabado de sair dali.

— Um pequeno incentivo, huh?

Assenti com a cabeça.

— E que tipo de incentivo seria esse? — O duplo sentido em sua pergunta era nítido e eu não consegui evitar que meus lábios se levantassem em um sorriso maldoso.

Meus dedos famintos foram em direção à barra de seu short preto em uma provocação de leve, mas meus olhos não desgrudaram dos seus, que me encaravam com desejo e curiosidade. Mordi meus lábios, o que o fez arfar discretamente,

PERIGOSAS NACIONAIS

e subi minhas mãos lentamente por seu abdome, paralisando-as quando cheguei no peitoral malhado.

Aquela altura do campeonato, eu não tinha mais controle do que estava fazendo. Leon Coleman estava me provocando pra cacete e eu quase tinha esquecido de como era aquela sensação. Na ponta dos pés, meu rosto estava há centímetros de distância do seu quando eu finalmente sussurrei:

— Esse tipo de incentivo.

E então o empurrei na água, sentindo a satisfação preencher meu corpo ao vê-lo inteiramente ensopado, quando ele voltou à superfície. Seu sorriso era sacana, seus olhos me observavam dos pés à cabeça como se ele estivesse genuinamente impressionado com a guerra que eu tinha certeza ter acabado de decretar entre nós.

A galera gritava, todos caçoando Leon, mas ele parecia focado demais em mim para se importar com qualquer comentário alheio.

— Então quer dizer que você sabe jogar, huh?
— perguntou, com um vislumbre de humor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brincando em seus traços.

Eu não contive um sorriso.

Agachando-me para ficar mais próxima dele,
soprei:

— Ah meu amor, você não viu nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



No fim do nosso segundo dia, Dillon havia sugerido que fizéssemos uma fogueira e passássemos parte da noite ao lado de fora da cabana. Ninguém havia ousado se arriscar na cozinha depois do dia exaustivo na cachoeira, portanto ali estávamos nós; reunidos ao redor da fogueira, com pacotes de salgadinhos e latas de cerveja em mãos.

— De quem foi essa ideia ridícula? — perguntou Violet, abanando as mãos na altura do rosto em uma tentativa frustrada de afastar os insetos que insistiam em perturbá-la.

Nathan revirou os olhos ao meu lado.

— Nós não viemos até aqui para ficarmos enfurnados naquela cabana, né? Alguns dias longe da civilização e perto da natureza faz bem, Violet — disse Andy.

— E os insetos tornam a experiência ainda mais completa — acrescentou Liam, segurando uma risadinha.

Ela bufou, arrancando o repelente das mãos do meu irmão para espirrar em todo o seu corpo. Dillon apenas soltou um riso nasalar, ajeitando-se sobre a cadeira de praia antes de abrir uma nova lata de cerveja e então sugerir:

— O que vocês acham de jogarmos verdade ou consequência?

Eu torci o nariz, já imaginando onde iríamos parar com aquele jogo. Mas antes que eu pudesse contestar, Luna me cortou.

— A cada duas verdades, é obrigatório pedir uma consequência.

— E se você não aceitar a consequência ou não quiser responder a verdade, terá que pagar algum tipo de prenda — explicou Dillon, deitando uma garrafa de vodka sobre o chão.

Eu me ajeitei na cadeira, nem um pouco confortável. Algo no meu subconsciente gritava que aquilo não parecia ser uma boa ideia, mas eu não queria ser a estraga-prazeres que acabaria com a brincadeira, visto que todos pareciam animados demais para jogar.

Dessa forma, antes que eu pudesse sequer

PERIGOSAS NACIONAIS

processar, meu irmão já havia girado a garrafa até apontar para Andy e Matt.

— Verdade ou consequência? — O moreno perguntou.

— Verdade.

— Quantas vezes você e Liam transaram desde que chegaram?

Andy soltou uma risada, parecendo precisar pensar um pouco enquanto encarava o namorado ao seu lado.

— Acho que umas cinco ou seis vezes — respondeu, finalmente.

— Mas nós chegamos ontem à tarde — Nathan disse, surpreso.

A garota apertou os lábios para não rir.

— Eu sei.

Liam disse algo no ouvido dela que a fez corar, e então a garrafa voltou a girar, apontando para Luna e Dillon. Ele se ajeitou na cadeira, o sorrisinho malicioso no rosto me dizia que Luna era sua próxima presa enquanto estivéssemos naquela viagem.

PERIGOSAS ACHERON

Dillon sempre foi um babaca quando se tratava de mulheres. Eu já havia perdido a conta de quantas garotas eu precisei fazer café da manhã antes de lhes dar a notícia de que meu irmão não queria nada sério com elas, já que ele fugia de casa e ia para a universidade antes que elas acordassem, deixando o trabalho sujo para mim. Talvez fosse por esse motivo que ele era tão protetor comigo quando o assunto era *homens*; ele conhecia sua espécie bem demais, já que provavelmente era o pior deles.

— Verdade — Luna pediu, antes que ele tivesse tempo de perguntar.

— Se você tivesse que escolher alguém dessa roda para ter um caso de uma noite, quem seria? — questionou. O sorriso de canto dizia que ele já sabia qual seria a sua resposta e que aquilo apenas fazia parte de seu joguinho.

Dillon Sean Miller estava preparando o terreno.

Por que eu não estava nem um pouco surpresa?

Luna se remexeu desconfortavelmente sob a

cadeira, quando todos da roda soltaram gritinhos assim que ela respondeu o nome que meu irmão esperava ouvir. Dillon estufou o peito imediatamente e eu tive que conter a vontade de revirar os olhos, já imaginando que seria expulsa do quarto, junto com Leon, para que eles pudessem ter o suposto caso de uma noite.

Leon não esperou que a tensão sexual entre eles diminuísse para girar a garrafa. Agora era a vez de Nathan e Liam.

— Consequência — pediu Liam, abraçado com Andy que lhe acariciava a perna.

— Você e Andy não podem se encostar até o final do jogo.

— Porra, que sacanagem — a garota reclamou.

— Não é possível que seja tão difícil — disse Matt.

Eles reviraram os olhos, afastando-se, e Liam rodou a garrafa.

Leon e Dillon.

— Verdade ou consequência? — perguntou

Colleman.

Dillon lhe abriu o sorriso mais ladino que conseguiu, pedindo silenciosamente a ajuda do amigo naquele momento e, a julgar pelos cantos dos lábios de Leon levantando-se gradativamente, ele havia entendido o recado.

— Consequência.

— 10 minutos no banheiro com a Luna — ele foi direto, pegando a roda de surpresa.

Dillon tentou conter um sorriso, seus olhos grudados em Luna enquanto esperava uma resposta por parte dela. Resposta que eu tinha certeza ser positiva, visto que Luna era apenas mais uma das várias garotas de Mainport que estava apenas esperando ansiosamente por uma oportunidade com meu irmão e finalmente a teria.

Como previsto, não demorou para que os dois se levantassem e saíssem às pressas de lá, ansiosos para usufruir do banheiro o máximo possível.

Bem, pelo menos assim eu não seria expulsa da cama esta noite.

Eu espero.

— Aposto 10 dólares que a pia do banheiro vai estar quebrada quando voltarmos para a cabana — Andy sussurrou em meu ouvido e eu não pude evitar uma careta ao imaginar meu irmão em uma transa selvagem que chegasse a esse ponto.

— Meu deus, que *nojo* — murmurei.

Liam riu ao lado dela e Violet não demorou para girar a garrafa novamente, que parou direcionada a ela e Leon.

A garota sorriu maldosamente.

— Agora que o papai Miller se foi, acho que podemos começar a brincadeira, não é Leon? — disse Violet, voltando-se para o garoto. — Verdade ou consequência?

Vi quando ele franziu o cenho, tentando processar o que ela estaria tentando insinuar com aquela frase tanto quanto eu.

— Consequência.

Violet pegou sua latinha de cerveja e disfarçou um sorriso. Os olhos carregavam um tom perverso que rapidamente fez com que eu concluísse que aquela consequência teria relação comigo. Era claro que ela não perderia aquela oportunidade única de

PERIGOSAS ACHERON

nos colocar em uma posição extremamente desconfortável.

Esse pensamento quase me levou a fazer uma careta, mas eu estaria mentindo se dissesse que não estava curiosa para saber quais eram as pretensões da garota. Meus dedos tamborilavam na lata de cerveja em mãos enquanto todos nós aguardávamos pacientemente para que ela propusesse a maldita consequência.

— Que tal um *body shot* na Maeve? — Seu sorriso era maléfico.

Ela sabia muito bem o quanto aquilo seria desconfortável para nós dois, mas claramente não se importava.

Minhas costas tocaram o encosto atrás de mim e eu engoli o restante da cerveja que tinha em mãos para conseguir lidar com os próximos minutos. Os olhos de Leon vieram de encontro aos meus, fixos e curiosos, avaliando atentamente minha reação enquanto eu processava as palavras de Violet.

Ele não sorriu, nem retraiu. Nada em seu rosto indicava como ele se sentia em relação a esse desafio. Já eu, por outro lado, estava tentando

disfarçar o que eu acreditava ser uma tosse enquanto bebia a cerveja de Andy.

— Maeve? — Ele pigarreou, tentando suavizar seu tom de voz.

O encarei, antes de assentir levemente com a cabeça e me levantar. Havia o provocado o suficiente hoje na cachoeira para apenas dar para trás agora por medo de um *body shot*. Leon deu um passo na minha direção, seus olhos colados com os meus. Sua presença já era sufocante o suficiente com ele longe, mas isso não o impediu de chegar ainda mais perto.

— Tem certeza? — ele sussurrou.

Eu arqueei minhas sobrancelhas, tentando não parecer tão abalada com a sua proximidade como realmente estava.

— O que foi, Leon? Está com medo?

Ele me olhou de cima. Um sorriso lentamente se abrindo em seu rosto.

— Você está? — retribui minha pergunta, divertido, mas eu não respondi.

Apenas dei as costas para deitar-me na maldita

PERIGOSAS NACIONAIS

grama, puxando minha blusa para cima até a barra do meu sutiã antes que Leon pudesse fazer isso por mim. Ouvi Nathan e Liam soltando gritinhos afeminados em algum canto da roda, mas apenas lhes lancei o dedo do meio, nervosa demais com o que estava por vir para dar muita atenção a eles.

Os olhos de Leon se fixaram em minha pele quando ele se aproximou, ajoelhando-se ao meu lado, com uma garrafa de tequila em mãos. Seus pulmões puxando o ar com quase tanto esforço quanto os meus. Ele ergueu a mão e abriu a garrafa, mas os orbes verdes continuavam grudados em minha pele.

Tomei fôlego depressa quando o líquido gelado veio de encontro com a minha pele, mas o que realmente fez com que meu coração batesse mais forte foi quando seus olhos encontraram os meus e um sorriso maldoso se esgueirou em seus lábios, antes que ele os encostasse em minha pele, deslizando sua língua lentamente da barra do short até meu sutiã. Os dedos roçavam quase que inconscientemente na minha cintura desnuda, o que fez com que um arrepio percorresse toda minha pele sem minha autorização.

PERIGOSAS ACHERON

Praguejei baixinho, fechando os olhos e esperando que Leon não notasse nenhum tipo de reação que meu corpo insistia em ter diante da sua proximidade. Porém, ao encará-lo novamente, eu tive certeza de que ele ainda me conhecia bem o suficiente para saber exatamente como meu corpo reagia a ele.

Perto demais.

Ele estava perto demais.

A boca entreaberta, a respiração tão acelerada quanto a minha quando seus orbes verdes desceram para encarar minha boca, tão acalorados e ferozes que era como se ele precisasse usufruir de todo o seu autocontrole para não colar seus lábios nos meus ali mesmo. Eu engoli em seco, sentindo um frio na barriga imensurável. Não sabia bem o que ele estava fazendo, mas estava imobilizada demais para perguntar.

Então ele sorriu.

Um sorriso tomado pelo escárnio que me deu certeza de que ele estava jogando sujo.

Muito sujo.

— Vou te contar um segredo, Maeve —

sussurrou, passando a língua pelos lábios, antes de aproximar ainda mais o seu rosto do meu. — Eu também sei jogar.

Então deu as costas, voltando para a roda e deixando-me inerte ali.

Maldito.

Precisei de alguns segundos para me recompor e afastar os incontáveis xingamentos que passavam pela minha cabeça antes de voltar a me sentar ao lado de Andy.

A garrafa girou mais algumas vezes antes de Luna e Dillon voltarem, com os cabelos bagunçados e os lábios inchados. À essa altura do campeonato, eu estava sentada no colo de Matthew — graças a um desafio proposto pela minha melhor amiga — esperando que a rodada acabasse para que eu finalmente voltasse ao meu lugar; Andy e Liam já haviam voltado a se encostar; Violet estava começando a ficar de saco cheio e Leon não estava conseguindo disfarçar o olhar assassino em direção a Matt.

— Que putaria é essa, Maeve? — Aquele era meu irmão, claramente descontente com a minha

posição.

Eu revirei meus olhos.

— É uma consequência, Dillon.

— Que consequência de merda — respondeu ele, bombardeando-nos com os olhos. — Sai do colo dele antes que eu te tire a força.

— O papai Miller chegou. — Violet revirou os olhos e então se virou para Luna. — Você não quer leva-lo de volta para o banheiro? A brincadeira estava mais divertida sem ele.

Dillon a encarou.

— O papai Miller chegou mesmo — disse ele, não se deixando intimidar pelo apelido. — Vamos Maeve, está esperando o quê?

Eu me levantei, por um lado satisfeita, já que estava começando a ficar incomodada com os olhares de Leon e as carícias de Matthew na minha cintura. Sentei-me novamente em minha cadeira de praia apenas a tempo de ver a garrafa parar em Violet e Liam.

— Verdade ou consequência?

— Consequência — disse Violet.

PERIGOSAS NACIONAIS

Liam abriu um sorriso maldoso.

— Que tal um beijão no Nathan? — ele sugeriu e eu tive que segurar meu queixo para que ele não fosse ao chão.

Ao meu lado, Nathan soltou uma risada completamente irônica ao mesmo tempo que Violet, enquanto os dois negavam com a cabeça deixando claro que aquilo não iria acontecer.

— É só um beijinho... — provocou Andy.

— De língua — acrescentou Luna.

Violet fez uma careta impagável.

— Credo — murmurou Nathan, tão enojado quanto a garota.

Eu o encarei, desconfiada, e fui retribuída com um olhar inocente por parte dele que não me pareceu muito convincente. Tinha certeza de que, se Nathan tivesse a oportunidade e o sentimento fosse recíproco, ele já teria voado na boca de Violet às escondidas há anos.

— Bem, se não quer encarar a boca de Nathan, sua prenda vai ser pular na lagoa — pontuou Liam, levando os olhares de todos da roda a ele.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava curiosa para saber qual seria a escolha de Violet naquele momento. Se ela sequer pulava em cachoeiras durante a luz do dia, eu duvidava que ela escolheria um mergulho em uma pequena lagoa que havia próximo a nossa cabana no breu que estávamos.

— Ou você pula, ou eu te jogo — disse Nathan, parecendo desesperado. — A escolha é sua.

A roda explodiu em risadas. Todos nós já estávamos cientes de qual seria a escolha de Violet e aquele seria um momento icônico.

— Nathan e Violet sentados embaixo de uma árvore se beijando... — cantarolou Dillon, tão entretido quanto o restante de nós com o que estava por vir.

Mas, para a surpresa de todos, Violet se levantou e começou a tirar a roupa ali mesmo, não se importando em ficar apenas de calcinha e sutiã.

— *O quê?* — Matt soprou, chocado.

— Não é possível que beijar o Nathan seja tão ruim assim — comentou Leon, apontando para o amigo. — Olha pra esse cara, Violet. Até eu

beijava.

Violet encarou seu arqui-inimigo durante longos segundos.

— Eu prefiro entrar em uma água não tratada do quê pegar doenças raras que ele transporta na saliva — ela disse, balançando a cabeça enojada ao apenas pensar na possibilidade.

— Bem, cuidado para não pegar leptospirose na lagoa, então — provocou Nathan.

A garota revirou os olhos, indo em direção à lagoa, e nós não hesitamos em acompanhá-la até lá. Se eu imaginava que Violet e Nate se pegando seria um momento icônico, foi porque a imagem de Violet pulando na lagoa nunca havia se passado pela minha cabeça até então.

Ela estava surtando enquanto tentava se decidir entre a leptospirose que Nathan jurava que ela pegaria, ou as doenças raras transmitidas pela saliva do meu melhor amigo. Dillon e Matt já estavam preparados, com o celular em mãos, prontos para gravar qualquer que fosse a decisão tomada.

Quando ela respirou fundo e pulou na lagoa, a

PERIGOSAS NACIONAIS

galera vibrou, comemorando o fato de que ela finalmente pararia com essa mania ridícula de apenas entrar em água tratada. Mas logo as vibrações começaram a se silenciar, quando Violet não voltou para a superfície com gritinhos escandalosos como nós havíamos imaginado.

A lagoa não era grande, e as lanternas dos celulares ao nosso redor iluminavam a água enquanto esperávamos por algum sinal dela.

Nada.

De repente, meu coração começou a bater mais forte sob o peito.

Ela não sabia nadar?

Eu não tinha ideia da resposta para aquela pergunta. Nunca havia a visto pulando em piscinas públicas ou em qualquer outro lugar, mas havia assumido que ela saberia nadar a partir do momento que optou por entrar na lagoa.

Um dos garotos murmurou algo, mas eu não prestei atenção. Meus olhos procuravam desesperadamente por ela.

O coração quase pulando para fora do peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha respiração aos poucos tornando-se pesada enquanto eu sentia o horror correndo pelas minhas veias ao imaginá-la morta por conta de uma brincadeira estúpida.

Então vi um movimento na água e, por uma fração de segundo, soltei um suspiro de alívio ao ver seu corpo.

Mas ela não estava se mexendo.

Levei um minuto para perceber que havia algo errado.

O corpo boiando na água, completamente imóvel.

Não havia nenhum sinal de vida.

Aquilo era surreal.

Ouvi uma movimentação ao meu lado, todos parecendo tão desesperados e sem reação quanto eu. Um medo gélido começou a correr em minhas veias. Leon, no entanto, não hesitou em pular na água para alcançá-la, nadando com braçadas fortes e desesperadas em sua direção.

— Luna, chama a ambulância *agora* — Dillon ordenou, correndo para a outra beirada da lagoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luna correu para dentro da casa, mas eu sabia que aquilo seria um caso perdido. Nós estávamos no meio do mato, no topo de uma montanha. Claramente a ambulância demoraria, *no mínimo*, meia hora para nos alcançar.

Então algo aconteceu.

Assim que Leon alcançou Violet, a garota se mexeu, afastando-se dos braços dele apenas para soltar uma risada escandalosa.

Eu soltei o ar que mal notei que prendia, sentando-me no chão ao perder a força das pernas devido ao nervosismo. Olhei para ela, meu corpo entorpecido. *Céus*. Eu não sabia se queria beijá-la por estar tudo bem, ou mata-la com minhas próprias mãos pela brincadeira de mau gosto.

— Caralho Violet, vai se foder! — berrou Matthew, em algum lugar próximo de mim.

Vi Leon balançando a cabeça negativamente, tão puto quanto o resto de nós, enquanto saía da água, com as roupas completamente encharcadas. Violet saiu logo atrás dele, com um sorriso divertido estampado em seu rosto que mostrava o quão sem noção ela era.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você está rindo? — disse Andy. — Achávamos que você estava *morta*!

Violet a encarou.

— O que foi, Andy? Te assustei?

— Você é completamente sem noção, caralho — exclamou Nathan, andando em passos pesados em sua direção.

Leon se colocou entre eles, a palma de sua mão apoiada no peitoral de Nate, pedindo silenciosamente para que ele ignorasse a brincadeira estúpida. Ele parou onde estava, mas Violet não hesitou abusar um pouco da sua ousadia ao se aproximar dele mesmo assim.

— *Boo* — ela soprou em seu rosto. Uma expressão simples que deixava mais que claro suas intenções de nos assustar.

Nathan trincou o maxilar, os punhos cerrados ao lado do corpo gritando o quanto ele estava puto com aquela brincadeira. Não só ele, mas todos nós.

Descobrimo que eu queria mata-la, mais do que beijá-la pelos últimos três minutos, apenas respirei fundo e me levantei para voltar à cabana, antes que *eu* fosse a responsável por um possível

PERIGOSAS NACIONAIS

homicídio ali mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Soprei a fumaça e respirei fundo, meus olhos varrendo a mata robusta que cercava nossa cabana. Com o sol escaldante e os passarinhos cantando, as numerosas árvores não me pareciam tão assustadoras quanto durante as noites. Às dez da manhã, elas eram quase... pacíficas. Tão pacíficas que eu sequer me importaria em dar uma volta sozinha pelas redondezas.

Estreitei minha visão para o vasto campo que nos conectava a todo o matagal, e tomei um gole do meu café enquanto observava Nate, Leon e Liam competindo pela posse de bola como três crianças de sete anos de idade. Tentei conter um sorriso quando Coleman se jogou sobre Liam no chão, recebendo um grito do garoto de volta por estar trapaceando. Ele riu, sequer parecendo se importar em estar ganhando ou perdendo o jogo, e comemorou junto com Nathan quando este pegou a bola e acertou o gol improvisado por chinelos.

— Não gostei desse complô — ouvi Liam reclamar, levantando-se com a ajuda do loiro.

O sorriso de Leon se expandiu e ele deu alguns tapas nas costas do amigo após coloca-lo de pé.

— Para de ser uma *bixinha* — ele revirou os olhos teatralmente, segurando as costas da camiseta encharcada que estava usando e a retirando pela cabeça.

Eu engoli em seco, mas continuei ali, parada, admirando-o por um instante. Ele claramente não estava me vendo, então eu poderia me dar o luxo de deixar que meus olhos percorressem tudo que eu tivesse direito de analisar enquanto tinha meu momento matinal, tomando um café e fumando meu cigarro em silêncio.

Os três começaram mais uma partida, e eu tive vontade de rir.

Eles *definitivamente* jamais seriam aceitos como jogadores de futebol.

— Ainda bem que eles faziam parte do time de lacrosse na escola — disse Matt, parecendo ler meus pensamentos.

— Nem me diga — soltei um riso nasalar, pousando meus olhos no moreno quando ele se

sentou ao meu lado. — Seria um desastre se eles fizessem parte do time de futebol, *huh?*

— *Mainport High School* seria uma vergonha nacional. — Seus lábios se curvaram, formando um sorriso torto.

Eu traguei meu cigarro mais uma vez, agora analisando Matthew enquanto ele tomava um longo gole do seu café. Hoje nós havíamos decidido que passaríamos o dia curtindo a cabana. Matt havia se oferecido para fazer o almoço, junto com Andy e Dillon — que no momento estava muito ocupado trancado com Luna no *meu* quarto —, então estávamos satisfeitos em apenas tomar bastante cerveja e encher a pança de comida. Além do mais, não havia muito o que fazer por ali além de curtir a presença uns dos outros e encher a cara.

— Como você está? — perguntou Matt, trazendo seus olhos até os meus.

Ao notar minha expressão de dúvida, acrescentou:

— Você sabe... com a volta do Leon.

Dei de ombros, agora desviando meus olhos dele para encarar meu ex-namorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estar perto dele me traz muitas lembranças — foi tudo o que eu disse.

— Que tipo de lembranças?

— Boas e ruins. Não sei, Matt... — retorci o lábio, extremamente incomodada. A ideia de falar sobre Leon com Matt não poderia ser mais bizarra. — Mas e você, *huh*? Pensei que, assim que se vissem, sairiam no soco. Estou até impressionada.

Ele franziu o cenho.

— Por que pensou isso?

Eu inclinei minha cabeça para encarar o céu azul.

— Bem... Até onde eu me lembre, a última vez que vocês se viram foi na noite da...

— Fazem dois anos, Maeve — ele me interrompeu. — Acho que já estamos maduros o suficiente para lidar com as nossas emoções de forma mais adulta, não é mesmo? Sei que Leon não gosta de mim, mas sinceramente isso é passado. Desde que ele não mexa comigo, eu não irei mexer com ele.

Apertei meus lábios, processando suas

PERIGOSAS ACHERON

palavras.

Fazia sentido.

É claro que fazia sentido.

Não éramos mais os formandos de dois anos atrás, com 17 anos e os hormônios à flor da pele. Matt e Leon já estavam com 20 anos. O mínimo que poderiam fazer era agir como os homens que eram, e não os adolescentes que estávamos acostumados a ser há quase três anos.

— Mas e se nós... — comecei, mas ele me cortou.

— Não há mais *nós*, gata. Você acha que não percebi como ele vem mexendo com você desde que chegou? — Ele ergueu uma sobrancelha, observando-me, mas eu me mantive calada. — Não tem problema, Maeve. Vocês estiveram juntos durante três anos, eu não espero que você me escolha. Nós sequer temos algo definido.

Suspirei.

Depois tomei um gole do meu café, derrotada.

— Leon e eu não damos certo, Matt.

— Mas ter ele aqui, te faz questionar se vale a

pena tentar mais uma vez.

Aquilo não foi uma pergunta, o que claramente me incomodou um pouco.

Limpei minha garganta.

Eu não sabia o que era mais estranho. Ter uma conversa com o meu suposto “atual”, sobre meu ex. Ou perceber que Matt parecia mais tranquilo que eu sobre a ideia de Leon estar mexendo com a minha cabeça de incontáveis formas diferentes.

— Não faz — respondi, na defensiva.

Matthew semicerrou os olhos.

— Não minta para si mesma, gata. *Tudo* em você grita que ainda o ama.

— Eu não...

— Tudo bem, tudo bem. — Ele arqueou os braços, sinalizando inocência. — Só estou dizendo, que você é livre para escolher ficar com quem quiser. Eu gosto de você, Maeve. Você é linda, gostosa, tem um humor incrível e é mais inteligente que qualquer outra pessoa nessa casa. Mas quero que esteja comigo porque quer ficar comigo, e não porque você e Leon não dão certo, entende?

Eu assenti, em silêncio.

Matt pousou sua mão na minha perna, dando um aperto amigável. Depois se aproximou para depositar um beijo estalado em minha bochecha.

— Bom, a cozinha me chama — disse.

O sorriso caloroso no rosto me fez sorrir de volta, enquanto ele se levantava para me deixar sozinha com os meus pensamentos.

— Ei Matt — chamei-o, antes que ele se fosse. O moreno se virou para me encarar. — Obrigada.

Ele se curvou em reverência.

— A seu dispor, madame.



Eu fechei a porta do quarto, depois de tomar um banho refrescante. Na sala, Nathan estava acabando de se deliciar com um sanduíche de pasta de amendoim quando me sentei ao seu lado. Seus olhos subiram aos meus e, com um gesto silencioso, ele me ofereceu um pedaço. Recusei, tocando minhas costas no encosto da cadeira ao

estranhar o silêncio da casa.

— Cadê a galera? — perguntei.

Nate apontou com a cabeça para o lado de fora.

— Estão fazendo uma fogueira. Vamos assar marshmallows — respondeu, enfiando o último pedaço de pão na boca.

Fiz uma careta.

— Eca.

Ele revirou os olhos, as bochechas podendo facilmente serem comparadas às de um esquilo graças ao que mastigava.

— Fresca — murmurou, cuspendo algumas migalhas sem querer.

— *Nathan!* — eu berrei, afastando-me dele em um impulso. — Acabei de tomar banho, babaca.

Ele riu.

— Minha saliva é limpa.

Arqueei as sobrancelhas.

— Não foi o que a Violet disse.

— E quem é Violet na fila do pão para dizer

PERIGOSAS NACIONAIS

algo? — ele perguntou, parecendo levemente irritado.

Eu fingi pensar um pouco, antes de me aproximar lentamente dele e sussurrar:

— Sua *crush*.

Uma risada sem humor preencheu o ambiente.

— Deus me livre.

Eu revirei os olhos.

— Ah, qual é, Nate? Sou sua melhor amiga, você sabe que pode me contar as coisas, não sabe?

Seus orbes vieram de encontro aos meus, analisando-me silenciosamente. Nós já havíamos tido aquela conversa algumas vezes, mas, por mais que eu dissesse que jamais contaria seu segredo para alguém, Nate era orgulhoso demais para admitir que gostaria de ficar com Violet.

— Você vem? — ele perguntou simplesmente, levantando-se em direção à porta.

Soltei um suspiro, derrotada.

— Vou fumar um cigarro antes.

Seus olhos voltaram aos meus em

PERIGOSAS ACHERON

desaprovação.

— Você vai morrer de câncer de pulmão se continuar fumando essa merda.

— E você vai morrer de tesão acumulado se não pegar a Violet nessa viagem — retruquei em implicância, recebendo o dedo do meio como resposta antes dele dar as costas para se reunir com o resto da galera.

Levantando-me apenas para sentar-me nas escadas da entrada, puxei um cigarro do maço para leva-lo à boca.

O céu já estava escuro, as estrelas preenchendo mais uma noite aquele quadro infinito. Eu não costumava me isolar para fumar meus cigarros, mas desde que chegamos na cabana, olhar o céu e permitir que a nicotina entrasse meu corpo parecia algo infinitas vezes mais terapêutico que fumar em meio à gritaria dos meus amigos.

Suspirei, meus olhos rapidamente direcionando-se a um ponto específico do céu assim que uma estrela cadente passa. Por mais estúpido que aquilo pudesse parecer diante dos meus dezenove anos de vida, eu ainda mantinha

PERIGOSAS NACIONAIS

minha crença de que estrelas cadentes realizavam desejos, portanto não demorou para que minhas pálpebras se fechassem e eu mentalizasse um pedido.

— Sabe, alguém me disse uma vez que estrelas cadentes, na verdade, são apenas anjos jogando seus cigarros fora antes que Deus os pegue fumando.

Eu segurei um grito, abrindo meus olhos imediatamente para encarar o sujeito responsável pelo meu quase infarto. Pensei que estivesse sozinha ali, mas quando minha atenção foi de encontro a Leon parado na soleira da porta, com os braços cruzados sob o peito e um sorriso caloroso nos lábios, percebi que ele estava ali por mais tempo do que eu poderia imaginar.

Arqueei o dedo médio e indicador, sinalizando o número dois.

— Segunda vez, Leon — eu disse em reprovação, observando-o rir antes de sentar-se ao meu lado. — Segunda vez em menos de três dias que você quase me mata de susto.

— É pra não perder o costume.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Soltei um riso nasalar, empurrando-o levemente com o ombro, enquanto lembrava-me de todas as vezes em que Leon dava um jeito de quase me matar do coração.

O silêncio não demorou para se instalar entre nós.

Eu estava nostálgica demais, olhando as estrelas, para me importar em manter uma conversa decente com ele. Levei meu cigarro em direção à boca, mas fui rapidamente impedida quando Coleman o roubou dos meus dedos e o apagou na escada em que nos sentávamos. Eu o encarei, boquiaberta, pronta para protestar quando ele disse:

— Seus dentes vão ficar feios se continuar fumando essa merda. E você sabe o quanto eu amo o seu sorriso.

Fechei a cara.

— Para ser sincero, eles já estão meio amarelados, *huh?* — continuou ele, sorrindo forçadamente enquanto apontava para os seus próprios dentes, em um pedido silencioso que eu fizesse o mesmo.

Eu revirei meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai se foder.

— E sua pele... acho que ela ficou mais feia com o cigarro.

— Mais feia?! — eu o encarei, as sobancelhas arqueadas, sabendo que ele estava mentindo.

Leon deu de ombros, um sorriso de canto se estendendo o mínimo possível por seus lábios.

— Menos bonita — corrigiu.

Eu respirei fundo, melhorando minha postura enquanto o observava detalhadamente.

— Bem, e você não tem mais aquele tanquinho — menti, e seu sorriso crescendo me dizia que ele sabia exatamente o que eu estava fazendo.

— Meio contraditório você dizer isso e não conseguir tirar os olhos do meu *não-tanquinho* sempre que estou sem camisa, você não acha? — retrucou, e minha respiração saiu acidentalmente com um ronco.

Ele percebeu?

Merda.

PERIGOSAS ACHERON

— É porque fico sempre enojada — foi a melhor desculpa que eu consegui encontrar.

Pelo canto do olho, percebi quando Leon arqueou uma sobrancelha.

— Acho que você quis dizer *maravilhada*.

Soltei uma risada irônica, mas não respondi. Sabia que seria inútil insistir em algo que eu não teria vitória. Eu realmente acreditava que seu corpo não teria como melhorar durante nossos 17 e 18 anos, mas fiquei desapontada ao ver que ele estava incontáveis vezes mais gostoso com seus 20 anos de idade.

Nós ficamos em silêncio mais uma vez, mas eu sentia seus olhos escorregando demoradamente por meus traços. Sua presença me sufocava. Sua beleza me sufocava. Sua análise detalhada me sufocava. *Tudo* nele me sufocava.

— Por que voltou para Mainport, Leon? — perguntei, quebrando o silêncio entre nós.

Meus olhos foram de encontro aos seus apenas a tempo de vê-lo piscar algumas vezes enquanto tentava processar minha pergunta. Ele remexeu-se desconfortavelmente, deixando claro que aquilo

PERIGOSAS NACIONAIS

não era um assunto do qual ele gostaria de falar sobre, mas eu genuinamente não me importava.

Sabia que ele não estava em Mainport porque queria. Enquanto estávamos juntos, Leon não conseguia calar a boca sobre o quanto não suportava aquela cidade. Afinal, era uma cidade pequena, tomada por moradores majoritariamente ricos e mesquinhos que adoravam qualquer tipo de fofoca.

Leon era uma exceção. Ele vivia uma vida simples com seus pais e odiava toda a riqueza que os cidadãos exalavam. Raramente ia em eventos organizados pelas famílias mais ricas da cidade e não se importava em deixar claro que não fazia parte de toda a luxuosidade que nossos amigos tinham.

Quando Leon conseguiu uma bolsa na sua primeira opção de universidade em Londres, eu não tive dúvidas de que ele daria o fora o quanto antes de Mainport. Além do ensino ser evidentemente melhor que a *Mainport University*, ele finalmente estaria longe de tudo aquilo que ele sempre repeliu, e conheceria pessoas com quem finalmente se identificasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele suspirou com pesar.

— Perdi minha bolsa — foi tudo o que ele disse.

Eu o encarei, surpresa.

— O que você fez, Leon? — soprei.

Ele balançou a cabeça, desviando seus olhos dos meus.

— Não importa.

— Claro que importa.

Seus olhos voltaram aos meus mais uma vez, agora banhados por um sentimento que eu não soube ao certo identificar.

— A única coisa que importa no momento é que fiz a transferência para a *Mainport University*. Nós podemos tentar agora, Eve — sussurrou, segurando meu rosto até que seus dedos envolvessem minha nuca, encorajando-me a encará-lo. — Nós podemos tentar, linda. Você não precisa mais se preocupar em interferir nas minhas escolhas. Eu *estou* aqui e *vou* ficar aqui, Eve.

A voz dele mal passava de um sussurro. Eu continuei em silêncio, seus polegares acariciando as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maças de meu rosto ao mesmo tempo em que eu o observava sofrer com cada emoção que alguém poderia sentir. Sua respiração saiu trêmula enquanto ele aguardava por uma resposta.

Meu estômago se revirou quando envolvi suas mãos com a minha, nas laterais de meu rosto. No mesmo instante, senti vontade de enterrar minha cabeça em seu pescoço e chorar, porque sabia que nós dois nunca daríamos certo, mas apenas me afastei, com uma expressão de quem pede desculpas, fugindo do seu toque.

— Você sabe que não foi por isso que nós terminamos, Leon — eu sussurrei, quase não ouvindo minha própria voz.

Ele abaixou a cabeça, encarando seus próprios pés.

— Eu sei, eu sei... — suspirou, passando as mãos pelos cabelos bagunçados, completamente frustrado. — Mas Maeve, eu...

— Não, Leon — eu o interrompi, tentando manter o controle emocional. — Eu e você não damos certo. Você sabe disso tão bem quanto eu. Não vamos cometer o mesmo erro duas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estremeceu, e se eu não o conhecesse tão bem, diria que ele estava tentando conter o choro.

— Maeve...

— Para Leon — pedi, gentilmente, mas fui completamente ignorada.

— Não fuja disto, Eve — implorou, com uma expressão de dor. — Eu te conheço. Pare de tentar fugir de tudo o que está sentindo.

Eu o encarei, dura.

— Eu estou fazendo isso por *nós*. Você sabe que nunca daria certo.

— Como você pode ter tanta certeza, se nunca tentou? — ele aumentou seu tom de voz, cerrando o maxilar com força.

Eu ri. Uma risada breve e sem humor.

— Eu tentei durante *três anos*, Coleman — respondi, entre dentes. — Pare de ser um filho da puta infantil pra cacete. Você sabe mais que ninguém o quanto eu tentei fazer as coisas darem certo entre nós.

Seus ombros baixaram com um suspiro e ele balançou a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Não foi isso que eu quis dizer, Eve.

Eu me levantei.

— Claro que não — fui irônica.

Então dei as costas, afastando-me dele em passos pesados e irritados, tentando ignorar a pontada em meu peito que insistia em dizer que eu estava errada em não tentar mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sentindo a água deslizar lentamente por meu corpo, suspirei. Os músculos relaxando aos poucos enquanto eu me deliciava em um banho quente e demorado. Fechei meus olhos, permitindo que o cansaço das noites mal dormidas tomasse conta de mim. Eu estava começando a sentir falta da minha cama, mas felizmente aquele já era nosso quarto dia na cabana. O que significava que eu teria que suportar os roncos do meu irmão e a presença sufocante de Leon por apenas mais duas noites antes de voltar para Mainport.

Cantarolando uma música qualquer, eu desliguei o chuveiro e me enrolei na toalha, encarando-me no espelho embaçado. As olheiras estavam começando a ficar visíveis, mas eu estava pronta para aproveitar que todos haviam decidido passar a manhã na cachoeira, e recuperar minhas horas de sono enquanto tinha a oportunidade.

No entanto, quando coloquei meus pés para fora do pequeno banheiro, algo os fez congelar. Um barulho vindo da cozinha fez com que eu travasse

uma guerra dentro de mim entre ir até lá para checar o que estava acontecendo, ou me trancar no quarto e esperar que meus amigos chegassem para me resgatar.

Eu não estava sozinha.

Aquilo claramente não havia sido apenas o vento.

E, de repente, meu coração começou a pulsar com força contra o peito.

Demorei aproximadamente um minuto para tomar minha decisão, e então me martirizei quando percebi estar fazendo exatamente o que protagonistas de filmes de terror eram famosos por fazer: deixar que a curiosidade falasse mais alto e dirigir-se em direção ao perigo.

No entanto, felizmente, eu não demorei para distinguir a figura alta e sólida parada atrás do balcão da cozinha, o que me fez soltar um suspiro alto de alívio quase que de imediato. Leon levantou seus olhos da panela em que cozinhava, abrindo um grande sorriso ao me ver ali.

— Terceira vez? — perguntou, referindo-se à quantidade de vezes em que ele havia me assustado

desde que chegamos na cabana.

Eu não respondi, incomodada com seus olhos que escorregavam lentamente do meu rosto até meu corpo, fazendo uma análise completa e minuciosa de mim. Eu cruzei os braços sob o peito, completamente desconfortável ao me lembrar que a toalha era tudo que cobria meu corpo, e o encarei de volta, mas sua atenção não estava mais voltada às minhas íris.

— Pensei que estivesse sozinha — eu disse, finalmente.

Nossos olhos se encontraram mais uma vez, e, se ele notou meu incômodo, não pareceu se importar.

— Bem, você não está.

— Por que não foi com eles?

— Eu poderia te perguntar o mesmo.

Revirei meus olhos.

Odiava quando Leon não respondia às minhas perguntas, e odiava mais ainda que aquilo fosse algo frequente vindo dele.

— Não dormi bem — ele respondeu, ao ver

minha expressão reprovadora, e desligou o fogo antes de contornar a bancada. — E você?

— Dor de cabeça.

Leon assentiu, vindo em passos lentos em minha direção. Os orbes esverdeados agora grudados aos meus com intensidade.

Eu engoli em seco, tentando manter o controle da minha respiração. Quase que inconscientemente, meus pés foram dando passos para trás à medida que o corpo dele se aproximava do meu. Senti minhas mãos suarem, forçando-me a segurar com mais força a toalha presa em meu corpo. Então minhas costas chocaram-se contra a parede do corredor, e eu perdi o ar.

Queria perguntar o que ele estava fazendo, mas tudo o que meu corpo me permitia fazer era permanecer imóvel, observando-o aproximar-se vagarosamente.

Então ele parou.

Perto demais.

Nossos rostos estavam a poucos centímetros de distância e, de forma inexplicável, eu me vi completamente atraída por ele. De repente, quis

PERIGOSAS ACHERON

saber se o sabor dos seus lábios continuava o mesmo. Quis me lembrar como era a sensação de ter suas mãos por todas as partes do meu corpo. Quis seu nariz roçando no meu, o verde dos seus olhos imersos no castanho dos meus.

Por uma fração de segundo, eu pensei em beijá-lo. Não havia nada me impedindo dessa vez, nem mesmo a vozinha no fundo de minha mente parecia gritar alto o suficiente para que eu não o fizesse. O frio em minha barriga foi imensurável ao notar que eu estava há um passo de fazer isso.

E eu prendi o ar.

Senti seus dedos roçarem no interior da minha coxa, subindo lenta e tortuosamente por baixo da toalha, em direção ao meio das minhas pernas que parecia implorar por ele apenas ao pensar em seu toque. Um desejo latente preencheu cada mínimo centímetro do meu corpo e mente enquanto a força das minhas pernas ia se esvaindo.

Seus dedos subindo.

E subindo.

Eu fechei meus olhos, tentando conter o desejo assombroso que fluía em minha pele, mas

falhei miseravelmente.

— Maeve? — Leon perguntou, me transportando de volta à realidade.

Eu olhei para baixo, afastando o misto de emoções do meu rosto o mais rápido possível, e notei que seus dedos estavam longe de estarem roçando em minha perna.

Pisquei algumas vezes, desnorteada.

— Eve, você está bem?

— Ähn? — foi a única coisa que escapou por minha garganta, junto com um ruído esquisito e desconcertado.

Um brilho insondável passou por seus olhos verdes, enquanto ele me observava atentamente atrás de algo que pudesse lhe dizer exatamente o que eu estava pensando, mas eu me mantive completamente inerte.

Ele franziu o cenho.

— Então... nós estamos bem? — perguntou e eu precisei piscar mais algumas vezes para entender que, durante os últimos cinco minutos, ele estava me pedindo desculpas pelos acontecimentos da

PERIGOSAS NACIONAIS

noite anterior enquanto minha mente rondara apenas no desejo imensurável de tê-lo.

De senti-lo.

Engoli em seco.

— *Claro.* — Minha voz saiu mais fina que o planejado.

Ele sorriu.

E quando seus olhos vacilaram até minha boca durante meio segundo, eu imaginei que aquilo poderia facilmente ser minha mente pregando peças e me deixando confusa mais uma vez. Mas então Leon segurou meu rosto, o polegar acariciando delicadamente minha bochecha, e eu concluí que era real.

Real demais.

Seu corpo estava quase colado ao meu, permitindo-me sentir o subir e descer do seu peito graças à respiração pesada. Seu rosto procurou o meu, e eu fechei meus olhos instintivamente ao senti-lo se aproximar. Meu corpo parecendo se desmanchar lentamente em um calor ardente quando senti os lábios de Leon roçando nos meus.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, então, algo aconteceu.

Um alarme no balcão da cozinha me fez pular com o susto, e Leon se afastou em um piscar de olhos, apenas para se deparar com a fumaça que saía do fogão. Eu não sabia o que ele estava fazendo, mas concluí quase que de imediato que aquele supostamente era nosso almoço do dia.

Ele xingou, correndo até lá para tirar o que quer que fosse do forno. A fumaça se espalhando pela casa segundos mais tarde. Então ele soltou uma risada, afastando a fumaça com um pano de prato.

Suas íris verdes encontraram as minhas, mas eu ainda estava atordoada demais para fazer qualquer coisa que não fosse continuar ali, enrolada na minha toalha, completamente inerte. Minha respiração estava presa em meus pulmões, meu coração ainda batendo com força, como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

Apenas voltei a respirar quando Leon sorriu amigavelmente e disse:

— Parece que teremos lasanha queimada para o almoço.



À noite, todos pareciam cansados demais devido ao dia intenso na cachoeira para se dar o trabalho de socializar. Quando o relógio beirou a meia-noite, o silêncio reinava na casa e todos já estavam em seus devidos quartos, com exceção de Matt – que havia pego no sono no sofá – e eu.

Fechei a porta atrás de mim, deixando o maço de cigarros em cima da mesa de jantar. Meus passos foram silenciosos à medida que eu atravessava a sala de estar, perguntando-me se deveria acordar Matt para que ele fosse para cama, ou se seria melhor deixa-lo ali, considerando o quão confortável ele aparentava esta. No entanto, antes que eu pudesse chegar a uma conclusão do que fazer, a porta do quarto em que Nate estava se abriu e eu precisei de alguns segundos para processar a informação que estava diante dos meus olhos.

— *Maeve* — Violet soprou, carregando nada além da mais completa surpresa em seu rosto ao me

ver ali.

Eu não deveria estar muito diferente. Meus olhos intercalando entre a garota que Nate considerava sua arqui-inimiga, e o quarto no qual ela havia acabado de sair. Seus cabelos estavam uma bagunça, e, como se os lábios inchados não fossem o suficiente para denunciar o que ela estava fazendo ali dentro, a camiseta masculina que eu reconhecia facilmente como pertencente a Nate, cobria seu corpo até metade das coxas.

— Violet — respondi, no mesmo tom de espanto.

Ela engoliu em seco, coçando a cabeça, depois encarou a porta ao seu lado como se procurasse por algo que pudesse justificar o motivo pelo qual ela teria acabado de sair dali. Sua boca se abriu e fechou algumas vezes, e eu poderia ter acabado com o seu sofrimento ao fingir não me importar, mas estava curiosa para saber qual seria a desculpa que ela daria.

— Dillon e Luna estão no meu quarto — Violet disse, depois de longos minutos.

Eu assenti silenciosamente.

— Matt...

— Está dormindo no sofá — a cortei, apontando com a cabeça para o garoto apagado há poucos metros de nós, antes que ela pudesse usá-lo como desculpa.

Seus olhos foram até ele, antes de voltarem aos meus em pânico.

— Você não pode falar nada, Maeve.

Eu franzi o cenho.

— Violet, você sabe que não há nada de errado em...

— Eve — ela me interrompeu. — *Por favor.*

Eu apertei os lábios, contrariada, mas assenti com a cabeça e passei por ela em direção ao meu quarto. Era claro que eu não falaria para ninguém, mas se Violet esperasse que eu não fosse cobrar respostas de Nathan na manhã seguinte em relação ao que havia acabado de presenciar, ela estava completamente enganada.

Estava escuro quando eu entrei no quarto, o que indicava – em combinação com o som de sua respiração lenta e profunda – que Leon muito

provavelmente já estava em seu 13º sono. Eu fechei a porta atrás de mim, procurando fazer silêncio, e congelei meus passos ao vê-lo mexendo-se com o ruído de leve. Ele estava esparramado no sofá-cama ao outro lado do cômodo. O braço direito pendendo para fora e a boca ligeiramente aberta.

Eu sorri com a imagem, pois sempre adorei a forma como seus traços se suavizavam durante seu sono, transformando-o quase em um menino. Era algo muito diferente do que eu estava acostumada a ver.

Leon era um cara bastante descontraído, mas *eu via*.

Eu via que, por trás do sorriso infantil e da postura relaxada, seus traços carregavam algo a mais. Algo que ele tentava esconder de qualquer forma, mas que não conseguia. Pelo menos não de mim.

Era algo indecifrável, mas estava ali.

Sombrio e misterioso.

E, agora, com o rosto pressionado à almofada e um travesseiro junto ao peito, não estava mais.

O que eu via ali, era apenas o garoto de vinte

PERIGOSAS ACHERON

anos pelo qual eu sempre fui apaixonada. Um garoto de vinte anos sem assuntos a serem evitados e problemas que pudessem sobrecarregá-lo.

Era triste saber que aquela não era mais a real versão de Leon. Em algum momento entre o início de nosso namoro e a forma como as coisas acabaram, ele passara a carregar um temperamento assustador.

Perguntei-me por um momento se ele havia amadurecido naquele quesito. Se, após quase três anos, ele havia aprendido a lidar com toda a sua bagagem emocional e sua intensidade.

Então pisquei algumas vezes, tentando deixar o ar nostálgico e as perguntas de lado, antes de passar por ele em silêncio. Soltei um suspiro quase inaudível ao deitar-me na cama de casal e perceber que, de fato, Violet não havia mentido sobre Dillon estar no quarto de Luna.

Pelo menos eu teria a cama só para mim essa noite, pensei, aninhando-me preguiçosamente nos lençóis.

Meus pensamentos variaram entre diversas coisas enquanto eu rolava de um lado para o outro

PERIGOSAS NACIONAIS

na cama, mas insistiam em relembrar o momento entre Leon e eu, quando estávamos a sós na cabana.

Eu não queria admitir a mim mesma, mas estava óbvio que ele ainda mexia comigo. Leon fazia com que eu me sentisse quente, como se lava percorresse pelas minhas veias e um formigamento aos poucos tomasse conta de mim. Deixando-me completamente alienada de tudo que me fizera desistir daquela relação em primeiro lugar.

Lembrei-me de nós dois durante os três anos em que estivemos juntos e, por um momento, perguntei-me como seria se nós tentássemos novamente.

E, enquanto eu entrava e saía do meu estado consciente, com meu corpo completamente relaxado nos lençóis e minha mente recorrendo às memórias boas de nós dois que me garantiriam bons sonhos, eu senti a cama afundar.

A princípio pensei que fosse Dillon, mas meus sentidos reconheceram automaticamente quem estava ao meu lado assim que senti seus dedos roçarem de leve o meu ombro.

Eu reconheceria aquele toque em qualquer

PERIGOSAS ACHERON

lugar do mundo, independentemente do tempo que eu passasse longe dele. Contudo, me mantive inerte, com a sensação de que aquilo não se passava de um sonho lúcido.

Sentindo seus dedos escorregarem lentamente por minha pele, passeando por toda a extensão do meu braço, nossos olhos se encontraram em meio à escuridão. Leon estava ali, apoiado em um dos cotovelos, observando-me cautelosamente, como se precisasse saber exatamente o que se passava pela minha cabeça naquele momento, antes de agir.

— O que está fazendo? — sussurrei. Minha pulsação vibrando, à medida que ele deslizava seus dedos por minha pele vagarosamente.

Leon tirou um fio de cabelo do meu rosto. Seus olhos estavam grudados aos meus de forma tão intensa que tudo ao nosso redor parecia simplesmente ter evaporado. Éramos apenas eu e Leon ali.

Leon e eu.

E me vi arfando quando ele disse:

— O que eu devia ter feito mais cedo.

Então ele me beijou. Lenta e deliberadamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

E meu corpo pareceu desmanchar, ardendo em chamas. Seu gosto se derramou na minha boca assim que sua língua encontrou a minha como se fosse a primeira vez.

Espantando qualquer resquício de bom senso que havia restado em mim, joguei para o fundo da minha mente qualquer pensamento racional que me fizesse reconsiderar o que estava prestes a acontecer.

Eu deslizei a mão até sua nuca quando Leon me beijou com mais força,

retribuindo o beijo na mesma intensidade. Seu toque aos poucos se tornando tão intenso e necessitado quanto o meu.

O garoto passou seu braço por baixo de mim, me aproximando ainda mais dele. Seus beijos desceram lentamente por meu pescoço, seus dedos agora deslizando pela minha regata curta em direção ao shortinho de pijama que eu trajava.

Eu estava arrepiada dos pés à cabeça quando ele deslizou o tecido do short pelas minhas pernas lentamente, ao mesmo tempo em que me provocava com os dentes, mordiscando e chupando minha

PERIGOSAS ACHERON

pele.

Na escuridão, nossos olhos se encontraram, mas eu não passei muito tempo ali. Sua boca inchada e vermelha parecia clamar por meus lábios e eu não me importava em passar o restante dos meus dias me deliciando com seu beijo viciante.

Não demorou para que todas as nossas roupas fossem jogadas para longe. Seus beijos desceram para meus seios e suas mãos se arrastaram por todo o meu corpo tão lentamente que eu mal conseguia reagir, apenas fechar meus olhos e arfar com o caminho que seus dedos traçavam até o interior das minhas coxas.

Eu passei os dedos por seu abdômen rígido, puxando meu lábio inferior com os dentes ao ouvir Leon arfar em meu ouvido, se ajeitando entre as minhas pernas, sem sequer pensar em perder seu tempo com preliminares naquele momento.

Eu o sentia em todas as partes do meu corpo. Sentia seus lábios roçando em meu ouvido, seu tronco colado no meu, sua respiração quente e desregulada chocando-se contra minha pele sensível e suas mãos ásperas causando uma discrepância fascinante ao passearem por meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo.

Segurei um gemido quando ele escorregou para dentro de mim. Eu sentia meu corpo queimar em desejo, gritando por Leon como se não houvesse amanhã. E, apesar do escuro, pude ver com clareza o sorriso satisfeito que se esgueirava em seus lábios, antes dele voltar a chocá-los contra os meus.

Meus dedos apertavam os lençóis com força, e Leon não desgrudara sua boca da minha porque sabia que eu não seria silenciosa caso o fizesse. As estocadas fundas me fizeram rolar os olhos em puro prazer, e eu precisei morder os meus próprios lábios para conter os gemidos quando ele se afastou minimamente, prendendo minhas mãos acima da minha cabeça.

Deixei um gemido ou outro escapar e ecoar pela parede dos quartos, cega de prazer enquanto Leon soltava alguns grunhidos, entrando e saindo de mim com cada vez mais força e intensidade. Então fechei meus olhos, sentindo meu corpo inteiro vibrar.

Sua voz saiu rouca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maeve... — ele grunhiu, mas eu o impedi de continuar ao colar minha boca à dele novamente.

Senti quando ele abriu um sorriso sujo entre nossos beijos, claramente satisfeito por ver o poder que seu corpo ainda possuía sobre o meu. Então a velocidade das suas estocadas foi diminuindo vagarosamente assim que ele alcançou o ápice, finalmente soltando meus pulsos e permitindo-se pesar mais em cima de mim.

Seu corpo estava rígido quando eu abri meus olhos, encontrando suas íris esverdeadas. Ele mordeu um sorriso, voltando a grudar seu rosto ao meu apenas para depositar um beijo lento em meus lábios antes de jogar-se ao meu lado no colchão.

Nós suspiramos ao mesmo tempo, encarando o teto de madeira, e, por um momento, eu me perguntei se aquela transa teria significado, de alguma forma, uma possível volta entre nós na cabeça de Leon.

Então, como se ele pudesse ler meus pensamentos, o garoto sussurrou:

— Eve?

— Sim? — Soprei.

PERIGOSAS ACHERON

— Por mais que tenha significado muito para mim, eu sei que não significou muita coisa para você — ele disse, virando-se na cama para me observar, mas eu continuei a encarar o teto, sem coragem para olhá-lo nos olhos. — Não se preocupe em tentar me explicar amanhã que a noite de hoje foi um erro. Eu já sei.

Quis dizer que ele estava errado, mas apertei meus lábios antes que as palavras escapassem da minha boca. Era mais que óbvio que aquilo havia significado algo para mim, porém era cedo demais para que eu pudesse processar o que havia acabado de acontecer entre nós e lhe dizer exatamente o que aconteceria dali para frente.

Tentei ignorar todos os sentimentos que se misturavam em meu peito e respirei fundo, esticando-me para beijar seus lábios uma última vez. Leon levou sua mão até meu rosto, afastando meus cabelos para que ele tivesse uma melhor visão de mim, e ficou com a mão ali, o polegar acariciando delicadamente a linha da minha sobrancelha.

— Boa noite, Leon — foi tudo o que eu disse, antes de voltar a me deitar confortavelmente no

meu lado da cama.

Eu sabia que ele estava esperando por uma resposta mais elaborada, mas seria injusto lhe dar algo que fosse menos que a verdade. E, no momento, a verdade era que eu não tinha ideia do que pensar e sentir em relação a nós dois.

Apenas fechei os olhos, sentindo meu corpo mais pesado, chamando-me para um sono profundo. Ao meu lado, eu o escutei remexer-se na cama antes de sentir seus dedos roçarem carinhosamente por meu braço, mas estava envolta demais pela inconsciência para me importar.

— Boa noite, Maeve — foi a última coisa que ouvi.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Acordei com as risadas abafadas dos meus amigos. A fresta de luz brilhando entre as cortinas do quarto me fez resmungar entre os lençóis antes que eu finalmente criasse coragem para levantar.

Entre um bocejo e outro, meus pés descalços me conduziram até a cozinha, na qual todos, com exceção de Violet e Leon, se encontravam, conversando animadamente enquanto se deliciavam com um café da manhã que incluía panquecas e ovos mexidos. Eu me sentei ao lado de Nate e fui retribuída com um sorriso.

— Nunca vou me acostumar com o seu humor matinal — ele sussurrou para mim, quando eu não sorri de volta.

Peguei uma panqueca do prato no centro da mesa e a joguei no prato de Nate, colocando uma quantia exagerada de *Maple* por cima do meu café da manhã.

— Preciso conversar com você. — Foi tudo o que eu disse, referindo-me ao que havia visto na

noite anterior.

Ele franziu o cenho e, por um momento, pensei que ele fosse voltar a reclamar sobre meu mau-humor. Contudo, quando seus olhos se focaram em um ponto específico do meu pescoço e seus lábios começaram a se partir em um sorriso malicioso, eu imediatamente prendi minha respiração.

— Parece que a noite ontem rendeu... *huh?*

Tapei o suposto chupão com a mão.

— Cala a boca.

Nate se aproximou ainda mais.

— Matt ou Leon? — ele questionou.

Eu olhei em volta, antes de voltar a encará-lo. Felizmente, ninguém parecia estar prestando atenção o suficiente na nossa conversa paralela para desvendar do que estávamos falando, e isso incluía Matthew sentado na minha diagonal.

— Você estava ocupado demais ontem a noite para notar, *huh?* — eu retruquei.

Nathan piscou fortemente, parecendo surpreso, e então estreitou seus olhos como se

procurasse compreender o que aquilo significava. Eu sorri, tão maliciosamente quanto o sorriso que havia esgueirado por seus lábios alguns segundos antes, e aquilo foi o suficiente para que ele ligasse os pontos.

Arqueei as sobrancelhas, incentivando-o a se explicar. O garoto abriu e fechou a boca algumas vezes, balbuciando um misto de palavras e sons que não faziam sentido.

— É uma longa história — disse, por fim.

Me acomodei na cadeira.

— Eu tenho tempo.

Ele suspirou, os ombros caídos, derrotado.

Nate estava prestes a falar quando foi interrompido:

— Você é a porra de um filho da puta! — A voz estridente de Violet ecoou pelas paredes, automaticamente calando todos que estavam na mesa, antes que ela aparecesse em passos pesados na sala de estar.

Leon vinha atrás dela. A expressão fechada e as bochechas levemente coradas me diziam que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

estava prestes a perder a paciência.

— Violet...

Ela se virou para ele bruscamente, apontando o dedo indicador em sua cara.

— Você está fodido na minha mão, Coleman — disse, entre dentes.

O garoto soltou uma risada amarga, e aquilo foi o suficiente para que a mão de Violet fosse até seu rosto, em um tapa estalado.

— Ei ei ei, que porra é essa? — Aquele era Dillon, que em um piscar de olhos já havia se colocado de pé, em um estado claro de alerta.

Eu estava chocada e confusa demais para entender o que estava acontecendo, assim como o restante de nós, que continuara sentado na mesa, tentando processar o que estava diante dos nossos olhos.

Uma quantidade significativa de perguntas começou a surgir no fundo da minha mente, enquanto eu os via discutir quase como se os dois tivessem algum tipo de segredo entre eles que ninguém jamais cogitara imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Violet não esperou por nenhuma reação por parte do Leon. E, ignorando também a fala do meu irmão, voltou a girar sob os calcanhares, saindo da cabana em disparada. Coleman também não demorou para sair de cena, trancando-se no banheiro seguido de um rugido de raiva e um barulho de algo se quebrando.

Eu voltei a encarar meus amigos. Dillon continuava em pé, com os olhos intercalando entre a porta da casa e o banheiro, enquanto o resto de nós trocava olhares em silêncio. Em uma outra situação, seria até mesmo cômico a forma como todos nós portávamos um ponto de interrogação gigantesco no rosto.

O barulho da cadeira se arrastando atraiu os olhares de todos até Luna, que se levantou em direção à porta, sendo seguida por meu irmão. Andy me encarou, apontando ligeiramente com a cabeça para onde Leon havia seguido, dizendo apenas com os olhos que eu deveria ir até lá.

Então eu me levantei, permitindo que meus pés me guiassem até que eu ficasse em frente à porta do banheiro. Dei duas batidas de leve, mas não obtive nenhuma resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, sou eu. — Foi tudo o que eu disse, encostando a testa no batente da porta.

Ele continuou em silêncio, mas eu conseguia ouvir com facilidade sua respiração pesada e irritada ao outro lado da madeira.

— Leon — soprei.

Silêncio.

Eu estava prestes a girar sob os calcanhares e deixa-lo só, quando a porta finalmente se abriu, e os olhos verdes de Leon, que carregavam um misto de emoções, encontraram os meus.

— Você está bem? — sussurrei.

— Não.

Eu apertei meus lábios com a resposta, antes de entrar no banheiro e trancar a porta atrás de mim. O espelho rachado foi a primeira coisa que chamou minha atenção, seguido automaticamente da mão direita de Leon, machucada.

— *O que aconteceu?* — Tentei conter o tom de desespero em minha voz, sem saber se deveria juntar os cacos de vidro, abraça-lo ou dar um jeito de cuidar da sua mão, mesmo que eu não tivesse

qualquer noção de primeiros socorros. — Meu deus, Leon.

Seu peito ainda descia e subia com força, e a mão esquerda estava cerrada ao lado do corpo. Ele fechou os olhos, claramente tentando conter aquela raiva incontrolável que eu já estava acostumada a ver percorrendo as suas veias.

— Eu não... — Sua voz falhou, o maxilar trincado e os dentes rangendo. As mãos foram até os cabelos, agarrando com força os fios claros.

— Ei — eu o chamei, tentando tranquiliza-lo.

Meus pés se aproximaram dele e minhas mãos foram involuntariamente até suas bochechas. Ele permitiu que suas mãos fugissem dos seus cabelos em direção à minha cintura e, na ponta dos pés, encostei minha testa na dele.

— Está tudo bem, Leon — sussurrei, baixinho, perguntando-me para onde será que havia ido o resto da minha voz.

Leon prendeu e soltou o ar durante longos minutos. Eu continuei ali, com minha testa colada à sua e os polegares acariciando as maçãs do seu rosto até que ele parecesse mais calmo. Fechei os

olhos, sentindo sua respiração contra a minha pele e seus lábios roçando contra os meus. Minhas mãos deslizando, agora, em direção à sua nuca; e os seus dedos lentamente subindo pelas minhas costas até tocar a minha.

— Maeve.

Ele sussurrou meu nome com sofrimento, como se precisasse saber se era isso que eu queria. E, neste momento, tive certeza absoluta que era. Queria beijá-lo e estar com ele, assim como estivemos na noite passada. Queria poder dizer que eu não achava que a noite anterior havia sido um erro e que, talvez, eu gostaria de ter mais e mais noites como aquela.

Então eu o beijei, esperando que ele deduzisse todas as minhas palavras apenas pelo sabor dos meus lábios. Suas mãos vieram até a lateral do meu rosto, puxando-me ainda mais para si, quase como se aquilo fosse tudo que ele precisasse para finalmente manter a calma.

Beijar Leon era como morrer em seus lábios e nascer novamente, incontáveis vezes mais sedenta pelo sabor do seu beijo. E eu não parecia notar o quanto seus lábios contra os meus faziam tanta falta

PERIGOSAS ACHERON

até aquele momento.

Contudo, não demorou para que ele recuasse em dor, assim que eu envolvi suas mãos com as minhas, automaticamente lembrando-me dos machucados nos nós dos seus dedos.

Dei um passo para trás, assustada, quando ele grunhiu baixinho.

— Meu deus, desculpa! — eu quase gritei, sem saber ao certo como reagir aos machucados.

Leon tentou sorrir.

— Tudo bem, Eve, eu só preciso limpar esses machucados.

Eu assenti, baixando a tampa da privada para que ele pudesse se sentar, e repeti suas palavras em minha mente enquanto procurava por algum tipo de kit de primeiros socorros nas gavetas do banheiro. A caixa que encontrei embaixo da pia com uma pequena cruz vermelha me fez suspirar, e eu me agachei em frente ao garoto antes de puxar sua mão para mim.

Os cortes pareciam dolorosos e, por um momento, perguntei-me se precisariam de pontos. Meus olhos intercalavam entre o kit de primeiros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

socorros e sua mão, sem ter a porra da mínima ideia do que eu deveria fazer, quando ouvi Leon rir baixinho e levantei minha atenção até ele.

— Você tem alguma ideia do que fazer?

— Não — fui sincera, com os ombros murchando.

Ele riu, puxando o kit das minhas mãos e parecendo saber exatamente o que fazer com aquilo. Eu me encostei na parede gelada, observando-o limpar seus cortes em silêncio, enquanto perguntava-me por quais motivos Violet o deixaria tão irritado a ponto de socar um espelho pelo qual claramente teríamos que pagar ao proprietário da casa depois.

No bolão de qual seria a primeira briga séria que teríamos na cabana, obviamente ninguém havia apostado em Violet e Leon pelo simples motivo de não haver qualquer tipo de interação entre eles além do necessário. Não me lembrava de vê-los interagindo entre si como nada além de dois conhecidos que dividiam o mesmo grupo de amigos e, por esse motivo, eram obrigados a conviver e se respeitar.

PERIGOSAS ACHERON

O que rapidamente me fez questionar se Leon e Violet poderiam estar escondendo algo como...

— Eve? — Coleman me trouxe de volta à realidade, quebrando completamente a minha linha de raciocínio.

Eu precisei piscar algumas vezes para voltar a focar completamente no presente.

— O que está pensando? — perguntou, mas eu não respondi de imediato.

Precisei de alguns segundos para refletir o que exatamente eu deveria dizer, não querendo fazer qualquer tipo de pergunta ou comentário inusitado.

— O que aconteceu ali fora, huh? — questionei, e aquilo foi o suficiente para que ele se remexesse desconfortavelmente sob a tampa da privada.

Leon fechou o kit de primeiros socorros lentamente, esticando-o para deixa-lo na pia ao seu lado, quase como se precisasse daqueles segundos para escolher a resposta certa para a minha pergunta.

— Apenas a Violet sendo inconveniente e maluca, como sempre. — Foi tudo o que ele disse.

— Sobre o que vocês estavam discutindo?

Ele não respondeu logo de cara.

Seus olhos encontraram os meus, e um ar estranho passou pelo rosto dele.

— Não importa, Maeve.

Eu bufei, frustrada por nunca obter respostas concretas quando vindas dele.

— Porra, você é inacreditável, Leon.

Mas ele não pareceu se afetar pela minha evidente frustração. Leon apenas sorriu e se esticou até colar seus lábios nos meus em um selinho longo.

Quando eu voltei a encará-lo, o verde dos seus olhos não parecia mais tão impenetrável. Agora suas íris eram leves e calorosas, e ficavam lindas em combinação ao sorriso branco e simpático.

— E você é maravilhosa, Eve — soprou. — Confie em mim, não há nada com o que se preocupar, ok?

Respirei fundo, um pouco hesitante.

Então finalmente assenti, de uma forma que o levasse a crer que eu deixaria aquilo para lá, mas a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz sombria e desagradável no fundo da minha mente não deixou de gritar por um segundo sequer que algo não estava certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

— Isso é uma miragem — a voz de Nate ressoou na cozinha assim que despejei os ovos mexidos em um prato com torradas — ou você *realmente* está fazendo o café da manhã pra gente?

— As pessoas podem surpreender, Nate — disse Andy, sem se importar em enfiar um pedaço de torrada com ovo na boca, entre uma palavra e outra. Então completou de boca cheia: — Mesmo que *beeeeem* raramente.

Eu revirei meus olhos, sentando-me ao lado de Liam.

— Acho incrível a forma como vocês confiam no meu potencial de ser uma boa pessoa — eu disse.

— Você deveria apenas aceitar o elogio, Eve — comentou Liam.

— Você é uma boa pessoa, Maeve — respondeu Nate, colocando os ovos mexidos em cima de uma torrada. Os olhos grudados no alimento como se ele não comesse nada há dias. — Depois do meio-dia.

Eles riram.

Eu estava prestes a mandar Nathan tomar no cu quando Dillon surgiu pela porta de entrada, sendo rapidamente atraído pelo prato em cima da mesa. Ele já estava com suas calças jeans e a camisa xadrez dobrada até os cotovelos. A testa brilhando em suor me dizia que Leon, Matthew e ele já haviam carregado grande parte do portamalas com as nossas coisas, para que finalmente voltássemos à Mainport.

— Nossa pirralha, valeu, você é incrível — disse meu irmão, roubando o pedaço de torrada das minhas mãos e enfiando-o de uma vez só na boca.

Eu fechei a cara e contive a vontade insana de fazê-lo cuspir a comida no prato para aprender a ter bons modos.

— Você é ridículo — resmunguei.

— E você deveria agradecer que eu não estou te forçando a colocar aquela sua mala pesada pra cacete no carro sozinha — ele retrucou, saindo de cena logo em seguida, atrás do restante das malas.

Liam se levantou para ajudar os garotos com o restante das coisas, após depositar um selinho

rápido nos lábios de Andy que a deixou com um sorriso idiota no rosto. E não demorou para que Luna se sentasse no lugar de Liam, tão arrumada para uma viagem de carro que eu quase me vi perguntando se ela iria para algum tipo de desfile de moda assim que chegasse em Mainport. No entanto, tentei conter todo o cinismo que corria pelas minhas veias para quando fosse realmente necessário.

Violet chegou logo atrás e, foi apenas quando se sentou ao lado de Nathan como se repudiasse a ideia de que aquela era a única cadeira livre, que eu me lembrei que Nate e eu ainda não havíamos tido a famosa conversa sobre o meu encontro inoportuno com Violet, há duas noites atrás.

— Não consigo acreditar que as férias acabaram tão rápido — murmurou Andy, levando minha atenção até ela.

Nate revirou os olhos.

— Quatro dias para a volta às aulas. Ou, devo dizer, *inferno*?

— Terceiro semestre na Mainport University e eu só consigo me visualizar atolada em trabalhos e

matérias — eu disse, grunhindo.

Luna bufou ao meu lado, limpando a boca com classe com um guardanapo, antes de dizer:

— Vocês precisam ser mais positivos. Além do mais, em três dias teremos a melhor festa de volta às aulas que a cidade inteira já viu! — exclamou ela, e Violet soltou um gritinho animado ao outro lado da mesa, batendo palminhas irritantes que expunham a sua ansiedade.

— Do que vocês estão falando? — Aquele era Leon, passando pela porta de entrada apenas com uma calça surrada que parecia escorregar por seus quadris perigosamente, à medida que ele vinha em nossa direção.

Eu tentei parecer indiferente, mas toda a vez que eu o via sem camisa, sentia um calor se iniciar nos meus dedos dos pés e subir até a minha cabeça sem minha permissão. Portanto desviei meus olhos, em uma tentativa frustrada de acalmar os meus nervos, e notei quando a expressão de Violet passou de extrema ansiedade para uma repulsa enorme.

— Luna está comentando sobre a festa que

teremos na casa dela para comemorar a volta às aulas na universidade — explicou Andy, atualizando-o.

— Você está convidado, Leon — Luna piscou para ele, que assentiu com a cabeça, sorrindo. — Quero todos vocês lá. — E então trouxe seus olhos até mim. — Sem exceções, Maeve.

Eu soltei uma risada fraca e assenti com a cabeça, confirmando minha presença. Não estava muito animada para a festa de Luna, mas eu sabia que seria um evento histórico para a Mainport University.

Durante os últimos dois semestres, nós havíamos organizado festas menores para celebrar o início das aulas e sempre fora muito divertido, mas Luna estava planejando algo *gigantesco*. Com toda a certeza seria uma das melhores festas que nós teríamos, uma vez que a garota estava aproveitando a ausência dos pais para organizar algo que ela jurava que seria de outra dimensão.

Eu não duvidava.

Luna era incrivelmente boa com a organização de festas e compraria não só as bebidas mais caras,

como faria algo que com toda a certeza *não* seguiria o padrão luxuoso e tedioso de Mainport, mas sim algo que representasse fielmente as festas universitárias que nós já estávamos acostumados a ir.

— Bem, você pode contar com a minha presença — disse Leon após roubar uma torrada e voltar ao trabalho, não sem antes lançar uma piscadinha discreta em minha direção que me fez ter que conter um sorriso.

Nate pigarreou ao meu lado, atento com o que acabara de ver entre nós.

Eu o encarei, arqueando uma sobrancelha de forma cínica, e não me importei em dizer em frente ao restante da mesa:

— Nathan, preciso conversar com você. — Fiz uma pausa. — A sós.

Ele demorou um pouco para reagir, tentando processar o que diabos eu estava planejando, mas então se levantou. E, antes que eu pudesse me trancar em um dos quartos com ele, notei quando Violet me olhou como quem soubesse *exatamente* qual seria a pauta daquela conversa.

— Você é ridículo! — eu sussurrei, assim que a porta foi fechada atrás dele, não sem antes dar um tapa em seu ombro.

— *Eu?* — Ele apontou com o dedo indicador para o próprio peito, os olhos bem arregalados em minha direção. — Não sou eu que estou trocando piscadinhas e sorrisos discretos com o meu ex-namorado.

Abri a boca, fingindo estar insultada. Depois cruzei os braços sob o peito, na defensiva.

— Bem, não sou eu que estou transando entre quatro paredes com a pessoa que eu juro de pés juntos ser minha arqui-inimiga — rebati.

Nate bufou, impaciente, pronto para retrucar, mas nada saiu por entre seus lábios. Seus olhos pareceram distantes enquanto ele provavelmente buscava por uma resposta boa o suficiente para me humilhar. Quando não conseguiu encontrar nada, seus ombros murcharam e ele se encostou na parede ao lado da porta.

— Não tenho argumentos no momento, mas depois você vai ver.

Eu gargalhei alto, sendo acompanhada por ele,

mas logo fomos interrompidos assim que a porta se abriu, e Andy entrou sem sequer pedir licença. Afinal, ela sabia que, o que quer que Nate e eu falássemos entre nós, em algum momento seria compartilhado entre os três – e vice-versa.

— Quando você iria me contar que está transando com o Leon, Maeve?! — ela disparou, assim que fechou a porta atrás de si, e eu encarei meus dois melhores amigos sem saber o que dizer.

Estava tão óbvio assim?

Minha boca se abriu e fechou algumas vezes antes que eu pudesse me explicar.

— Eu não... — tentei esclarecer, mas fui interrompida.

— Ela deu sim — disse Nate, permitindo que um sorriso safado decorasse as suas linhas.

Eu o encarei, indignada.

— Olha quem fala! O senhor *eu-odeio-a-Violet-mas-transo-com-ela-depois-que-todos-vão-dormir*.

— *O quê?! — Andy berrou, sendo pega de surpresa. — Você transou com a Violet? Nathan!*

Ele mordeu o lábio, sabendo que não teria escapatória senão contar o que estava acontecendo entre eles, e eu intercalei meu peso entre os pés, pronta para ouvir o que ele tinha a dizer. Eu estava curiosa. Sabia que Nate nutria sentimentos por ela há um bom tempo, mas nunca imaginei que Violet sentiria o mesmo por ele até aquele momento.

— Eu não... — ele começou.

— Ele transou sim — o interrompi, abrindo um sorriso ao receber um olhar mortal vindo dele.

No entanto, antes que Nathan pudesse começar a se explicar, a porta se abriu novamente e Dillon surgiu em meu campo de visão, apenas com a cabeça para dentro do quarto, passando seus olhos azuis por nós três.

— Parem de fofocar e ajudem a colocar o que falta no carro. Nós saímos em quinze minutos — ele disse, e então sumiu por entre o corredor, antes de acrescentar em um grito: — E se eu entrar no carro e vocês não estiverem lá, deixo todo mundo pra trás, vocês me escutaram? Quinze minutos!

Eu revirei meus olhos e, como se tivesse sido algo planejado, Nate, Andy e eu gritamos em

uníssono:

— *Okaaaaay*, pai.

— Bom... parece que nossa conversa acabou — disse Nate, com um sorriso ladino esgueirando pelos lábios.

— Você que pensa — murmurou Andy, assim que ele praticamente fugiu de nós, usando a deixa de Dillon como desculpa. A garota suspirou ao meu lado, balançando a cabeça negativamente. — Ninguém me avisou que eu precisaria tomar chá de camomila todos os dias para conseguir ser amiga de vocês dois.

Eu soltei uma risada, não querendo parecer tão hipócrita por estar tentando fugir da mesma forma que Nate havia acabado de fazer, para evitar o assunto *Leon*, e tentei soar casual ao dizer que iria checar se havia esquecido algo em meu quarto.

Andy não caiu na minha desculpa. Claro que não. Mas foi o suficiente para que eu saísse de lá sem precisar dar explicações sobre o que quer que fosse que parecia estar acontecendo entre Leon e eu.

Foi apenas após finalmente entrar no quarto

em que eu havia me hospedado durante os últimos seis dias, que eu senti a tensão fugir dos meus ombros. Andy era minha melhor amiga, e eu tinha certeza de que, em algum momento, eu seria obrigada a ter aquela conversa com ela. Mas ela era racional demais e, embora já tivesse sido tão amiga de Leon quanto era minha, eu tinha certeza que ela estava reprovando completamente a ideia de me envolver com ele de novo. E eu estava tentando adiar suas duras verdades o máximo possível.

— Eve.

A voz que soou atrás de mim me fez segurar um grito, e eu me virei para encarar os olhos verdes e intrigantes que Leon carregava consigo. Ele continuava sem blusa, e, como se os cabelos dourados e bagunçados não fossem o suficiente para deixar claro que carregar o carro com todas as nossas coisas havia lhe dado um baita trabalho, a pele brilhante devido ao suor completava o pacote do homem que fazia com que minhas pernas tremessem e meu coração palpitasse.

Sua aproximação não estava ajudando a minha capacidade de raciocínio. E o sorriso canalha, somado ao fato de que ele acabara de trancar a

PERIGOSAS NACIONAIS

porta atrás de si, tornou minha tentativa de ignorar o calor que, de repente, começara a correr por minhas veias ainda mais difícil.

Piscando algumas vezes, eu finalmente consegui dar um passo para trás quando suas mãos tocaram a minha cintura.

— Nem tente — eu disse, satisfeita comigo mesma. — Dillon só me deu quinze minutos.

Seu sorriso cresceu, e ele deu mais um passo à frente.

— Não se preocupe — ele sussurrou, roçando seus dedos na bainha do meu short de forma provocativa. — Eu só preciso de cinco pra fazer o seu dia ainda melhor.

Eu hesitei. Embora eu não duvidasse nem um pouco das suas palavras, tinha certeza que aquilo se estenderia, caso eu cedesse.

Então eu mordi meu lábio, tentando conter um sorriso malicioso.

Bem, Dillon não se importaria se seus quinze minutos virassem vinte, certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A chuva forte caía sobre Mainport há quase dois dias, e não parecia querer dar trégua tão cedo, trazendo consigo raios estrondosos que atraíam meus olhos para as janelas de casa toda a vez que um relâmpago rasgava o céu.

A ideia de estar de volta à Mainport parecia bastante atrativa nos últimos dias de viagem. Contudo, mal haviam se passado 24 horas e eu já estava começando a sentir falta da cabana em que havíamos passado nossa última semana de férias. Além do mais, minhas aulas voltariam em dois dias e eu não sabia se estava pronta para lidar com um terceiro semestre prestando Direito.

— Eu não consigo entender por que vocês, jovens, não podem comemorar as festas aos sábados ao invés dos domingos — ouvi minha mãe dizer.

Dillon revirou os olhos ao outro lado da mesa, claramente contendo a vontade de bufar, e encostou suas costas na cadeira antes de falar:

— Claro que comemoramos aos sábados, mãe. Mas a festa de amanhã foi feita exatamente com o
PERIGOSAS ACHERON

intuito de irmos todos ressacados para a universidade na segunda-feira.

— *Por quê?* — questionou novamente, sem entender. — Céus. Nunca vou entender essa geração.

— E essa festa na casa da Luna... — começou meu pai. — Os pais dela estão sabendo que terão a casa destruída amanhã?

Eu revirei minha comida no prato com um garfo, antes de voltar meus olhos a ele.

— Pai, quanto menos você souber, melhor — eu disse.

Ele apertou os lábios, claramente contrariado, mas já acostumado a ficar por fora de todos os assuntos que envolviam festas, bebidas e provavelmente drogas, visto que ele era o xerife da cidade.

Então ele soltou um suspiro cansado, largando os talheres no prato e recostando-se sob a cadeira.

— Tanto faz — limpou a garganta. — Desde que eu não receba nenhuma denúncia de menores de idade bebendo ou de jovens quase se matando, vocês podem fazer o que quiserem. Só não me PERIGOSAS ACHERON

deem trabalho em pleno domingo à noite.

Dillon soltou uma risada nasalar.

— Você não acha que seu trabalho precisa de um pouquinho mais de emoção? — ele arqueou as sobrancelhas, dando de ombros em seguida. — Não sei. Não me parece muito emocionante apenas patrulhar as ruas de uma cidade minúscula no interior da Inglaterra.

— Você fala como se nunca tivesse se divertido quando eu te levava para patrulhar as ruas comigo.

— Pai, eu tinha dez anos!

Meu pai revirou os olhos, jogando a cabeça levemente para trás em um ato cansado.

— Certo, certo... — Ele apoiou os cotovelos sob a mesa, após limpar a boca com um guardanapo. — Porém, se *animar* meu trabalho significa aparecer em uma festa universitária em pleno domingo à noite, para conter um bando de jovens inconsequentes e descontrolados, eu passo.

— Você tá ficando velho, pai — foi minha vez de provocar, lançando lhe um sorriso zombeteiro.

— Velho *e chato* — acrescentou Dillon.

Ele se levantou da mesa.

— Bem, o pai *velho e chato* de vocês vai para a cama. — Então deu um beijo estalado em nossas bochechas e sussurrou algo para minha mãe, que soltou um risinho.

Eu encarei meu irmão, e nós dois franzimos o cenho, tentando não pensar no que quer que fosse que ele teria sussurrado a ela. Não demoramos para tirar a mesa e arrumar as coisas, e minha mãe não hesitou em fugir para o quarto no meio do processo, parecendo uma adolescente apaixonada.

Dillon e eu fingimos que não vimos, e continuamos a lavar a louça em silêncio. Eu estava perdida em pensamentos, desde Leon, até meu terceiro semestre na Mainport University e o que eu faria depois que me graduasse, quando senti meu irmão trombar de leve seu cotovelo em meu braço, tentando chamar minha atenção.

Eu desviei meus olhos da louça que estava lavando, até encontrar seus orbes azuis, que me observavam com curiosidade.

— Então... — começou ele, em um tom

incerto. — Você e Leon, *huh?*

Revirei meus olhos, voltando a esfregar o prato em minhas mãos.

— O que foi?

Ele riu.

— Para com isso, pirralha. Sou seu irmão, você sabe que pode me contar tudo.

Analisando-o atentamente após entregar o prato em minhas mãos para que ele o secasse, demorei longos segundos antes de perguntar:

— Você vai bater nele de novo se eu te contar?

Dillon soltou uma risada alta, jogando a cabeça para trás.

— Claro que não. De todos os caras que você já se envolveu, ele é o único que realmente presta.

Imediatamente fiz uma careta, balançando a cabeça.

— Você só diz isso porque agora são amigos. Se quisesse o meu bem, você saberia que, de todos os caras que eu já me envolvi, ele é o mais suscetível a me fazer mal — resmunguei.

Dillon fechou a torneira e se virou para mim, cruzando os braços sob o peito.

— Você diz isso porque, de todos os caras que você já se envolveu, ele é o único que você amou e continua amando — ele disse, e eu abri a boca para protestar, mas fui cortada antes mesmo de começar a falar: — E *amar* é estar vulnerável, Maeve. *Amar* é se jogar de cabeça. *Amar* é entregar seu coração na mão de outra pessoa, e torcer para que ela tire o melhor proveito daquela situação, mesmo sabendo que ela tem o poder de quebra-lo há qualquer momento. E isso é aterrorizante pra cacete, Eve, mas é impossível fugir disso. Você pode remar e remar e remar contra a correnteza com toda a força que tiver, mas o amor vai te alcançar. Não. O amor *já* te alcançou. E você não pode viver sem ele, Maeve, porque o amor é a razão para *tudo*.

Cacete.

Eu precisei piscar algumas vezes para processar todas as palavras que haviam saído pelos lábios do meu irmão, chocada demais. Ele tinha razão. É claro que Dillon tinha razão. Mas eu era

orgulhosa demais para admitir aquilo em voz alta. Então apenas abri um sorriso, e disse:

— Uau, você pegou isso de qual página do instagram?

Ele soltou uma gargalhada, abrindo a pia novamente só pra jogar água em minha direção.

— Você é ridícula, pirralha.

— Bem, não era eu que estava quase recitando um poema de amor no meio da cozinha em pleno sábado à noite. — Meus lábios se abriram em um sorriso zombeteiro, jogando água nele também. — Dillon Sean Miller, o galinha oficial de Mainport, está apaixonado ou é impressão minha?

Ele revirou os olhos.

— Não estou — garantiu, mas eu arqueei uma sobrancelha, duvidando muito daquela informação. — Não estou *mesmo*, mas sei do quê estou falando, pirralha. Você deveria escutar mais vezes o seu irmão mais velho.

Contive uma risada, secando minhas mãos.

— Se eu escutasse e seguisse todos os seus passos, eu estaria no supermercado agora mesmo

comprando papel higiênico para limpar todas as merdas que eu teria feito.

— Tá bom, já chega — ele me cortou, rindo.

Eu balancei a cabeça negativamente. Estava prestes a dar meia volta para voltar ao meu quarto quando Dillon chamou meu nome novamente. Eu o encarei, esperando silenciosamente que ele dissesse o que tinha a dizer.

— O Leon te ama como nunca amou ninguém — disse, seu rosto parecendo sincero o bastante para me fazer acreditar em suas palavras. — Ele faria qualquer coisa por você, pirralha. E, para um irmão mais velho estar lhe dizendo isso, saiba que estou sendo sincero. Eu nunca diria isso, sendo ciumento pra cacete do jeito que sou, se não fosse verdade.

Um sorriso involuntário começou a se esgueirar por meu rosto e, antes mesmo que eu pudesse perceber, eu já estava abraçada com ele, reclamando e tentando me soltar enquanto ele me apertava com força e bagunçava meus cabelos como se nós tivéssemos sete anos de idade novamente. E, por um momento, eu desejei que pudéssemos voltar no tempo, para a época em que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo era mais fácil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Andy balançava duas blusas na minha frente pela milésima vez, os olhos verdes grudados em mim enquanto esperava por uma opinião sincera.

— Acho que é a terceira vez que você me mostra as mesmas blusas — eu disse, rolando em sua cama, começando a perder a paciência. — E é a terceira vez que digo que prefiro a preta.

Meu comentário provocou uma quarta revirada de olhos em um intervalo de cinco minutos e, em seguida, o colchão se afundou quando ela se jogou ao meu lado, largando suas roupas no chão.

— Eu desisto! — ela resmungou, tendo a famosa crise de não ter o que trajar. — Vou pelada.

Eu soltei um riso, encarando-a.

— Acho que Liam não vai gostar muito da ideia.

Andy suspirou e, como se soubesse que eu tinha razão, voltou à sua batalha eterna contra seu guarda-roupa. Eu rolei novamente na cama, tentando alcançar o criado-mudo quando ouvi meu celular vibrar, denunciando uma nova mensagem.

Andy enfiou a cabeça dentro do seu armário pela quinta ou sexta vez, e eu não contive uma careta, agradecendo aos céus por não ser tão desorganizada quanto ela. Então desviei meus olhos para ler a mensagem que acabara de chegar.

Mensagem enviada por Liam Johnson, às 22h04.

“Estou chegando em cinco. Vocês estão prontas?”

— *Ai meu Deus!* — ela gritou, saindo do armário com os cabelos bagunçados e os olhos colados à tela do seu celular, o que rapidamente me fez concluir que ela recebera a mesma mensagem que eu. — O Liam está chegando e eu ainda estou pelada.

— Bom... — eu ponderei, tentando conter um riso. — Pelo menos você já fez a maquiagem.

Andy me bombardeou com os olhos e, se eu pudesse sangrar até a morte com um único olhar, eu já estaria morta. Então suspirou, pegando algumas roupas antes de se trancar no banheiro.

Não demorou mais que três minutos para que uma buzina ao lado de fora me fizesse levantar da

PERIGOSAS NACIONAIS

cama em direção à janela, acenando para Liam. Andy saiu em disparada do banheiro, calçando os tênis ao mesmo tempo em que tentava andar, o que claramente teria resultado em uma queda icônica se ela não tivesse sido cuidadosa.

Quando chegamos ao andar de baixo, nos despedimos dos pais de Andy que conversavam na sala de estar, não sem antes ouvir que deveríamos nos comportar e não beber muito, e então eu escorreguei para o banco de trás do carro de Liam, vendo minha melhor amiga dar um beijo apaixonante em seu namorado como se eles não se vissem há meses.

Percorrendo pelas ruas escuras de Mainport, eu me deixei distrair pelas casas que iam se tornando maiores à medida que nós adentrávamos a parte mais rica da cidade. Cercada de florestas densas e incontáveis lagos, Mainport era conhecida por ser uma das menores e mais pacatas cidades no interior da Inglaterra. E eu me questionava todos os dias os motivos que levariam pessoas com tanto dinheiro a fugir de cidades como Londres para se enfurnarem neste fim de mundo.

A casa de Luna era uma das maiores e mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afastadas da cidade. Seus pais viviam viajando em função do trabalho, o que lhe dava tremendas oportunidades de fazer as melhores festas de Mainport, mas Luna nunca as fazia. Para ela, fazer festas regularmente fazia com que as pessoas vissem aquilo como algo usual.

E as festas de Luna estavam longe de serem consideradas usuais.

As festas de Luna eram extraordinárias, excepcionais e, acima de tudo, *raras*.

Talvez fosse por esse motivo que a casa estava com o triplo de jovens que eu imaginara que estaria quando chegamos.

— Eve. — A voz de Liam chamou minha atenção, fazendo com que eu desviasse o olhar da enorme casa em nossa frente tomada por uma quantia exuberante de jovens até ele. — Fique atenta ao seu celular, para quando formos embora. Caso o contrário, você perderá a carona de volta.

Eu assenti e, em questão de segundos, nós três estávamos espremidos em meio à multidão. O som alto podia ser ouvido a dois quarteirões daqui e, passando meus olhos ao redor, procurei por algum

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto conhecido, mas era surpreendente a quantia de gente que supostamente estudava na Mainport University que eu sequer tinha noção da existência.

A festa mal havia começado e eu já via pessoas completamente alteradas graças ao álcool ou às drogas. Suspirei, por um instante me arrependendo de ter vindo. Festas grandes como aquela nunca eram um bom sinal. Eu genuinamente não me lembrava de haver tantos jovens em Mainport e, se a festa continuasse a todo o vapor como parecia estar agora, eu duvidava que meu pai não seria chamado até o fim da noite.

— Eve! — Ouvi meu nome em meio à música ensurdecadora que fazia com que o chão tremesse sob meus pés. — Eve!!!!

Olhei ao redor, procurando pela alma que estaria gritando meu nome desesperadamente, e encontrei Nate próximo a uma mesa de bebidas, acenando como se sua vida dependesse disso.

— Por favor, não me diga que você já está bêbado. — Foi a primeira coisa que eu disse quando o alcancei, servindo-me de vodka e energético.

PERIGOSAS ACHERON

Ele soltou uma gargalhada e, pela forma como deu de ombros e fez pouco caso, tive certeza de que ele já havia bebido o suficiente para estar *altinho*. Eu o conhecia como a palma da minha mão e Nate sabia que não conseguiria disfarçar, por mais que tentasse. Nós éramos amigos inseparáveis desde que eu me conhecia por gente. Eu havia presenciado, não só seu primeiro beijo, como seu primeiro porre, e podia facilmente dizer quando ele estava sóbrio ou não.

— Claro que não — sua voz tremeu e eu semicerrei meus olhos em sua direção.

— Você está dirigindo?

Nate não respondeu.

Então eu estendi a palma da mão em sua direção, esperando que ele me entregasse as chaves do carro.

— Ah qual é, Eve? — ele reclamou, jogando a cabeça para trás. — Eu não teria como levar uma multa ou ser preso nem se quisesse. Você sabe que Mainport não tem esse tipo de vigilância.

— Isso não significa que você não pode sofrer um acidente — pontuei. — Vamos. Me dê logo

essas chaves. No fim da noite, quando estiver sóbrio, eu as devolvo.

Nate revirou os olhos para a minha ordem, mas sabia que seria inútil protestar. E quando o molho de chaves veio parar em minhas mãos, eu sorri, satisfeita.

— Bom garoto — eu disse, como se ele fosse um cachorro, e, em um impulso, estiquei minha mão para bagunçar seus cabelos, após guardar as chaves no bolso, recebendo uma careta do meu melhor amigo como resposta.

Nate estava prestes a me xingar de vinte formas diferentes quando foi interrompido:

— Nate, finalmente te achei! — Era Violet, com sua voz irritante e estridente. — Te procurei por todos os cantos. Luna reservou um dos quartos para... — E então ela parou de falar ali mesmo, parecendo finalmente notar minha presença. — *Maeve.*

Sua entonação me fez sorrir, irônica. Era praticamente idêntica à primeira vez em que eu havia a pego saindo de fininho do quarto dele.

— Violet — eu disse.

A garota respirou fundo, intercalando o olhar entre Nathan e eu.

Meus olhos escorregaram por cada centímetro dela antes que eu pudesse me impedir e, por um momento, senti uma pontada de inveja. Violet estava esplêndida.

Não.

Violet *era* esplêndida. E ela sabia muito bem o quão bela estava naquele vestido vinho completamente adequado para a situação.

De repente, senti minha autoconfiança sumir. Atrás dos jeans rasgados e do cropped preto, estava uma Maeve que jamais conseguiria chegar aos pés de Violet Wright. Bem, pelo menos em relação à beleza.

— Leon está te procurando — ela disse, forçando-me a voltar meus olhos aos seus.

Olhei para Nate e fui retribuída com um sorriso e um balançar de cabeça, quase como um incentivo para que eu deixasse os pombinhos a sós.

Assim o fiz.

Voltando a me espremer pela multidão, agora

com um copo de vodka em mãos, não consegui evitar que um sorriso se abrisse de orelha a orelha ao trombar exatamente com quem eu estava procurando. Os olhos verdes vieram de encontro aos meus assim que suas mãos tocaram minha cintura, mas Leon não os fixou lá por muito tempo, deslizando-os lentamente por todo o meu corpo, como se tentasse memorizar cada detalhe daquele momento para mais tarde.

— Cacete, Eve — ele soprou, mordendo o lábio. E, de repente, vendo-o me olhar como se eu fosse a mulher mais bela do mundo, reconquistei toda a confiança que havia perdido diante de Violet. — Você está maravilhosa. E gostosa pra caralho, porra.

Eu mordi o lábio inferior para conter um sorriso e também me permiti desfrutar da visão à minha frente.

Leon estava muito bonito atrás da camiseta branca e larga, que se tornava mais justa apenas na região dos bíceps, realçando ainda mais seus músculos dos braços. O cabelo bagunçado lhe dava um ar despojado, mas sexy pra caramba, e foi o que me fez concluir rapidamente que ele não precisava

de muito para se tornar o homem mais bonito daquela casa.

O que era um pouco irritante.

Por um momento, perguntei-me quanto tempo ele deveria ter levado para se arrumar.

Dez minutos, talvez?

E, mesmo assim, ele conseguia ficar deslumbrante sem esforço algum.

— Bem, você também não está de se jogar fora — comentei, com humor.

O sorriso nos lábios de Leon cresceu, e ele não hesitou em me puxar para si, grudando sua boca na minha e descendo suas mãos para a minha bunda. Eu fechei meus olhos, esquecendo das pessoas ao nosso redor assim que seu gosto se derramou em minha boca. Eu não sabia exatamente o que éramos, porém não era algo que eu gostaria de pensar naquele momento. Talvez aquela fosse a primeira vez que estávamos demonstrando qualquer tipo de afeição em público desde que terminamos, e eu não estava a fim de tentar definir como me sentia a respeito agora.

— Acho lindo a forma como você me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menospreza — ele disse, rindo, quando separou seus lábios dos meus.

Eu soltei uma risada, me colocando nas pontas dos pés apenas para lhe dar um selinho.

— Você também está muito bonito, Leon — fui sincera, recebendo um sorriso em troca.

— Coleman!

Uma voz grossa fez com que nós desviássemos nossa atenção até Aaron Marks, um dos amigos de Leon do Ensino Médio, que agora estudava Direito na mesma sala que eu na Mainport University. Ele já parecia estar um tanto quanto alterado enquanto cambaleava em nossa direção, tropeçando nos próprios pés.

— Nós vamos começar o beer pong. Você vem? — perguntou assim que se colocou ao nosso lado, repousando uma das mãos no ombro do loiro. Depois intercalou seus olhos escuros entre nós, tão confuso que chegava a ser engraçado. — Espera, vocês estão juntos de novo?

Eu apertei meus lábios, sem saber exatamente o que responder, portanto apenas abri um sorriso forçado.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi pra você também, Aaron. — Foi tudo que consegui dizer, antes de me voltar a Leon. — Vou procurar a Andy, qualquer coisa é só me mandar mensagem.

Ele assentiu e, dessa vez, apenas dei um beijo estalado em sua bochecha antes de me afastar à procura da minha melhor amiga.

Passando por uma pista de dança improvisada, próximo de onde encontrava-se o som, decidi procurar por Andy no andar superior, que parecia tão lotado quanto o andar em que estávamos. No meio das escadas, um garoto extremamente bêbado passou por mim, forçando-me a desviar para o lado para que nós não nos trombássemos. O que pareceu um tanto quanto inútil quando dei de cara com outro peitoral malhado, só não rolando escada abaixo graças às mãos que seguraram minha cintura com força.

— Desculpe, eu... — comecei a falar, subindo meus olhos somente para encontrar os orbes conhecidos de Matthew. — *Matt*. Oi!

Ele abriu um sorriso amigável.

— Maeve — disse, encurtando ainda mais a

distância entre nós. — Cuidado por onde anda, gata.

Eu o encarei quando seus olhos fizeram uma rápida análise do meu rosto, descendo por meu corpo sem se importar em disfarçar. E quando um sorriso malicioso se estendeu por seus lábios e suas mãos apertaram de leve minha cintura, notei o quão bêbado ele parecia estar.

Dei um passo para trás, descendo um degrau para me afastar dele, e olhei para o topo das escadas.

— Você viu a Andy? Estou atrás dela já tem um tempo.

Matt me olhou pensativo por um instante, antes de virar o rosto para encarar o topo das escadas também.

— Acho que ela subiu.

— Com o Liam? — perguntei, meus ombros se afundando ao imaginar que provavelmente estariam transando.

Ele apertou os lábios, como se estivesse tentando se lembrar do que vira.

— Acho que não, gata.

— Ótimo — soprei, agora passando pelo garoto. — Obrigada, Matt.

Subindo as escadas de dois em dois degraus, me deparei com inúmeros corredores ao chegar ao topo, todos lotados de jovens envolvidos pela música, o que quase me fez desistir de procurar Andy. Foi apenas então que tive a brilhante ideia de sacar meu celular do bolso para lhe mandar uma mensagem, mas me decepcionei assim que li “sem serviço” no canto superior da tela.

Eu estava prestes a dar meia volta para voltar ao andar inferior quando senti minhas costas sendo pressionadas contra a parede mais escondida da casa, e o cheiro familiar de Matthew invadindo minhas narinas. Seu corpo colado ao meu encurralava-me de uma forma que eu não tinha como fugir, fazendo com que meu peito descesse e subisse ao passo que meus pulmões clamavam por ar.

— O que você está fazendo, Matt? — perguntei, tentando não tirar conclusões precipitadas diante de suas ações, mas suas mãos agarrando meus pulsos com força pareciam apontar

PERIGOSAS ACHERON

exatamente aquilo que eu não queria concluir.

— Eu estou com saudades, Eve. — Sua voz era rouca e baixa, os lábios roçando em meu ouvido enquanto ele esfregava seu corpo no meu quase como se aquilo fosse uma necessidade.

Meu estômago revirou com suas palavras e eu tentei me soltar.

— Para com isso, Matt — pedi, conseguindo soltar uma de minhas mãos apenas para pressionar seu peito com força, mas ele mal se moveu. — Eu *não* quero — eu disse em alto e bom som.

No entanto, Matthew não pareceu escutar. Descendo seus lábios por meu pescoço, senti quando ele colou ainda mais o seu corpo ao meu, permitindo que eu sentisse o volume atrás das suas calças jeans.

Tentei tirar suas mãos de mim.

Tentei tirar *ele* de mim.

Mas aquilo apenas fez com que ele me prendesse com ainda mais força contra a parede, grudando sua boca à minha de forma agressiva quando eu ameacei gritar. Eu senti meu estômago revirar, o nojo do garoto que eu considerara o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

modelo ideal e que eu me forçara a gostar durante todo aquele tempo rapidamente tomando conta de mim. Jamais imaginara aquele tipo de atitude vindo de Matthew, o que apenas me deixava ainda mais desesperada enquanto eu tentava me desvencilhar dos seus braços.

Descolei meus lábios dos seus, inspirando em busca de ar e distância, e o empurrei, mas minha força era ridícula compara à sua.

Meu coração batia descompassado contra o peito e lágrimas involuntárias começaram a descer por meu rosto quando inúmeros cenários desastrosos do que poderia acontecer em poucos minutos passaram diante dos meus olhos.

Mas então algo aconteceu.

Em um momento, Matthew estava com seu corpo grudado ao meu e, no segundo seguinte, não estava mais. Uma terceira pessoa estava posicionada entre nós, afastando-o de mim como se soubesse exatamente o que estava acontecendo ali, e eu demorei algum tempo para identificar os cabelos cacheados de Alex Benjamin, estudante de psicologia da Mainport University.

PERIGOSAS ACHERON

Ele agarrou Matt pelo colarinho, encostando-o na parede ao meu lado com brutalidade. O maxilar cerrado com força e os nós brancos dos dedos deixavam explícito o quanto ele estava puto da vida. Eu o ouvi sussurrar algum tipo de ameaça para Matt, antes de empurrá-lo para o meio da multidão, e apenas então seus olhos castanhos vieram até mim, analisando-me rapidamente à procura de algo que denunciasse aquilo que ele já sabia.

— Ele te machucou, Maeve? — perguntou, aproximando-se cautelosamente, e eu neguei com a cabeça. — Você está bem?

Assenti, sentindo minhas pernas tremerem.

Suas mãos vieram até os meus braços e Alex pareceu genuinamente preocupado enquanto me guiava até o banheiro mais próximo para que eu pudesse me acalmar.

Sentada na privada já há alguns minutos, agora com um copo de água em mãos e a respiração mais calma, eu encarei o garoto encostado na porta do banheiro, que me analisava atentamente.

— Obrigada pela ajuda, Alex — eu disse finalmente, minha voz ainda trêmula.

Ele suspirou, apontando com o polegar para a porta atrás de si.

— Você quer que eu chame alguém? — perguntou. — O Dillon? Ou... O Leon? Vocês estão juntos, não estão?

Tentei não arregalar os olhos ao perceber que as notícias corriam mais rápido do que eu imaginava entre os jovens de Mainport. Leon e eu sequer havíamos discutido sobre estarmos juntos ou não e, provavelmente, todos que estavam na casa de Luna já haviam tirado suas próprias conclusões graças à uma demonstração mínima de afeto que havíamos tido há meia hora atrás.

Neguei com a cabeça, levantando-me.

— Eu estou bem, Alex — garanti. — Mas obrigada. Mesmo.

Forçando um sorriso com a esperança de que aquilo fosse o suficiente para convencê-lo, tomei mais um gole de água, mas quando ele assentiu minimamente com a cabeça, ainda um pouco hesitante, baixando seus olhos para o celular, tive

certeza de que ele já havia mandado mensagem para alguém.

Três batidas rápidas atravessando a porta confirmaram exatamente o que eu acabara de concluir, e fizeram com que Alex abrisse um sorriso sem graça em minha direção, como se estivesse pedindo desculpas. Mas eu não o culpava. Teria feito a mesma coisa, se estivesse em seu lugar.

E quando Liam Johnson surgiu em meu campo de visão, meu suspiro de alívio foi inevitável. Afinal, tudo o que eu menos desejava naquele momento era que um tumulto se formasse na festa graças a uma briga entre Leon e Matt ou Matt e Dillon – coisa que eu tinha certeza que aconteceria caso eles soubessem do ocorrido.

— Cacete, Eve. — Ele veio até mim, abraçando-me com força. Depois se afastou, apenas para me analisar atentamente, colocando as mãos na lateral do meu rosto. — Você está bem? Aquele filho da puta te machucou? Não acredito que ele...

— Eu estou bem, Liam — o interrompi. — Só quero ir pra casa.

Liam assentiu imediatamente.

— Claro, eu te levo. Agora.

Ajudando-me a levantar como se eu fosse incapaz de fazer aquilo sozinha, Liam abriu espaço para que eu pudesse passar por ele em direção à porta do banheiro que continuava fechada, abafando a música e os gritos ao lado de fora, mas eu não o fiz. Passando meus olhos de Alex até o garoto ao meu lado, eu disse antes de sair:

— Por favor, vamos manter este incidente entre nós, por enquanto.

Mas algo afiado escondido por trás dos olhos castanhos de Liam me dizia que aquilo já não era mais possível. Suspirei, desacreditada que aquele acontecimento também já havia caído na boca do povo. Então estreitei minha vista em sua direção, tentando identificar exatamente o que os lábios comprimidos e as sobrancelhas franzidas de Johnson exprimiam.

— Você tá de sacanagem — bufei.

Meu amigo alternou o peso entre os pés, derrotado.

— Leon encheu ele de porrada. — Foi tudo o
PERIGOSAS ACHERON

que ele disse.

Meus ombros se afundaram e, dessa vez, eu encarei Alex, que levantou as mãos na altura da cabeça em um gesto claro de que não tinha nada a ver com aquilo.

Não demorou para que eu voltasse a me espremer por entre a multidão de jovens, sendo seguida por Liam, e, descendo a escada em disparada atrás de Leon, meus pés apenas congelaram no chão quando dei de cara com o peitoral de Nate.

— Maeve, finalmente te encontrei! — ele exclamou, balançando-me de leve para que eu focasse nele. — Meu pai está enchendo o saco para que eu vá pra casa. Você sabe, as coisas entre nós andam meio complicadas — disse, estendendo o celular em minha cara para que eu visse a troca de mensagens entre os dois, mas eu rapidamente afastei a tela luminosa que incomodava meus olhos.

— Você viu o Leon? — perguntei, ignorando completamente tudo o que ele havia me dito.

Nate piscou algumas vezes, parecendo confuso e indignado com minha falta de atenção à

sua fala. Depois de um suspiro cansado e um breve passar de olhos pelo ambiente em que estávamos, ele finalmente disse:

— Não. Não vi ele. — Eu podia sentir o profundo tédio em sua voz com a minha pergunta. Então, intercalando seu peso entre os pés, ele voltou a falar: — Enfim, eu preciso das chaves do meu carro. Meu pai está enchendo a porra do meu saco. Além do mais, você viu a Violet por aí? Estou procurando ela há um bom tempo, mas não a encontro em lugar nenhum.

Impaciente, saquei a chave de seu carro do meu bolso e lhe estendi, olhando por cima de seu ombro para além do grande saguão em que nos encontrávamos, à procura de Leon, e murmurei qualquer coisa quando o ouvi agradecer. Depois depositei um beijo rápido em sua bochecha gelada como despedida e passei por ele, mas fui rapidamente impedida de continuar minha busca pela sua mão segurando meu pulso.

Então o encarei por uma fração de segundo antes que Nate finalmente dissesse:

— Você pode pedir para o Leon levar a Violet para casa? Por favor? Combinei de dar carona para

PERIGOSAS ACHERON

ela, mas não consigo encontra-la de jeito nenhum e não posso esperar mais. Meu pai está quase vindo até aqui para me arrastar pelos cabelos.

Eu apenas meneei com a cabeça e, pela segunda vez em um intervalo de trinta segundos, murmurei qualquer coisa quando ele agradeceu, dirigindo-se para a porta de entrada e sumindo de vista.

Eu continuei minha busca por Leon dentre o monte de universitários bêbados e chapados que sequer conseguiam sustentar o próprio peso sem saírem trombando em todos à sua volta. Após pouco mais de dez minutos, o amontoado de gente estava começando a me deixar claustrofóbica. Portanto, olhando ao redor, não hesitei ao dirigir-me para a porta de entrada para que eu pudesse respirar ao lado de fora daquela mansão. O suspiro de alívio foi inevitável assim que meus pés tocaram as escadas da entrada e meus pulmões absorveram o ar fresco de Mainport.

E foi então que meus olhos captaram uma figura masculina saindo por entre as árvores da floresta, vindo em minha direção. Os cabelos bagunçados e a camiseta branca agora amassada e

marrom fizeram com que eu franzisse o cenho assim que eu o identificara como Leon.

Ele estava ofegante. Os punhos cerrados ao lado do corpo e o maxilar trincado me diziam que a raiva tomava conta de cada um dos seus nervos, mas ele pareceu relaxar quando me viu ao pé da escada, apressando os passos em minha direção imediatamente.

— Onde você estava?! — nós dois perguntamos em uníssono quando ele me alcançou, mas ninguém respondeu.

Seus braços me envolveram com força e eu enterrei minha cabeça em seu peito, que subia e descia com rapidez. Ficamos em silêncio por mais tempo do que eu podia imaginar, com seu rosto enterrado em meus cabelos e o meu em sua blusa surrada, enquanto eu ouvia as batidas descompassadas do seu coração.

— Fiquei tão preocupado, Maeve — ele disse, finalmente, afastando-se para beijar meus lábios e me estudar atentamente. — Você está bem? Não acredito que aquele filho da puta do Matt mexeu com você. Eu sempre soube que ele não era boa coisa. Não consigo acreditar que te deixei sozinha

PERIGOSAS ACHERON

nesse tumulto todo.

Eu não respondi. O corte no canto da sua boca e da sua sobrancelha, deixavam claro que Matt também havia lhe acertado um par de vezes, mas tentei não me preocupar, tendo certeza de que o garoto deveria estar dez vezes pior que Leon.

Então descí meus olhos por ele.

Suas roupas estavam sujas de terra. A camiseta branca agora estava marrom, assim como sua calça, e o suor escorria pela sua testa como se Leon tivesse corrido uma maratona.

— O que você estava fazendo? — eu questionei, não somente tentando evitar o assunto, mas também genuinamente curiosa com o motivo do seu sumiço.

Ele me encarou por longos segundos antes de responder:

— Estava tomando um ar.

— Na floresta? — o pressionei. — Por que está com terra nas suas roupas?

Leon deu um passo atrás, afastando-se minimamente de mim para me analisar melhor. As

sobrancelhas franzidas deixavam claro que ele estava estranhando o meu comportamento quase o mesmo tanto que eu estranhava o seu naquele momento. Os olhos verdes escondendo algo que eu não conseguia decifrar.

— Eu caí — disse simplesmente.

Eu não disse nada, tentando identificar a veracidade em suas palavras, o silêncio se perdurando durante um bom tempo enquanto nos encarávamos.

— Maeve, finalmente te achei — Liam disse, ofegante, nos obrigando a quebrar o contato visual apenas para vê-lo apoiando sobre os joelhos em um gesto dramático. — Pensei que quisesse carona para casa *agora*.

— Eu quero — afirmei, voltando a encarar o loiro à minha frente. — Leon, Nathan pediu para você levar a Violet para casa. Eu estou indo embora.

Ele anuiu.

Sem dizer mais uma palavra sequer.

Então eu passei por ele, sendo acompanhada por Liam em direção ao seu carro. E quando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moreno pisou no acelerador, deixando a casa de Luna para trás, uma estranha sensação de que algo naquela festa não estava certo atravessou minha pele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Depois de uma aula de três horas de Direito Civil, podia dizer com toda a certeza do mundo que eu já sentia falta das férias como nunca. Eu havia passado cerca de noventa minutos rabiscando meu caderno enquanto ouvia o professor explicar sobre como seria esse próximo semestre, e os outros noventa minutos o escutando falar sobre seu currículo como se fosse algo muito relevante para a matéria.

Eram em momentos como aquele que eu me questionava o motivo de ainda me dar o esforço de vir para a aula. Embora eu precisasse de uma graduação antes de iniciar meu curso técnico para conseguir trabalhar na área de perícia criminal, minha vontade era de largar tudo aquilo e fugir de Mainport o quanto antes.

Além do mais, metade da classe havia faltado e eu tinha certeza ser por conta da noite passada, o que fazia com que os minutos se arrastassem ainda mais lentamente à medida que eu me questionava o motivo pelo qual eu não estendi minhas férias por

mais um dia, como os outros alunos haviam feito.

Entrando no refeitório do campus, encontrei Nate sentado a uma mesa junto a Leon, Liam e Andy. Eles estavam conversando sobre a festa de ontem quando finalmente me sentei ao lado de Leon, colocando a bandeja na mesa antes de depositar um beijo rápido na bochecha dele, que fez com que Nate e Liam soltassem um “uuuuuuuii” afeminado.

— Vão se foder — xingou Leon, e eu apenas revirei os olhos, ignorando.

— Do que estamos falando? — perguntei, enrolando o macarrão no garfo e levando-o à boca.

— Nate estava contando que teve que segurar o Henry ontem na festa — disse Liam, quando acabou de mastigar. — Ele estava tão louco que queria pular peladão na piscina.

— Henry Simms? — perguntou Andy, de repente parecendo interessada na conversa, e Nathan assentiu com a cabeça. — *E por que você não deixou?!*

— Ei! — Liam a repreendeu, enciumado, e eu tive que apertar meus lábios para não rir quando

Andy olhou para ele com sua melhor feição inocente, como se não houvesse nenhuma maldade na pergunta que havia feito.

— Porque ele estava muito bêbado — explicou Nate, mas nós continuamos encarando-o, esperando por algo mais concreto. Então ele soltou um suspiro, parecendo emburrado em ter que explicar o que já parecia implícito na frase. — Se ele acabasse se afogando, alguém teria que resgatar ele.

Silêncio.

Eu continuei mastigando meu macarrão, aguardando pelo resto da explicação.

Então Leon se remexeu ao meu lado.

— E ninguém ia querer pular pra salvar um Henry Simms com o pau de fora — completou Coleman, como se fosse algo óbvio, e Nate assentiu com a cabeça.

Um “*ahnnnnnn*” preencheu a mesa quando Liam, Andy e eu finalmente entendemos o que Nathan estava querendo dizer, e antes que meu melhor amigos pudesse nos insultar pela lerdeza extrema, Luna surgiu ao nosso lado, os olhos

tomados por uma nuvem escura em um misto de angústia e preocupação.

— Não consigo falar com a Violet — ela disse, levantando o celular na altura do rosto. Eu franzi o cenho, sem entender o motivo do desespero, e fui acompanhada pelo resto da mesa. — A gente *sempre* se fala de manhã. Não tem um dia que passamos sem nos falar. E ela não veio para a faculdade. Alguém conseguiu contatá-la depois da festa de ontem?

Nós nos entreolhamos, e Liam foi o primeiro a falar:

— Ei Luna, relaxa. — Ele repousou a mão no ombro dela. — Tenho certeza de que está tudo bem. Ela provavelmente deve estar apagada na cama depois de ontem. A ressaca tá brava para todos nós.

— Não... — Ela franziu os lábios, pensativa. — Não estou com uma sensação boa. Acho que algo aconteceu. Violet pode fazer suas loucuras, mas ela nunca foi de sumir assim.

— Nada aconteceu, amiga — garantiu Andy e repousou sua mão na dela, incentivando-a a sentar.

— Está tudo bem.

— Muita gente faltou hoje, Luna — disse Nate. — A festa ontem foi um arraso. Só os fortes conseguiram levantar da cama hoje para voltar ao inferno.

Eu concordei com a cabeça, levando outra garfada à boca, mas Luna não pareceu convencida.

Os olhos castanhos continuavam arregalados, os pés chocando-se contra o chão em nervosismo.

— Quem a levou pra casa? — ela perguntou, desesperada. — Quem foi a última pessoa que a viu?

— Nate pediu pro Leon leva-la para casa — eu disse de boca cheia, olhando para Leon enquanto esperava por uma resposta da parte dele.

Os olhos esverdeados vieram até os meus e eu vi seu pomo de adão subindo e descendo quando ele engoliu em seco. As feições se endureceram levemente quando ele encarou o resto da mesa, o maxilar se contraindo.

— Eu não a encontrei. Fiquei que nem louco atrás dela. Max disse que achava que tinha a visto subindo com um cara para um dos quartos e estava

PERIGOSAS ACHERON

tarde pra cacete. Tentei ligar e ela não atendeu. Então enviei uma mensagem dizendo que estava indo e esperei mais meia hora antes de voltar pra casa. Ela não apareceu, então eu fui embora.

O silêncio que se seguiu só aumentou a quantidade de pensamentos que começara a inundar minha mente, antes de Andy se pronunciar:

— Tudo bem, galera. Não vamos nos precipitar. Todos nós conhecemos a Violet o suficiente pra saber que é *super* do perfil dela sumir com um cara qualquer por aí. — Ela fez uma pausa, encarando Nate. — Sem ofensas, Nate. — Então continuou quando ele balançou a cabeça como quem dizia que estava tudo bem: — Ela pode estar na casa dos pais, dormindo. Por isso não atende o telefone. Ou de ressaca. Existem mil e uma possibilidades, por isso vamos relaxar. Vocês estão tensos demais. Nós não podemos ficar tensos antes da hora, nós... — Andy parou de repente, para recuperar o fôlego, e seus olhos ganharam um novo brilho quando percebeu que a mais surtada ali — depois de Luna — era ela.

Em outra ocasião eu, com toda a certeza, teria começado a rir, mas aquilo estava longe de ser

engraçado.

Não duvidava que Violet fosse capaz de fugir com um cara qualquer, sem avisar ninguém. Desaparecer por alguns dias para curtir a vida. Ou, quem sabe, desaparecer durante alguns dias *exatamente* para chamar atenção. Ela era a típica garota que não se importava nem um pouco com como suas ações afetariam as pessoas ao seu redor, desde que ela estivesse bem, feliz e, claro, transando.

Mas também seria burrice nossa descartar a ideia de que algo poderia ter acontecido ontem.

— Galera, relaxem — começou Liam, encostando-se na cadeira. — Se algo estiver errado, a Maeve com certeza será a primeira a saber, por ser filha do xerife. Os pais da Violet com certeza contatariam o xerife Miller. — Então ele voltou me olhou, dirigindo sua próxima pergunta a mim: — Seu pai te disse algo? Havia algo diferente quando você acordou hoje de manhã?

Eu o encarei.

— Não. Não vi nada anormal.

Pelo menos, não que eu me lembrasse.

As sete horas da manhã, Dillon e eu estávamos em uma luta acirrada de provocações matinais enquanto minha mãe fazia as panquecas, e meu pai estava sentado na ponta da mesa com o tedioso jornal de Mainport de sempre, tomando seu café assim como fazia todos os outros dias. Ele se levantou e disse que precisava trabalhar e meu irmão soltou mais um de seus comentários venenosos que sempre eram ignorados solenemente pelo velho.

Um beijo na minha cabeça. Um beijo na cabeça do meu irmão. Um selinho na minha mãe e um sussurrar em seu ouvido do qual eu preferia não saber do quê se tratava. Então pegou a mesma jaqueta de xerife de sempre e se foi.

Nada fora do usual.

— Maeve. — A voz de Dillon soou atrás de mim, acordando-me do meu devaneio.

Eu me virei para olhá-lo e meu estômago automaticamente se contraiu.

Aquilo sim era algo fora do usual.

Os olhos do meu irmão estavam distantes e pareciam querer me dizer algo por trás dos longos

PERIGOSAS NACIONAIS

cílios. Os ombros estavam tensos, e os punhos cerrados ao lado do corpo quase me fizeram franzir o cenho, estranhando.

Ele não estava feliz.

Não. Nem um pouco.

Mas não parecia exatamente bravo.

E, por mais que eu o conhecesse há exatos dezenove anos, tudo que consegui decifrar a partir da sua linguagem corporal era que *algo não estava certo*. E aquilo foi o suficiente para que eu me levantasse e o acompanhasse imediatamente, assim que ele deu meia volta e começou a andar para fora do refeitório sem pronunciar mais uma palavra sequer.

Era um chamado silencioso, justamente com o intuito de não causar um surto coletivo no resto dos meus amigos com algo que ele já sabia. Ou achava que sabia.

Quando colocamos os pés no estacionamento do campus, senti o vento frio bater em meu rosto. O tempo havia virado de uma forma tão louca que eu não conseguia acreditar que hoje o dia havia acordado ensolarado e a temperatura atingido os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vinte e cinco graus. Agora o céu estava escuro, a chuva ameaçando cair com tudo a qualquer momento. E foi apenas questão de tempo até as primeiras gotas grossas começassem a se chocar contra o vidro do carro.

Dillon girou a chave na ignição e o silêncio começou a me matar. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo ou para onde ele estava me levando, mas, estranhamente, sabia que aquilo tinha algo a ver com Violet.

— O que está acontecendo? — perguntei quando o silêncio se tornou insuportável.

Os dedos de Dillon se apertaram no volante, os nós tornando-se brancos.

— Estamos indo para a delegacia — disse, simplesmente.

— O quê? Pra quê? — questionei, com a voz um pouco mais aguda que o normal, me ajeitando no banco para observá-lo enquanto esperava por uma explicação decente.

Ele virou o rosto para me encarar com um olhar azedo, então voltou para as ruas de Mainport em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

— *Alô?* Terra chamando Dillon!

— Eu não sei, tá legal? — Seus olhos irritados encontraram os meus. — Eu não sei! — Fez uma pausa, passando a mão livre pelo queixo em uma tentativa de se acalmar. — O pai ligou. Algo aconteceu. Algo *ruim* aconteceu.

Confusa, pisquei algumas vezes. A sensação de que Violet tinha algo a ver com aquilo começando a se intensificar em meu peito à medida que os segundos se passavam.

Senti meu estômago se revirar mais uma vez e, engolindo em seco, voltei a perguntar em voz baixa:

— E por que ele precisa de nós?

Dillon não respondeu de imediato.

Seu olhar continuou vidrado nas ruas de Mainport.

De repente, meu coração começou a bater de forma descontrolada sob o peito.

Senti minha boca seca. E uma quantidade gigantesca de possibilidades começara a invadir minha mente enquanto eu formulava mil e uma

teorias sobre o que Dillon queria dizer com “algo ruim”.

Meu irmão balançou a cabeça e deixou escapar um suspiro, olhando-me em seguida. Os olhos nublados e cansados me mostravam que ele estava tão aflito quanto eu quando ele disse:

— Porque algo aconteceu ontem na festa. E todos que estavam lá são possíveis suspeitos, inclusive nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Meu coração batia de forma descontrolada quando um homem grisalho se sentou na minha frente, acompanhado de uma mulher. Aquela era a primeira vez em toda a minha vida em que eu estava em uma sala de interrogatório sentada no lugar do interrogado, e eu não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo.

Minhas mãos estavam suando como nunca, minha boca seca e minha respiração, pesada, quando a senhora finalmente se pronunciou:

— Maeve Lynn Miller, certo?

Eu assenti rapidamente com a cabeça.

— Perdão, Maeve. — Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa, aproximando-se minimamente de mim, os olhos grudados aos meus em pura análise. — Você poderia falar? É para a gravação.

Eu intercalei meus olhos entre os dois, sentindo-me completamente intimidada e confusa com tudo aquilo, e então respirei fundo.

— Sim. Me chamo Maeve Lynn Miller. —

Minha voz estava trêmula.

A mulher voltou a recostar-se na cadeira, ajeitando a prancheta sob seu colo.

— Maeve, eu me chamo Nadia e trabalho na área investigativa da polícia de Fairport. — Sua voz era suave e calma. — Conhece? A cidade?

Claro que eu conhecia. Era uma cidade com o triplo de habitantes de Mainport, localizada há alguns quilômetros daqui. Andy e eu vivíamos planejando chamar alguns amigos para passar o fim de semana lá, já que era uma cidade um pouco mais movimentada e com muitas mais opções de bares e baladas do que estávamos acostumados.

— Sim, conheço.

— Ótimo. — Nadia sorriu e apontou para o homem grisalho ao seu lado que, até então, não havia pronunciado uma palavra sequer. — Este é o detetive Adams, meu companheiro de trabalho, e nós estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas, tudo bem?

Eu concordei rapidamente, voltando meus olhos ao detetive Adams assim que ele se aproximou, apoiando os cotovelos sob a mesa.

— Maeve, como você está?

Nervosa para caralho.

— Bem — eu disse, embora minha voz não tivesse soado tão convincente.

Ele respirou fundo.

— Eu sei que isso tudo parece bastante... — ele procurou pela palavra certa durante alguns segundos — intimidante. Se a qualquer momento precisar parar, para tomar uma água ou respirar, por favor, basta dizer.

Concordei com a cabeça novamente.

— Maeve, eu gostaria de te fazer algumas perguntas sobre você, seus amigos... E sobre a festa que aconteceu ontem à noite. Você se importa?

Bem, era claro que eu me importava.

Não queria fazer parte daquilo. De nada disso.

Mas tudo que eu disse foi:

— Claro, sem problemas.

Com isso ele puxou uma pasta que estava junto à prancheta que Nadia segurava, passando seus olhos pelas páginas antes de volta-los a mim

novamente.

— O que você fez nas férias, Maeve?

Pisquei.

Que tipo de pergunta era aquela? E como aquilo ajudaria em uma suposta investigação?

— Eu... hum... Não fiz nada de especial. Saí com meus amigos, fiquei em casa assistindo algumas séries e adiantei alguns trabalhos da faculdade que são para esse semestre.

— Uhum — ele murmurou, e eu encarei Nadia quando ela começou a escrever algo em sua prancheta. — Seus amigos. Quem são seus amigos?

Engoli em seco.

Meu Deus, eu não queria citar nomes. Não queria me envolver naquela porra toda ou acabar colocando alguém como suspeito por algo que nunca fizemos.

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que não era boa coisa. Pior que isso. Meus instintos me diziam que algo *muito ruim* havia acontecido. E que aquilo, de alguma forma, tinha relação com o sumiço da Violet nessa manhã.

— Andy... Nate? — Aquilo soou como uma dúvida.

Minhas mãos começaram a suar com mais intensidade sob meu colo.

— Andy Smith? — ele perguntou, lendo algo em sua pasta. — Nathan Davies?

Ótimo, eles haviam feito o dever de casa.

Assenti, fincando minhas unhas na minha pele por baixo da mesa enquanto tentava conter meu nervosismo.

Eu não queria parecer suspeita. Longe disso.

Mas se eu estivesse no lugar do detetive Adams, encarando uma jovem de dezenove anos suando frio, com meias respostas e os pés chocando-se contra o chão em puro nervosismo, eu com certeza a colocaria na minha lista dos principais suspeitos.

Meu Deus, eu estava tão fodida.

Droga de sistema nervoso.

— Então, me diga... — O detetive recostou-se na cadeira, cruzando os braços sob o peito. — Seu pai me disse que você foi viajar com alguns amigos

nessa última semana de férias, correto?

— Sim.

— E Violet Wright estava entre eles?

Meu Deus.

— Sim.

— Você poderia me dizer, especificamente, quem foi para essa viagem com vocês? Nome e sobrenome dessa vez, por favor.

Senti minha respiração pesar. As batidas do meu coração intensificando-se rapidamente.

— Ahn... — Engoli em seco. — Andy Smith, Matthew Wood, meu irmão Dillon, Liam Johnson, Leon Coleman, Nathan Davies e Luna Clark.

Nadia anotou todos os nomes em sua prancheta, deixando-me ainda mais nervosa.

Eu estava me sentindo a porra de uma filha da puta.

Será que eu estava denunciando todos eles? Colocando-os como os principais suspeitos de algo que nunca fizemos? Porque se aquilo de fato tinha algo a ver com Violet, as pessoas que passaram seis dias enfiados em uma cabana com ela, com toda

PERIGOSAS NACIONAIS

a certeza, seriam meus suspeitos número um.

— E como era a relação entre cada um dos seus amigos nessa viagem? Todos se davam bem? Não havia nenhuma rivalidade no grupo?

De repente, uma avalanche de memórias invadiu minha mente.

A rivalidade entre Matthew e Leon.

As briguinhas ridículas entre Nathan e Violet que, dias depois, se tornaram puro sexo.

Até mesmo o *meu* revirar de olhos toda vez que Violet abria a boca.

Ou a briga entre ela e Leon, que até hoje nenhum de nós sabia exatamente o motivo.

Honestamente, a única pessoa que parecia genuinamente se dar bem com Violet era Luna. E Nathan, a julgar pela paixão platônica que ele sempre tivera por ela e por todos esses últimos dias em que estavam vivendo quase que um romance escondido.

— Claro, não tivemos nenhum conflito durante a viagem — menti.

Putá merda.

PERIGOSAS ACHERON

Eu havia acabado de mentir em uma porra de um interrogatório.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

E se algum de nós *realmente* fosse o culpado por algo?

Eu estaria atrapalhando a investigação toda.

Ou, se eles interrogassem qualquer um dos meus amigos e eles dissessem a verdade? O detetive Adams saberia que eu estava mentindo e eu seria presa por esconder informações que talvez fossem importantes para a investigação.

— ... Maeve? — A voz do detetive Adams me tirou do meu devaneio.

Eu pisquei algumas vezes, tentando voltar à realidade.

— Desculpe. — Limpei a garganta, ajeitando-me na cadeira. — O senhor poderia repetir a pergunta?

Nadia e ele se entreolharam, antes dele prosseguir:

— Perguntei se você e Violet eram amigas.

— Não exatamente amigas, mas nunca tive

nada contra ela. Violet faz parte do mesmo grupo de amigos que eu, por isso convivemos bastante, mas eu não diria que sou exatamente *próxima* dela.

— Entendido. — Ele riscou algo em sua pasta.
— E todos vocês estudam na Mainport University, certo?

— Sim.

— Pode me dizer um pouco sobre a festa de ontem?

Respirei fundo, minha cabeça começando a latejar quando eu voltei a falar.

— É uma festa que temos o costume de fazer todo o começo de semestre para comemorar a volta às aulas. Dessa vez foi na casa da Luna.

— Certo. E você lembra que horas mais ou menos você chegou na festa?

Tentei resgatar aquilo na minha memória, mas não consegui.

— Não sei... acho que foi por volta de umas dez e meia ou onze horas.

Ele assentiu, apontando para a prancheta de Nadia para que ela não se esquecesse de anotar

aquilo.

— E você notou algum comportamento diferente nos seus amigos durante a festa? — perguntou, esquadrinhando meu rosto quando passei a mão na minha testa, começando a sentir um mal-estar.

Automaticamente a cena de Matt me prendendo na parede e forçando-me a beijá-lo irrompeu em minha mente, juntamente com a cena de Leon saindo da floresta com as roupas sujas de terra, ou o sumiço repentino de Andy, e eu comecei a sentir falta de ar. Não queria ser o motivo de alguém acabar na cadeia por engano, ou por algo que *eu* havia dito. Não sem antes ter certeza do que realmente estava acontecendo ali.

Então, pela segunda vez, eu menti.

— Não — disse, a voz levemente trêmula. — Todos pareciam normais.

O detetive Adams assentiu com a cabeça, embora não parecesse muito convencido com a minha resposta.

— Quando foi a última vez que você viu Violet Wright, Maeve? — Agora era a voz de

Nadia.

Eu a encarei, tentando controlar minha respiração. A sala parecendo começar a girar quando ela disse algo sobre Violet ter sido declarada desaparecida. Meu estômago se revirou, minha visão começando a embaçar enquanto eu tentava conter a vontade de vomitar e voltar a me concentrar nas palavras da mulher à minha frente.

— ...está bem? — Ouvi o detetive perguntar, sua voz parecendo ter percorrido um longo túnel antes de chegar aos meus ouvidos.

— Maeve?

Minha audição estava abafada. Tudo que eu ouvia com clareza eram as batidas do meu coração, que pareciam descontroladas dentro do meu peito.

Eu tentei piscar algumas vezes, para voltar a focar minha visão nas duas pessoas sentadas à minha frente.

— Desculpe, nós podemos fazer uma pausa?
— Foi tudo o que eu consegui dizer e, quando eles assentiram com a cabeça, eu me levantei, tão zozza que precisei me apoiar na mesa para não cair.

— Maeve?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvi a voz de Dillon assim que saí da sala com passos rápidos, quase tropeçando em meus próprios pés. O movimento atrás de mim me dizia que ele estava me seguindo, mas eu sinceramente estava atordoada demais para me importar.

— Eve, você está bem?

— Eu só preciso de um pouco de ar — respondi, sentindo o chão se mover embaixo de mim.

Um gosto amargo subindo lentamente pela minha garganta quando eu saí da delegacia às pressas apenas para me curvar na grama e esvaziar o estômago. Dillon veio correndo até mim, e eu o senti segurar meus cabelos enquanto eu colocava absolutamente tudo que eu tinha para fora, uma de suas mãos acariciando minhas costas em um conforto mínimo.

Então ele me abraçou assim que eu voltei a me recompor, dizendo que estava tudo bem. E, pela primeira vez em meus dezenove anos, eu não senti segurança em suas palavras.

As coisas estavam longe de estarem bem.

Violet estava desaparecida.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez até mesmo morta.

Não estava tudo bem.

Não mesmo.

— O que aconteceu, Eve? — Meu irmão perguntou, encarando-me no fundo dos olhos, a preocupação estampada em seu rosto.

Eu engoli em seco, não querendo pronunciar as palavras que estavam na ponta da minha língua, mas então respirei fundo e disse:

— Violet Wright está desaparecida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



O relógio beirava a meia-noite quando meus pés alcançaram silenciosamente o último degrau de casa. Já tinha se passado pouco mais de um dia desde que Violet havia sido dada como desaparecida e a cidade inteira estava uma pilha de especulações sobre o que poderia ter acontecido.

Enquanto ontem tudo o que todos sabiam falar nos corredores da Mainport University era a festa de Luna, hoje o assunto já era outro:

O sumiço de Violet.

O que havia acontecido?

Estaria ela viva ou morta?

Por que alguém sumiria com ela?

Quem faria algo desse tipo?

Teria Violet planejado seu próprio desaparecimento?

Eram incontáveis perguntas que rondavam Mainport de forma quase insuportável.

A polícia já havia interrogado a maioria dos jovens que estavam naquela festa, mas, segundo ao

meu pai, não haviam conseguido uma única dica sequer do que havia de fato acontecido com a garota.

Eu tinha minhas suspeitas, e, embora eu tivesse passado o dia tentando ignorar aquele pressentimento, elas começavam por Leon Coleman. Foi por esse motivo que, quando o relógio alcançou a meia-noite e eu tive certeza de que meus pais e Dillon estavam em seus devidos quartos, eu peguei as chaves do meu irmão mais velho para ir até a casa de Leon.

Era a primeira vez, desde que havíamos terminado, que eu voltara a virar na sua rua. Durante dois anos, desde que ele estivera fora, eu forçava Dillon a pegar o caminho mais longo até a faculdade para não passarmos por ali. A casa de dois andares com um lindo jardim na frente me deixava nostálgica e, saber que todos os bons momentos que eu tivera com Leon ali, agora não se passavam de memórias, fazia com que meu coração encolhesse no peito.

Mas eu rapidamente coloquei a nostalgia de lado e saí do carro, encarando a casa completamente apagada. Tentei ligar para o seu

celular algumas vezes, os olhos grudados na janela que eu sabia ser a do seu quarto, mas não percebi nenhum movimento.

Ótimo.

Eu provavelmente teria que jogar pedrinhas na sua janela para não acordar seus pais com a campainha.

Que ideia estúpida, Maeve.

Mas a verdade era que, assim como eu não conseguira dormir na noite passada, eu também não conseguiria dormir durante aquela noite se não recebesse logo uma explicação sobre sua *volta na floresta* durante a festa.

Então, como na droga de um filme de romance clichê pra caramba, eu peguei algumas pedrinhas no chão para acertar sua janela. A diferença, no entanto, era que eu não estava ali para ser romântica, mas sim para lhe cobrar explicações sobre um desaparecimento e, quem sabe, até mesmo um possível assassinato.

Eu estava quase desistindo quando vi a luz do seu quarto se acender. Segundos mais tarde, Leon abriu a janela com um ar de quem havia acabado de

PERIGOSAS NACIONAIS

acordar. Os cabelos bagunçados e a ausência de uma camisa foram as primeiras coisas que eu notei.

— Eve? — Seu tom de voz pareceu confuso, quase como se estivesse duvidando que eu, de fato, estava ali.

— Você pode descer um minuto, por favor? — pedi, abraçando meu próprio corpo graças ao vento gelado que tomara conta de Mainport.

Ele não respondeu. Apenas fechou a janela e desapareceu.

Eu olhei para os lados, um pouco desconfortável com a escuridão e o silêncio que tomava conta da cidade. Se eu não me conhecesse bem o suficiente, diria que estava até mesmo com medo de estar ali sozinha, depois do sumiço de Violet. Afinal, por mais que eu tivesse minhas suspeitas sobre quem teria sumido com a garota, eu gostaria muito de acreditar que aquilo não tinha relação nenhuma com os meus amigos. O que me deixava ainda mais desconfiada de *qualquer* morador da região.

Pois, no fim das contas, nem todos são o que parecem ser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E Mainport era uma cidade repleta de moradores que se importavam mais com as aparências do que realmente deveriam. Todos precisavam ser perfeitos. Com famílias perfeitas, casas perfeitas, carros perfeitos. Afinal, por ser uma cidade tão pequena, qualquer pequeno deslize dado por um morador era motivo de fofoca em toda a cidade durante semanas.

E, era por esse motivo, que os cidadãos de Mainport sabiam manter as aparências tão bem.

Todos nós éramos ótimos mentirosos.

E isso claramente incluía a mim. Visto que eu era filha do xerife, uma pessoa respeitada e observada de perto por toda a Mainport, minha imagem era importantíssima para que a imagem do meu pai se mantivesse intacta. Afinal, o que as pessoas pensariam do xerife se seus filhos fossem insolentes e rebeldes?

Então a porta se abriu, e eu afastei meus pensamentos rapidamente.

— O que está fazendo aqui, Eve? Você tá bem? — Leon perguntou, aproximando-se para me abraçar. — Você veio sozinha?

PERIGOSAS ACHERON

Eu assenti.

— Caralho Maeve, está tarde. Com tudo que está acontecendo, você não deveria correr o risco de sair sozinha por aí — ele me repreendeu, soltando-me para me observar.

— Eu precisava falar com você. — Engoli em seco. — É sobre a Violet.

Leon fez uma pausa, absorvendo a informação em silêncio. Depois de um instante, assentiu com a cabeça esperando que eu prosseguisse.

— Foi você? — eu perguntei, dando um passo para trás.

Estar próxima demais dele não permitia que eu raciocinasse direito sobre a lista de perguntas que eu havia feito mentalmente para fazer a ele antes de estacionar em frente à sua casa.

Leon piscou algumas vezes, sem entender direito o que eu queria dizer com aquilo, o que rapidamente fez com que eu limpasse a garganta para esclarecer:

— Você a matou?

— Quem? Violet? O quê...? — Ele balançou a

cabeça, dando um passo à frente para se aproximar. — Ela não está morta, Maeve. Do que você está falando?

— Então você *sabe* onde ela está.

— O quê? — Leon franziu o cenho, como se eu não estivesse falando nada com nada. — *Não!* Por que eu teria algo a ver com isso, Eve? O que está te levando a acreditar que *eu* fiz algo com ela?

Leon estendeu a mão para mim, mas eu a afastei. Meu coração começou a acelerar sob o peito. Eu tinha muitos motivos para desconfiar dele. Sabia do seu temperamento e do seu desentendimento com a Violet. Todas as minhas dúvidas apontavam diretamente para ele e, por mais que eu tivesse ido até ali esperando receber um “*não, eu não tenho nada a ver com o que está acontecendo*”, Leon não estava me parecendo muito convincente. E algo me dizia que *sim, ele tinha algo a ver com aquilo*.

— Mas faz sentido, não faz? Você sumiu durante vários minutos naquela festa — eu falei, em um tom claro de acusação. — E eu te vi, Leon. A terra nas roupas, a briga entre a Violet e você na cabana... Tudo aponta para você.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — Seu tom de voz aumentou. — Eu nunca mataria alguém, Maeve. Que tipo de pessoa você acha que eu sou? — ele perguntou, abrindo os braços, ofendido. — Minha briga com a Violet não chega nem perto de ser um bom motivo para que eu sumisse com ela.

— Então por que você não pode contar a ninguém o motivo da briga, Leon?

— Porque não posso.

— Isso não me parece uma boa resposta — eu disse, e tentei novamente: — Por que vocês brigaram na cabana?

— Não é da sua conta, Maeve — ele respondeu, com inesperada rispidez.

Olhei para ele, sem reação.

Ele realmente estava escondendo algo.

— O que você estava fazendo na floresta? — o pressionei, após alguns segundos tentando processar o que estava acontecendo ali.

Leon não respondeu de imediato. Ao invés disso, me encarou por demorados segundos antes

PERIGOSAS NACIONAIS

de jogar a cabeça para trás e soltar um riso indignado.

— Inacreditável... — ele murmurou, voltando a me encarar. — Eu estava tomando um ar.

— Na floresta? — Tive vontade rir. — Por que suas roupas estavam sujas?

— Eu já disse, Maeve. — Leon cerrou os dentes, com raiva, e então respondeu pausadamente: — *Eu. Cai.*

Não consegui evitar erguer as sobrancelhas, cruzando os braços firmemente.

— *Ah, você caiu?* — Fui irônica. — Céus! Como você espera que eu acredite nisso, Leon?

O garoto me observou, balançando a cabeça negativamente, parecendo indignado demais com todos os meus questionamentos para sequer responder, mas eu sinceramente não me importava. Não deveria estar surpresa por ele estar escondendo algo. Desde o momento em que Leon colocara seus pés em Mainport pela primeira vez em anos, ele havia deixado claro que guardava segredos.

E Violet Wright era apenas mais um deles.

PERIGOSAS ACHERON

Eu só precisava descobrir *qual*.

— Bom, acho que já concluí tudo que eu tinha para concluir aqui — eu disse, prestes a me virar em direção ao carro, mas seus passos movendo-se em minha direção, de repente, me fizeram recuar, arfando, assustada.

Leon parou onde estava, observando-me surpreso.

— Pensou o quê? Que eu sumiria com você, como supostamente fiz com a Violet? — Ele bufou de raiva, afastando-se novamente. — Você veio procurar respostas, ou apenas escutar aquilo que você quer ouvir, Maeve?

Eu fiquei em silêncio, dando espaço para que ele continuasse a cuspir as palavras na minha cara com raiva:

— Quer que eu diga o quê? Que eu estava enterrando o corpo dela nas redondezas da casa da Luna?

Novamente, não respondi, absorvendo o ressentimento discreto e velado nas suas palavras. Os olhos verdes ardiam de raiva enquanto ele esperava que eu dissesse algo, mas eu sinceramente

não sabia o que dizer ou pensar naquele momento.

Absolutamente todos à minha volta eram possíveis suspeitos pelo sumiço de Violet. E Leon Coleman, infelizmente, era o suspeito número um da minha lista, juntamente com Matthew Wood.

Dando alguns passos para trás lentamente em direção ao carro, ainda com meus olhos grudados aos seus, eu respirei fundo antes de dizer:

— Eu não posso confiar em ninguém no momento, Leon — gaguejei, com a voz trêmula. — E, se você realmente não teve nada a ver com o desaparecimento da Violet, eu sugiro que faça o mesmo. *Porque, nessa cidade, todos nós somos bons mentirosos.*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

— Vocês acham que ela sofreu muito antes de morrer? — A pergunta saiu dos lábios de Andy, de repente, quebrando o silêncio que pairava sob o quarto da minha melhor amiga.

Eu não respondi.

Honestamente, não queria pensar na possibilidade de Violet estar morta, mas à medida que os dias iam se passando e as dúvidas continuavam as mesmas, minhas esperanças de encontra-la viva diminuía radicalmente.

— Para com isso — Nathan a repreendeu, sentado de forma desleixada na poltrona rosa e peluda. — Só faz três dias, Andy. Ela não está morta. Nós não podemos desistir de procura-la agora.

Nate tinha um ponto. Se aceitássemos que Violet de fato estava morta, todo o nosso esforço para procura-la teria sido à toa. E pensar naquilo definitivamente nos desmotivaria ainda mais do que já parecíamos estar desmotivados.

Mas também não podíamos nos iludir.

Precisávamos começar a encarar a realidade que estava diante dos nossos olhos.

Porque as chances de ela estar morta também eram grandes.

— Nate... — eu murmurei, mas eu sabia que de todos nós, Nate provavelmente era o que menos queria sequer pensar na possibilidade de Violet não estar viva quando a encontrássemos.

Se algum dia a encontrássemos.

— *Não* — ele me interrompeu. — Enquanto não tivermos provas concretas de que ela está morta, ela *não está morta*.

Suspirei.

Não tentaria argumentar, pois, assim como os últimos dois dias, eu tinha certeza de que aquela discussão não seria diferente. Além disso, era bom saber que pelo menos *alguém* ainda mantinha sua fé de que a encontraríamos viva em algum momento.

— Alguém falou com a Luna desde que a Violet foi declarada desaparecida? — perguntei, encarando o teto branco e, mais uma vez, suspirei quando os dois negaram.

Ela não havia aparecido na faculdade desde então. E todas as vezes em que eu tentara ligar para o seu celular, ele ia direto para a caixa postal, o que estava começando a me deixar ainda mais preocupada.

— Seu irmão não falou com ela?

— Claro que não — bufei. — Meu irmão é tão galinha que se recusa até mesmo a ligar para perguntar se ela está bem com tudo o que está acontecendo, com medo de que ela pense que ele quer algo além de sexo.

Foi a vez do Nate bufar.

— Meu Deus.

— E falando em caras galinhas... — Andy rolou no colchão para me encarar, mas eu continuei com os olhos grudados no teto, já me preparando para o que estava por vir. — Você e Leon, huh?

— Qual o problema? — Eu me fiz de desentendida, não sabendo se estava me sentindo muito à vontade para conversar sobre o que havia acontecido duas noites atrás.

— *Qual o problema?* — Ela arqueou uma sobrancelha. — Você está o evitando desde ontem,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eve. Nós somos seus melhores amigos. Acha que não te conhecemos? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada — respondi quase que de imediato, recebendo um olhar desconfiado dos dois.

A verdade, era que eu estava louca para falar a eles sobre minhas desconfianças. Afinal, como Andy havia dito, eles eram meus melhores amigos. No entanto, eu não tinha provas concretas que podiam incriminar Leon. Tudo o que eu tinha era a minha intuição e aquilo não era o suficiente para sair por aí falando sobre as minhas suspeitas.

Eu estava prestes a mudar de assunto quando o celular vibrou em meu bolso. Era uma mensagem de Dillon dizendo que ele estava na frente da casa da Andy esperando por mim, o que fez com que eu me levantasse em um pulo.

Salva pelo gongo.

— Minha carona chegou

Andy revirou os olhos.

— Dillon Sean Miller sempre chegando nos momentos mais inoportunos.

PERIGOSAS ACHERON

— É só por isso que eu o amo — eu disse, rindo, e dei um beijo estalado na bochecha dos dois antes de me apressar escada à baixo.

Os pais de Andy estavam na sala de estar quando me dirigi em direção à porta, despedindo-me com um sorriso e um aceno breve, mas a voz da senhora Smith me fez parar exatamente onde eu estava quando ela disse:

— Já está indo, querida?

Eu sorri, assentindo.

— Meu irmão veio me buscar — eu disse, explicando o motivo de estar saindo tão cedo, já que normalmente, quando eu vinha à casa de Andy, nós ficávamos até de madrugada fofocando ou assistindo filmes antes que eu fosse andando para casa.

O senhor Smith assentiu com a cabeça.

— Fico aliviado, Maeve. Com tudo o que está acontecendo, é importante não sair sozinha por aí — ele disse. — Melhor prevenir, do que remediar, não é mesmo?

Concordei mais uma vez, e as três buzinas impacientes ao lado de fora da casa me forçaram a

PERIGOSAS ACHERON

dar um sorriso sem graça pela falta de educação do meu irmão.

— Bom, eu vou indo. Acho que o Dillon está um pouco... *apressado*.

— Claro. Vão com cuidado, Eve. — A senhora Smith sorriu calorosamente. — E avisem a Andy assim que chegarem em casa para sabermos que chegaram bem.

Eu confirmei mais uma vez, saindo porta afora com um certo incômodo após suas últimas palavras.

Vão com cuidado.

Avisem assim que chegarem.

Estas eram frases as quais nenhum cidadão de Mainport estava acostumado a ouvir. Afinal, a cidade sempre havia sido muito segura. Dillon provocava meu pai, mas a verdade era que ele estava certo quando dizia que o único trabalho que o xerife tinha era praticamente salvar gatinhos de árvores e patrulhar as ruas de um perigo inexistente.

— Mais um minuto e você ia pra casa andando com essas suas perninhas de frango — meu irmão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse assim que eu abri a porta do carro, e eu não pude evitar um revirar de olhos.

— Você jamais faria isso com a sua irmãzinha — eu fiz um biquinho, aproximando-me dele, que soltou um riso nasalar e me empurrou de leve com o ombro para o meu canto.

— Não duvide de mim, Maeve Lynn Miller — ele murmurou e deu partida no carro. — Sou capaz de fazer coisas que você nem imagina.

— *Uuuuuh*, estou com medinho agora — caçoei, bagunçando seus cabelos sem me importar com o fato dele estar dirigindo.

Dillon soltou uma risada, tentando afastar minhas mãos dele enquanto mantinha-se atento à direção. Eu o acompanhei, rindo alto, mas meu riso rapidamente cessou quando ele virou na *rua proibida*, vulgo a rua de Leon.

— O que você está fazendo? — perguntei, desconfiada.

— Estamos indo para a casa do seu namorado.

— Não. Não estamos — eu disse, firme. — E ele não é meu namorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, nós estamos. — Dillon levou seus olhos aos meus por meio segundo antes de voltar a encarar a rua. — Leon me disse que vocês brigaram. Ele não disse o motivo, obviamente, por mais que eu tenha enchido a porra do saco dele. Mas estou te vendo cabisbaixa desde ontem e não estou gostando. Então vocês vão conversar e, eu juro por Deus, Maeve, que só saio de lá quando vocês dois estiverem quase indo para a fase do sexo de reconciliação.

— Você não pode fazer isso, Dillon. — Eu o encarei, desesperada. — Estou falando sério. Para o carro.

— Claro que posso.

— Não pode.

— Já *estou* fazendo isso, Maeve — ele disse, com um sorrisinho perverso no rosto, aproximando-se da casa de Leon.

Eu respirei fundo, meu coração começando a bater enlouquecidamente no peito enquanto considerava se deveria lhe contar ou não das minhas suspeitas, e do motivo da briga.

E então, antes que eu pudesse sequer processar

PERIGOSAS ACHERON

direito o que estava acontecendo, as palavras fugiram da minha boca, mais rápido do que eu havia imaginado:

— *Acho que Leon é o responsável pelo desaparecimento da Violet.*

Dillon parou o carro imediatamente.

Silêncio.

Meus olhos estavam fechados com força enquanto eu me repreendia mentalmente por ter deixado aquilo escapar, mas eu podia sentir seu olhar queimando em meu rosto com clareza, enquanto ele esperava por uma explicação digna. O problema, era que eu não queria compartilhar minhas suspeitas com ninguém até ter provas concretas de que Leon realmente estava envolvido naquela merda toda, então tentei procurar outra forma de me safar das milhares de perguntas que Dillon estava prestes a jogar em cima de mim como uma avalanche.

— De que merda você está falando? — perguntou ele, sem emoção na voz.

Eu suspirei, sabendo que não havia mais escapatória, senão abrir o jogo, e o observei

atentamente.

Seus olhos estavam grudados nos meus com atenção quando eu encostei minha cabeça no banco do carro, derrotada, e comecei a falar:

— Leon está guardando segredos desde que voltou para Mainport, você sabe disso. Quantas vezes ele te cortou ou deu apenas respostas breves quando perguntávamos qualquer coisa sobre os últimos anos que ele passara em Londres? — Fiz uma pausa, esperando que ele processasse as informações a seguir: — Leon e Violet brigaram na cabana e nenhum de nós sabe o motivo. Ele claramente está escondendo algo, Dillon. Quando eu cobre respostas dele, tudo o que ele soube responder foi “isso não é da sua conta, Maeve”. Suas explicações são sempre enigmáticas e, honestamente, eu estou cansada delas. São sempre coisas como “está tudo bem, confie em mim” ou “não é nada demais”.

— Maeve... — Dillon me interrompeu e, mesmo com a pouca luz, eu notei a hesitação em seu olhar. — Você sabe que está acusando alguém de um *crime*, não sabe? Sabe o quanto isso é sério?

Eu fechei os olhos, respirando fundo.

— *Eu sei, Dillon* — respondi entredentes. — É por esse motivo que eu estava guardando minhas suspeitas apenas para mim.

— Você tem provas que comprovem o que está falando? Porque, sinceramente, isso não me parece suficiente para acusar Leon de algo nesse nível.

Eu esfreguei as mãos trêmulas no rosto, sentindo o nervosismo tomar conta de mim.

— Na festa da Luna, eu procurei por ele como louca depois que descobri da briga com o Matt. O encontrei saindo da floresta que cerca a casa da Luna. As roupas estavam sujas de terra e ele me pareceu tão... *suspeito* — continuei, a respiração presa na garganta. A sensação de tristeza aflorando em meu peito enquanto repassava todas aquelas informações na minha mente. Não queria que Leon tivesse algo a ver com tudo o que estava acontecendo, não mesmo, mas eu não poderia simplesmente ignorar o que parecia estar diante dos meus olhos. Então respirei fundo e continuei: — Não sei, Dillon, talvez minha intuição esteja completamente errada, mas algo me diz que ele está envolvido com Violet de alguma forma, e eu não

posso simplesmente ignorar o que eu vi naquela festa.

Dillon continuou encarando-me como se eu fosse um maldito bicho de sete cabeças, assimilando silenciosamente todas as informações que eu acabara de jogar nele como um balde de água fria. Após alguns minutos, ele balançou a cabeça, desnorteado e piscou algumas vezes em uma tentativa de voltar à realidade.

— Você comentou sobre isso no interrogatório, Eve?

— Não.

Ele apertou os lábios, sem desviar seus olhos dos meus por um segundo sequer.

Eu não tinha a porra da mínima ideia do que ele poderia estar pensando naquele momento. Seus traços me passavam uma incerteza, quase como se nem ele soubesse direito o que pensar sobre tudo aquilo.

— Merda, Maeve — xingou, de repente, dando uma batida no volante de leve. — Você não devia ter men...

O toque escandaloso do seu celular fez com
PERIGOSAS ACHERON

que eu pulasse no banco do carro, assustada, e Dillon se calou. A expressão atordoada do meu irmão rapidamente se desfez e ele não demorou para atender o telefone quando o nome do nosso pai piscou na tela.

No entanto, ele sequer teve tempo de responder, já que ao outro lado da linha, meu pai aparentemente se atropelava com as palavras. Dillon piscou algumas vezes e eu vi nitidamente quando a cor fugiu do seu rosto.

— Estou indo. — Foi tudo o que ele disse antes de desligar o telefone e encarar a rua à sua frente silenciosamente.

Eu o observei, esperando por alguma explicação ao que acabara de acontecer, mas ele simplesmente continuou ali, completamente imóvel, a respiração parecendo pesar aos poucos.

— Dillon? O que foi?

— Maeve... — ele soprou, e seus olhos arregalados e aflitos encontraram os meus. — Encontraram o corpo de Violet Wright.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

O velório de Violet Wright havia sido o evento mais marcante de Mainport desde a morte de Terry, um velhinho de oitenta anos que falecera por infarto alguns meses atrás.

A cidade estava em luto, e o tempo também parecia estar.

As nuvens carregadas e o vento forte me fizeram encolher ao lado de Nate, que envolveu rapidamente meu corpo com seus braços, em uma tentativa falha de me esquentar e me confortar enquanto nós olhávamos para o caixão fechado onde Violet agora se encontrava.

Todos estavam lá.

Abalados.

Essa era a palavra que melhor descrevia os cidadãos de Mainport naquele momento.

Abalados e chocados.

Porque agora tínhamos certeza de que Violet havia sido assassinada e que o responsável por aquilo percorria pelas ruas de Mainport livremente.

PERIGOSAS ACHERON

Perguntei-me se o assassino da garota estava ali entre nós. E, analisando um por um – desde as pessoas chorando até os que não a conheciam muito bem, mas estavam ali para demonstrar apoio à família e amigos –, meus olhos pararam em Leon Coleman, um pouco mais afastado do amontoado de gente.

Ele estava lindo, como sempre, em sua calça jeans preta e o sobretudo da mesma cor. Os cabelos dourados estavam bagunçados por conta do vento forte, mas continuavam encantadores, e os olhos verdes colados aos meus fizeram com que um arrepio percorresse a minha espinha.

Então me perguntei se ele realmente seria capaz de fazer algo assim com uma amiga, ou se minhas intuições estavam começando a falhar. Violet havia sido encontrada em um dos lagos mais afastados e menos frequentados da cidade, longe da casa de Luna, o que significava que muito provavelmente o assassino conhecia Mainport bem o suficiente para saber que aquele seria um dos últimos lugares que a polícia procuraria. Coincidentemente, aquele era o mesmo lago que Leon me levava algumas vezes durante nosso

namoro, o que tornava tudo ainda mais suspeito.

Seria apenas uma coincidência? Ou eu realmente deveria começar a tomar alguma atitude em relação aos indícios que a vida estava me dando quando o assunto era Coleman e a morte de Violet?

De qualquer forma, as filmagens das câmeras das vias principais aparentemente estavam sendo analisadas e, com sorte, teríamos alguma dica de quem fizera o percurso até lá durante a madrugada da festa, então tudo o que me restava era esperar até que algo surgisse.

Eu suspirei, cansada, e me desvencilhei de Nathan para acompanhar as passadas lentas de Leon, quando este me chamou em um gesto silencioso com a cabeça, afastando-se do velório casualmente.

No entanto, fui interrompida no meio do caminho por uma mão em meu ombro.

— Para onde você está indo? — Dillon perguntou, sussurrando em uma tentativa de não atrapalhar o velório. Os olhos azuis observando-me com uma preocupação evidente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Prendi a respiração e minha boca se abriu. Minhas íris foram dele até Leon, que agora estava encostado em uma árvore, com as mãos enterradas no sobretudo enquanto me esperava.

— Vou conversar com o Leon.

O maxilar do meu irmão travou.

— Não acho uma boa ideia, Maeve.

Eu franzi o cenho automaticamente.

— Só vou *conversar*, Dillon — eu assegurei, entredentes, mantendo o olhar firme no seu até que sua mão se afrouxasse em meu ombro.

Contra a sua vontade, meu irmão baixou a guarda, permitindo que eu fosse até o garoto. E meu coração não demorou para palpitar com violência, mostrando o quanto eu estava nervosa com a conversa que estávamos prestes a ter.

Eu sabia que deveria me desculpar por chegar com sete pedras na mão e acusa-lo de algo sem sequer ter provas concretas daquilo. Havia sido muito rude da minha parte, mas eu não podia simplesmente deixar todas as minhas suspeitas de lado e fingir que nós estávamos bem.

PERIGOSAS ACHERON

Não estávamos bem. Principalmente agora.

— Oi — eu disse, um pouco sem graça.

— Como você está? — ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

Eu dei de ombros.

— Preocupada, confusa, triste... — deixei a frase morrer no meio e recebi um suspiro por parte do garoto, antes que o silêncio se instalasse de forma quase que ensurdecadora ao nosso redor.

Então eu pigarreei forçadamente para espantar a situação vergonhosa em que nos encontrávamos e abri a boca tentando encontrar o que dizer.

— Escute... — soprei, dando um passo para me aproximar dele. Meus olhos encontraram os seus, e Leon me observou com atenção enquanto esperava pelas minhas próximas palavras. — Eu sinto muito por ter ido até a sua casa te acusar daquela forma tão... — fiz uma pausa, procurando pela palavra certa — hostil. Eu não deveria ter feito aquilo. Eu só... estou ficando *maluca* com os últimos acontecimentos.

— Então você acredita em mim quando eu digo que não tenho nada a ver com a morte dela?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— ele questionou escarnecido, arqueando uma sobrancelha, o que rapidamente fez com que eu concluísse que ele ainda estava chateado com a minha acusação.

Eu permaneci em silêncio por um momento.

Discretamente, sequei o suor das minhas mãos em minha calça jeans antes de abraçar meu próprio corpo, um pouco sem jeito em lhe dizer que ele ainda era o número um na minha lista de suspeitos.

— Quero *muito* acreditar em você, Leon — sussurrei, sendo sincera, sem conseguir encarar os orbes verdes e intensos que pareciam me atravessar.

Ele soltou um riso nasalar, desacreditado. Estava prestes a responder, provavelmente com uma resposta mal-educada — a julgar pela forma como estava reagindo às minhas palavras —, quando seus olhos focaram em algo atrás de mim, arregalando-se de leve. Eu me virei, sem entender o que estava acontecendo, e quando vi o carro do xerife parando em frente ao velório, meu estômago deu um giro de trezentos e sessenta graus na barriga.

PERIGOSAS ACHERON

Ele vinha em nossa direção, determinado, com dois policiais ao seu lado.

Minha boca agora estava aberta e os olhos arregalados, ainda tentando entender o que estava acontecendo ali. Todos os olhares do velório se voltaram a nós, chocados e excitados assim que os policiais colocaram os braços de Leon para trás, algemando-o.

— Pai? O que você... O que está fazendo?! — eu perguntei, assim que ele se aproximou, mas não obtive resposta.

O calafrio percorrendo meu corpo desde os meus dedos dos pés até arrepiar os pelos da nuca quando ele disse com a voz firme:

— Leon Coleman, você está preso pelo assassinato de Violet Wright.

— O quê?! — eu praticamente gritei, ao mesmo tempo que Leon.

— Você tem o direito de ficar calado — o xerife continuou. — Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal.

Meu coração parecia querer pular pela boca quando seus olhos encontraram os meus, o

PERIGOSAS ACHERON

sentimento de traição explicitamente banhado em suas íris verdes. Eu neguei com a cabeça, tentando dizer silenciosamente que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas ainda chocada demais para conseguir mover um músculo sequer. As imagens passando em frente aos meus olhos em câmera lenta quando os policiais começaram a arrastá-lo em direção à viatura.

Meu corpo deu um tranco para frente, por impulso, como se eu precisasse correr até ele e tirar as algemas dele, ajudá-lo a sair daquela situação, mas fui impedida pelos braços de Dillon que, de repente, estavam ao meu redor, segurando-me com força.

Eu queria acompanhá-lo. Queria ajudá-lo. Porque, de repente, ele não me parecia mais o responsável pelo assassinato de Violet Wright.

Mas era tarde demais. Pois eu *sabia* que aquilo só estava acontecendo por minha causa.

A fincada em meu coração apenas intensificando-se quando Leon sumiu na viatura, desaparecendo em seguida nas ruas de Mainport.

Meus olhos continuaram grudados na rua,

PERIGOSAS NACIONAIS

esperando que aquilo fosse algum tipo de sonho ou pesadelo. Que aquilo não fosse real.

Imóvel. Muda. Petrificada.

Era assim que eu me encontrava no momento.

Mas foi quando meu irmão pigarreou atrás de mim, após desvencilhar seus braços do meu corpo, que eu voltei à realidade, sem me importar em virar para dar um tapa ardido em seu rosto.

Dillon permaneceu estático por um momento, o rosto levemente inclinado para o lado enquanto ele processava o que acabara de acontecer, nitidamente sendo pego de surpresa. Nós tínhamos uma plateia do outro lado do parque, mas eu honestamente não poderia estar me importando menos naquele momento.

— Eu confiei em você — eu disse, entredentes, sentindo a raiva queimar, borbulhar, ferver em minhas veias. — Não acredito que você conseguiu ser tão filho da puta. Eu confiei em você, Dillon. Te contei, porque pensei que você não fosse abrir essa boca grande pro xerife da cidade!

Seus olhos estavam enfurecidos quando encontraram os meus, as narinas infladas de raiva.

PERIGOSAS ACHERON

Ele deu mais um passo à frente, praticamente colando seu corpo ao meu enquanto me observava de cima, mas eu não me deixei intimidar.

— Você acha que eu não estou me sentindo um filho da puta, Maeve? — Seu tom de voz era baixo, mas firme. — Leon é meu melhor amigo, mas nessas horas temos que deixar o laço afetivo de lado. O que você viu é importante para a investigação e, se ele de fato a tiver matado, ele deverá pagar pelos seus atos. Eu não fiz nada além da minha obrigação. Algo que *você* deveria ter feito quando foi interrogada, mas que preferiu ocultar para salvar o *namorado*.

— Você é um babaca — rosnei, entredentes, e, embora soubesse que ele tinha razão naquele quesito, não consegui baixar a guarda. — Eles não têm provas concretas para prendê-lo por muito tempo.

— Não, eles não têm. Mas isso é um trabalho para o advogado do Leon — disse Dillon, trincando o maxilar. Sua voz saindo fria e calculada, com o único intuito de atingir precisamente cada parte do meu corpo, quando ele disse: — E se você continuar defendendo-o, metendo seu nariz onde

PERIGOSAS NACIONAIS

não deve, não duvido que também te prendam por suspeitas de cúmplice de assassinato. Então, se você realmente não teve nada a ver com a morte de Violet, fique fora disso, Eve.

Eu continuei a encará-lo, sentindo o ódio percorrer nas minhas veias. Era claro que eu estava suspeita de Leon, mas não queria vê-lo preso antes de ter provas concretas de que ele realmente tinha algo a ver com aquilo. A raiva que eu sentia por ter sido apunhalada pelas costas por meu irmão mais velho tomando conta de mim gradativamente.

Então eu girei nos calcanhares, querendo sair dali antes que eu avançasse em Dillon com todo o meu ódio, e, sentindo os olhos de todos os cidadãos de Mainport em mim, sumi por entre as ruas da cidade, em uma tentativa falha de espreitar diante de todos os acontecimentos dos últimos dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Mãe! — gritei do andar de baixo, pegando as chaves do carro dela. — Estou indo. Tem certeza que não vai precisar do seu carro?

— Tenho, filha — ela gritou de volta e apareceu no topo das escadas segundos mais tarde. — Me mande mensagem quando chegar na casa do Liam, querida, por favor. Vá pela sombra.

Eu assenti, mandando-a um beijo no ar antes de vê-la desaparecer em direção ao quarto. Então suspirei, girando a chave e abrindo a porta de casa apenas para dar de cara com um par de olhos castanhos que eu não tinha notícias desde a festa de Luna.

Matthew Wood.

Os machucados no rosto não me comoveram. Muito pelo contrário. Era quase como se a satisfação estivesse preenchendo gradativamente minhas veias à medida que eu imaginava o punho de Leon atingindo o rosto de Matt como se não houvesse amanhã.

Ele parecia envergonhado. Os ombros

PERIGOSAS NACIONAIS

encolhidos e as mãos escondidas no bolso do casaco me diziam que ele não estava confortável em estar ali, cara a cara comigo.

Eu apenas continuei imóvel. Surpresa por vê-lo ali.

— Oi — ele disse, simplesmente, e aquilo foi o suficiente para que eu voltasse a raciocinar, girando os calcanhares para trancar a porta atrás de mim, em uma tentativa de fugir de suas íris amendoadas.

— O que você quer?

O escutei suspirar, cansado.

— Vim pedir desculpas.

— Desculpas aceitas. Agora pode ir embora — fui direta, passando por ele em direção ao meu carro.

Matt não hesitou em acompanhar minhas passadas apressadas, impedindo que eu fechasse a porta do carro quando escorreguei para o banco do motorista, pronta para deixa-lo falando sozinho ali.

— Maeve, eu realmente sinto muito — ele se apressou em dizer. — Não sei por que fiz aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Estou me sentindo um maldito filho da puta. Tão filho da puta que mal consegui criar coragem para sair de casa e dar de cara com você esses últimos dias. Fiquei sabendo que o Leon foi preso ontem por conta da morte da Violet. Nem imagino como deva estar a sua cabeça com tudo o que está acontecendo e não queria ser mais um fator afetando o seu emocional neste momento tão delicado. — Ele fez uma pausa, passando uma mão pelo cabelo, aflito. — Entendo se você nunca mais quiser olhar na minha cara, mas só vim lhe dizer que eu genuinamente sinto muito pelo o que aconteceu. Por mais que eu estivesse muito bêbado na festa, sei que isso não é um motivo justificável para as minhas ações. Então. Eu só... — Engoliu em seco. — Eu sinto muito mesmo.

Eu pisquei algumas vezes, esperando a compaixão me dominar e meu coração amolecer.

Mas nada aconteceu.

Eu estava completamente apática e indiferente em relação a tudo que Matt havia acabado de jogar em cima de mim.

Enchi o pulmão em uma inspiração entrecortada, antes de finalmente dizer:

PERIGOSAS ACHERON

— Não acredito no que você fala — minha voz era fria —, e acho que só veio até aqui para o seu próprio ego dormir melhor a noite. Então vá embora e não me dirija mais a palavra, Matt.

E com isso, fechei a porta com força e pisei no acelerador, deixando-o sozinho com toda a suposta culpa que ele dizia carregar no peito.



Quando cheguei na casa do Liam, todos já estavam reunidos na sala de estar. Com exceção de Leon e Matt.

Embora o velório tivesse acontecido ontem, todos nós estávamos tentando seguir com nossas vidas aos poucos. Liam sabia que não podíamos ficar enfurnados em nossas casas nos lamentando pelo que havia acontecido com Violet Wright para sempre, então decidiu que — apesar de não ser um o momento ideal — deveríamos nos reunir para tomar uma cerveja e jogar conversa fora.

Honestamente, eu não pensei que todos fossem aparecer, a julgar pelas circunstâncias em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que a cidade se encontrava, portanto foi uma surpresa para mim quando percebi que eu era a única que estava faltando. No começo nós realmente *tentamos* não tocar no assunto mais falado da cidade. Falamos de coisas como os filmes que estavam em cartaz no cinema, as séries novas da Netflix e até mesmo sobre o jogo do Manchester x Liverpool que havia acontecido neste último fim de semana, mas obviamente em um momento ou outro, Violet Wright seria pauta naquela conversa.

Os questionamentos aos poucos preenchendo a sala enquanto nos perguntávamos o que de fato teria acontecido.

— Vocês acham que ela sofreu muito? Ou teve medo? — questionou Luna, com os olhos absortos, e um longo silêncio pairou entre nós.

Nate engoliu em seco, parecendo tão imerso em seus próprios pensamentos quanto a morena.

— Espero que não.

— Não acho que Leon tenha algo a ver com isso — disse Andy, de repente, e todos os olhares da sala foram atraídos até ela. — Não acho que ele seria capaz de fazer algo assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem sempre as pessoas são quem parecem ser, Andy — soprou Dillon, e eu instantaneamente tive vontade de revirar meus olhos.

Eu não estava falando com meu irmão desde ontem e, por mais imaturo que aquilo parecesse ser, eu não me importei em me levantar e sair de lá em direção à cozinha, tentando conter a vontade de vomitar na cara dele ao ouvir sua voz.

Suspirando, tirei da geladeira de Liam um suco de laranja como se estivesse em casa, e o despejei no copo de vidro antes de leva-lo à boca. E minha mente completamente imersa em Leon desde o ocorrido no velório me impediu de notar quando o namorado de Andy se aproximou, limpando a garganta para chamar minha atenção.

— Liam! — Minha voz saiu mais aguda que o esperado, depois que eu pulei onde estava ao vê-lo apoiado na mesa da cozinha, com as mãos no bolso.

Ele sorriu para mim. Um sorriso breve.

Os olhos cansados envoltos por uma olheira profunda que deixava claro sua falta de sono.

— Preciso falar com você — disse Liam, em um tom de voz baixo, olhando por cima do ombro

para se certificar de que a porta da cozinha de fato estava fechada.

Eu franzi o cenho, mas assenti com a cabeça esperando que ele prosseguisse.

— Sei que Leon não é o responsável pela morte de Violet — ele sussurrou, dando um passo à frente para se aproximar de mim, os olhos grudados aos meus com determinação.

— Sabe?

— Claro — disse, como se fosse algo óbvio. — O intervalo de tempo em que Leon quebrou a cara do Matt, saiu da festa e nos encontrou do lado de fora da casa é curto demais para que ele matasse a Violet, a colocasse em um carro e a levasse para o outro lado da cidade para jogá-la em um lago. Não faz sentido nenhum, pelo amor de Deus.

Pisquei.

Era verdade, não fazia sentido nenhum.

A não ser que...

— Bem, e se ele a matou, a colocou no carro e só quando estava voltando para casa jogou seu corpo no lago? — perguntei, arqueando uma

sobancelha.

Liam sequer hesitou em responder:

— Sei que não foi ele, Eve. — Sua voz era firme, exalando confiança. — Há tantas possibilidades do que, de fato, pode ter acontecido, mas Leon ser o assassino não é uma delas.

Eu assenti, sem saber ao certo por que exatamente ele estava me dizendo aquilo.

Percebendo minha confusão, Liam continuou:

— Preciso da sua ajuda para descobrir quem foi.

— O quê? — perguntei, achando aquilo um absurdo. — Isso não é um jogo, Johnson. Não estamos brincando de detetive.

Ele revirou os olhos, impaciente.

— Você sabe que a polícia nessa cidade é inútil — respondeu quase que de imediato, e então fez uma pausa. — Sem ofensas ao seu pai. Mas você sabe como as coisas funcionam aqui em Mainport, Maeve.

Sem saber o que pensar, engoli em seco e o silêncio se estabeleceu entre nós quando eu optei

PERIGOSAS NACIONAIS

por não falar nada, mas ele não baixou a guarda. Os olhos fixos nos meus enquanto esperava por uma resposta.

Então suspirei, sabendo que por um lado ele tinha razão, e me dei por vencida.

— Tá bom — eu disse, e ele automaticamente soltou o ar, aliviado. Os ombros agora parecendo menos tensos. — Por onde começamos?

Ele se afastou.

Os lábios erguidos em um sorriso maquiavélico no momento em que seus dedos levantaram a chave do seu carro na altura do rosto.

— O que acha de darmos uma voltinha de madrugada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

— Isso é uma *péssima ideia*, *Liam* — murmurei, entredentes, olhando pelo vidro do carro para a delegacia a poucos metros de nós.

Liam bufou ao meu lado.

— Você só precisa entrar, tirar foto dos documentos sobre o caso, e voltar. Não é tão difícil assim, Maeve.

Eu voltei meus olhos a ele, irritada pelo descaso.

— Você diz isso porque não é você que vai executar a porra do plano.

— Bem, eu que *bolei* o plano. — Arqueou suas sobrancelhas, desafiando-me. — Você não agregou em nada por enquanto.

Apertei meus lábios.

Queria manda-lo ir à merda junto com seu plano mirabolante que eu duvidava que fosse nos levar a algum lugar, mas contive as palavras dentro de mim e finalmente abri a porta do carro, não sem antes dizer:

— Céus, eu te odeio.

Liam soltou uma risada.

— Eu também te amo, Maeve — cantarolou, com o tom banhado de divertimento. — Faça seu melhor!

Ignorei.

Ignorei porque as batidas do meu coração estavam tão fortes contra a costela que eu pensei que ele fosse sair pelo meu corpo há qualquer momento, enquanto meus pés me levavam em direção à entrada da única delegacia de Mainport.

Quando adentrei o local, o policial Harrison automaticamente levou seus olhos até mim e, em um reflexo rápido, colocou sua mão no revólver preso à calça, visto que era extremamente incomum alguém aparecer na delegacia depois da meia-noite.

Mas assim que me reconheceu, afastou sua mão da arma.

— Senhorita Miller? — A voz dele era um misto de surpresa e dúvida, os olhos estreitos em minha direção. — O que está fazendo aqui?

Pisquei, lembrando-me que Liam e eu não

havíamos pensado exatamente *naquela* parte do plano. Eu não tinha ideia do que falar.

O que eu estava fazendo ali com o relógio quase beirando as duas da manhã?

Vamos, Maeve, pense.

Pense, pense, pense.

— Meu pai me enviou aqui — eu disse, abrindo um sorriso, mas tudo o que o policial Harrison fez foi franzir o cenho, confuso, portanto me apressei em explicar: — Ele esqueceu o celular no escritório e só deu conta agora. E você sabe como os filhos são para os pais, né? — Soltei uma risadinha descontraída, apesar de estar quase surtando internamente, desacreditada que eu realmente estava fazendo aquilo. — Quase empregados. Nós temos que fazer tudo. Afinal, *enquanto estivermos debaixo do teto deles, temos que fazer o que eles mandam, e...*

— Certo, claro — ele me interrompeu, e apenas então percebi estar tagarelando. Algo que eu normalmente fazia quando estava nervosa. — Você sabe onde fica o escritório dele, não sabe?

Assenti.

— Obrigada, Harrison — agradei, passando por ele casualmente. — Prometo não demorar.

Eu o ouvi murmurar antes de voltar a se sentar na cadeira, e fui até o final do corredor, parando em frente à porta com o nome *xerife Miller* gravado em uma pequena placa dourada pendurada na altura dos meus olhos. A porta estava destrancada, e eu não demorei para entrar e fechá-la atrás de mim, me deparando com uma bagunça incomum.

Nunca pensei que fosse ficar tão grata pelas vezes em que meu pai me obrigou a ficar com ele ali quando eu era mais nova, porque agora, felizmente, eu conhecia aquele escritório como a palma da minha mão e sabia exatamente onde os documentos dos casos mais recentes ficavam guardados.

Na parede mais próxima à janela, abri a última gaveta e procurei pelo nome de Violet depressa, torcendo para que Harrison não estranhasse a minha demora enquanto eu espalhava as folhas pelo chão, tirando foto de absolutamente tudo que estava dentro daquela pasta.

Meu estômago se revirou quando vi as fotos da perícia. O corpo de Violet já em decomposição

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando a tiraram daquele lago. Mas a ânsia de vomito surgiu apenas após meus olhos irem de encontro ao nome de Leon por entre as páginas daquela investigação.

“Suspeito e vítima se relacionaram durante o ano de 2017 e 2018.”

Congelei.

E precisei me sentar no chão quando senti minha pressão abaixar.

O ar rapidamente fugindo dos meus pulmões enquanto eu tentava processar tudo o que estava diante dos meus olhos.

Eram incontáveis informações sobre um possível relacionamento entre Leon e Violet que me fizeram querer vomitar, incluindo trocas de mensagens e até mesmo de e-mails que provavelmente haviam encontrado nas coisas de Violet.

E, abaixo dessas informações, imagens comprovavam aquilo que eu não queria acreditar.

Leon e Violet conversando.

Leon e Violet abraçados.

PERIGOSAS ACHERON

Leon e Violet se beijando.

Automaticamente me lembrei de todas as vezes em que Violet viajara durante os últimos dois anos e senti meu peito apertar, sem querer acreditar que durante todo aquele tempo, eles estavam juntos.

Me lembrei da briga na cabana, e a forma como Leon evitava comentar sobre Londres toda a vez que tocávamos no assunto. A raiva aos poucos incendiando meu peito por ter sido tão ingênua. Por ter confiado quando Leon me disse que não havia nada com que me preocupar, quando na verdade os dois estavam tendo um maldito caso há anos.

De repente, incontáveis perguntas começaram a surgir na minha mente.

Estariam eles se relacionando às escondidas desde que Leon pisara em Mainport?

Céus, eu realmente esperava que não. Porque, caso o contrário, o próximo a morrer naquela merda de cidade definitivamente seria Leon Coleman.

A falta de ar aos poucos começando a me consumir à medida que minha imaginação criava imagens dos dois na cama, quando senti meu

celular vibrar.

Mensagem enviada por Liam Johnson, às 02h06.
*“Maeve??? Por que está demorando?
Estou começando a ficar preocupado.”*

Suspirei e, me obrigando a afastar aquele tipo de pensamento, digitei com os dedos trêmulos:

Indo.

Então acabei de tirar as fotos que faltavam, incluindo as informações sobre Leon, e deixei tudo exatamente como havia encontrado. Em pé em frente à porta, tentei me recompor, agradecendo à Harrison quando passei por ele com um sorriso fraco no rosto.

Quando cheguei ao lado de fora, Liam estava me esperando exatamente onde havia me deixado. Os olhos brilhando em curiosidade quando escorreguei para o banco do passageiro.

— E aí? — questionou, esperançoso.

Engoli em seco.

— Consegui tudo, eu acho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então ele piscou uma, duas, talvez três vezes, parecendo um pouco confuso.

— E por que não estamos felizes?

— Porque se Leon realmente não for o culpado, ele está mais fodido do que imaginávamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Meu pai arrumou o jornal à sua frente enquanto levava a xícara de café à boca quando eu me perguntei se Harrison diria alguma coisa a ele sobre a noite passada, assim que ele chegasse na delegacia. Bem, eu esperava que não. Porque se meu pai ficasse sabendo sobre meu passeio pela delegacia durante a madrugada, ele provavelmente me trancaria no quarto para evitar precisar limpar minha barra de novo.

Seus olhos estavam cansados e caídos, e sua barba estava por fazer. A aparência esgotada deixava claro o quanto o caso de Violet Wright estava acabando com a sanidade dele, e eu não parecia estar muito diferente.

Havia passado a noite toda me revirando na cama, lendo e relendo cada uma das páginas da investigação sobre a morte de Violet, me perguntando se Leon realmente tinha algo a ver com aquilo e, se não, quem seria capaz de acabar com a vida de uma jovem de dezoito anos e *por quê?*

Eram tantas perguntas sem respostas que eu

PERIGOSAS ACHERON

estava começando a enlouquecer, e até mesmo reconsiderar o curso de perícia criminal dos meus sonhos. Nunca pensei que resolver um crime fosse tão difícil, mas pensar na quantidade de lacunas que faltavam serem preenchidas para que todas as peças daquele quebra-cabeça estivessem encaixadas era exaustivo.

— Como está a faculdade, Maeve? — minha mãe perguntou, tirando-me rapidamente dos meus devaneios.

Eu sabia o que ela estava fazendo. Desde a morte de Violet, nenhum de nós parecia conseguir voltar à rotina normal, com conversas normais durante as refeições, mas ela estava tentando.

Estava tentando porque sabia que não poderíamos ficar assim.

Nossa família estava aos poucos sendo arruinada e ninguém além de minha mãe parecia querer consertar. Meu pai estava tão obstinado a resolver aquele crime que mal se comunicava direito conosco, e Dillon e eu estávamos tão irritados com o acontecimento no velório que nenhum dos dois parecia ser capaz de abrir mão do orgulho para conversarmos como adultos maduros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Normal. — Dei de ombros, revirando os ovos mexidos no prato. — Nossas provas foram adiadas até a poeira dos últimos acontecimentos abaixar... Acho que ninguém está com muita cabeça para estudar agora.

Mamãe assentiu com a cabeça, mastigando, e levou sua atenção até as escadas quando Dillon surgiu em nosso campo de visão.

— Querido, bom dia. — Ela sorriu para ele.

— Bom dia, mãe. — Dillon depositou um beijo no topo da cabeça dela, antes de passar por nós em direção ao balcão que separava a sala de jantar da cozinha. — Bom dia, pai.

— Bom dia, filho.

— Maeve. — Seu tom de voz era frio e eu fui obrigada a revirar os olhos.

— Dillon.

Minha mãe intercalou o olhar entre nós dois e então disse:

— Querida, por que você não aproveita para pegar uma carona com seu irmão?

Eu automaticamente a fuzilei com o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que ela estava tentando apenas apaziguar a situação, mas Dillon e eu ainda não estávamos dispostos a isto.

— Ele está apressado.

— Eu estou apressado.

Falamos ao mesmo tempo e os ombros da mulher à minha frente murcharam.

— Além do mais, Liam está vindo me buscar — expliquei, sorrindo para ela como quem dissesse que estava tudo bem.

— *Liam* está vindo te buscar? — ouvi a voz do meu irmão atrás de mim, antes dele aparecer no meu campo de visão com uma tigela de cereal em mãos. — Por que caralhos Liam Johnson está vindo te buscar? Nem sabia que vocês eram amigos assim.

— Porque meu irmão é um idiota e meu namorado está preso — respondi casualmente, como se aquele tipo de situação em que eu me encontrava fosse a coisa mais normal do mundo para mim, e me coloquei de pé assim que uma buzina anunciou a chegada de Johnson. — Falando no diabo...

PERIGOSAS ACHERON

Sorri cínica na direção do meu irmão e não demorei para me despedir de minha mãe e deixar um beijo estalado na bochecha do meu pai, ignorando completamente a presença de Dillon na hora de me despedir.

— Tenho uma notícia boa e outra ruim — Liam começou, assim que eu escorreguei para o banco do passageiro. — Qual você quer ouvir primeiro?

Suspirei, exausta.

— Qualquer uma?

Ele me olhou de canto e deu partida no carro.

— A notícia boa, é que muito provavelmente Leon está salvo de todo esse rolo.

— O quê? Por quê? — perguntei, sem entender porra nenhuma. — Você por acaso leu o mesmo documento que eu?

— Claro que sim. Ele e Violet se envolveram. E? — Arqueou uma sobrancelha, voltando a me olhar de relance. — Isso não significa nada, Eve. Se o advogado de Leon for bom o suficiente, hoje mesmo a polícia é obrigada a liberá-lo. Ele tem um álibi, Maeve. Segundo aos documentos, Violet

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morreu por volta das onze e meia da noite. Mais ou menos o mesmo horário em que Leon estava acabando com a cara do Matt. Na frente da festa inteira.

Pisquei, processando as palavras do garoto.

— Cacete — soprei, entendendo o que Liam estava querendo dizer. — O álibi dele é melhor que o álibi de qualquer um de nós.

— Exatamente. Leon roubou a atenção da festa no mesmo momento em que Violet foi morta.

Meus olhos estavam arregalados enquanto eu juntava os pontos, e um misto de emoções começou a ser formado em meu peito. Era uma mistura de alívio por saber que ele realmente estava falando a verdade, culpa por não ter acreditado nas suas palavras, e raiva pelo o que eu sabia que Leon ocultara de mim.

— Caralho — murmurei.

— Caralho — Liam repetiu.

— E qual é a notícia ruim?

— Hm? — O garoto piscou em minha direção, meio perdido.

PERIGOSAS ACHERON

— Você disse que tinha uma notícia ruim.

— Ah, claro — ele assentiu, parecendo se lembrar, e finalmente parou o carro em frente à nossa universidade. — A notícia ruim é que voltamos à estaca zero. Não sabemos nada sobre o assassino.

Apertei meus lábios, pensando.

— Bem, nós podemos excluir algumas pessoas. — Dei de ombros. — Se Violet realmente morreu durante a briga de Matt e Leon, nós podemos os excluir da lista de suspeitos.

— E *nos* excluir — ele disse, arqueando uma sobrancelha, e eu rapidamente me lembrei que durante a briga, Liam e Alex estavam me ajudando no banheiro.

Eu concordei com a cabeça.

— Você tem alguma ideia de quem poderia ser? — perguntei.

O garoto não respondeu. Seus olhos, de repente, parecendo distantes à medida que ele pensava.

— Liam? — chamei sua atenção, o que fez

com que ele voltasse à realidade.

— Hm?

— Você tem alguma suspeita?

— Tenho.

Franzi o cenho, esperando-o continuar, mas ele não disse nada.

— Então...

— Não posso falar aqui — murmurou e apontou com a cabeça para a entrada da universidade, onde Andy, Nate e Luna acenavam para nós, esperando que fôssemos até eles. Então ele abriu a porta do carro, mas antes de sair, disse: — Lembre-se, Eve, não conte a ninguém sobre o que estamos fazendo. Nem mesmo as pessoas mais próximas são confiáveis agora.



Mensagem enviada por Leon Coleman, às 11h28.

“Onde você está? A gente precisa conversar.”

Acabei de chegar na Mainport University.”

Meu coração batia com força contra o peito enquanto eu lia e relia aquela mensagem de Leon, sem acreditar que ele havia finalmente sido solto. Ele havia ficado pouco mais de um dia preso, mas honestamente, para mim pareceram semanas. Meu estômago deu um giro de trezentos e sessenta graus, e eu não soube dizer se era de ansiedade para abraçá-lo, ou para gritar em sua cara sobre o que eu sabia em relação a ele e Violet.

Os corredores da universidade ainda estavam vazios quando saí da sala às pressas, sem conseguir esperar até o fim da aula para que pudéssemos conversar, e meus passos me levavam depressa para o lado de fora, enquanto eu digitava uma resposta rápida que estaria próxima à lanchonete do prédio de Direito.

No entanto, antes que eu pudesse enviar a mensagem, fui rapidamente puxada para dentro de uma sala vazia e não soube exatamente como reagir quando meus olhos encontraram as íris esverdeadas de Coleman. Eu estava em um misto de choque, confusão e saudade, e meu cérebro não conseguia

se decidir entre mandar comandos agressivos ou carinhosos para o meu corpo.

— Você me assustou, porra. — Foi tudo o que eu consegui dizer, vendo Leon abrir um sorriso de orelha a orelha antes de me abraçar com força, afundando seu rosto na curva do meu pescoço.

— Caralho, senti sua falta — ele sussurrou, apertando-me com força.

Após um ou dois segundos, eu finalmente envolvi meus braços ao redor do seu corpo alto e musculoso, inspirando fundo para desfrutar do perfume delicioso de Leon. Seus cabelos dourados estavam úmidos quando eu me afastei, indicando que ele não saíra do banho há muito tempo, e o sorriso estava tão radiante que por um momento me esqueci do mundo a nossa volta.

Então ele me beijou.

A boca quente; os lábios, firmes.

E eu podia jurar que minhas pernas iriam derreter ali mesmo quando ele mordeu meu lábio inferior, as mãos grossas e calejadas trazendo-me para ainda mais perto dele em um misto de delicadeza e urgência. O gosto do seu lábio se

PERIGOSAS NACIONAIS

derramando nos meus, à medida que ele aprofundava o beijo como se precisasse daquilo mais do que precisa de oxigênio para sobreviver.

— Também senti a sua — sussurrei, ofegante, quando partimos o beijo, e me afastei minimamente, porque eu sabia que tínhamos pendências a resolver e que aquilo definitivamente não tinha como esperar. — Escute, Leon...

— Esse não é o momento, Eve — ele me interrompeu, o tom de voz sério.

— Pensei que precisássemos conversar.

— Precisamos, mas não agora. Não quero estragar isso aqui.

Então se aproximou novamente, os lábios roçando nos meus, os dedos voltando a se emaranhar em meus cabelos, a respiração quente chocando-se contra a minha pele fria. Eu estava pronta para deixar aquilo de lado, voltar a beijá-lo e aproveitar um dos poucos momentos em que estávamos supostamente bem, no entanto imagens dele com Violet voltaram à minha mente em flashes, e eu automaticamente me afastei, vendo-o franzir o cenho, confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei de você e da Violet — eu disse antes que me faltasse coragem, e uma ruga se formou na testa de Leon.

— O quê?

Sentando-me na mesa mais próxima à porta, soltei um suspiro cansado.

— Sei que você e a Violet estavam transando. — Imediatamente um nó se formou em minha garganta e eu estranhamente senti uma vontade súbita de chorar. — Dois anos, Leon. Vocês transaram durante dois anos e você nunca me disse nada?

Leon balançou a cabeça, parecendo surpreso e irritado.

Então deu um passo à frente, os olhos agitados encontrando os meus.

— Como você sabe disso?

— Não importa.

— Claro que importa, Maeve!

Eu pisquei algumas vezes, sem desviar meus olhos dos seus. O peito de Leon descia e subia com força, e eu podia sentir a raiva emanando do seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo.

— Eu peguei os documentos sobre o caso ontem a noite.

Então ele exalou um suspiro, irritado, andando de um lado ao outro na pequena sala, as mãos segurando seus fios dourados com força.

— Você está me *investigando, porra?* — perguntou, virando para me observar.

— Não estou investigando *você*, estou investigando o *crime*.

Estremeci quando uma risada fria escapou dos seus lábios e Leon balançou a cabeça, indignado, mas não baixe a guarda. Não deixaria que ele se colocasse na posição de vítima, apenas porque eu havia lido coisas a seu respeito que ele havia optado por esconder de mim.

— Nunca passou pela sua cabeça que seria interessante me contar que você e Violet tiveram um relacionamento durante *dois malditos anos?*

— Não foi um relacionamento — ele me atropelou nas palavras.

Arqueei minhas sobrancelhas, irônica.

— Ah não? Então o que foi?

— Sexo. Só sexo, Maeve — foi rude, o maxilar trincado com força quando ele se aproximou, continuando: — Violet me mandou uma mensagem dizendo que estava em Londres pouco tempo depois de eu ter me mudado para lá, e então marcamos de sair apenas como amigos, mas as coisas fugiram do controle depois de alguns shots de tequila. Nunca tivemos nada sério, Maeve. Nós apenas transávamos quando ela ia para Londres visitar sua família.

Eu relutei, sem saber se realmente deveria acreditar no que ele estava me dizendo, e Leon pareceu perceber, porque logo se apressou em colocar todas as cartas na mesa:

— Antes de voltar à Mainport, eu acabei o que quer que fosse que tínhamos entre nós. Eu não tinha interesse em ter um relacionamento — fez uma pausa. — Pelo menos não com *ela*. E obviamente Violet não gostou daquilo. Na cabana, quando tivemos aquela briga, Violet queria te contar sobre nossas trepadas casuais, mas eu não deixei. Não deixei, porque não queria perder você, Eve. Não queria que você se preocupasse ou se

chateasse com algo que estava e continuaria no passado para sempre. Sinto muito por não ter te contado, sei que você merecia saber.

Fiquei em silêncio por um momento, sem saber exatamente o que pensar ou como responder àquilo. Queria acreditar que tudo o que ele estava me dizendo era verdade, queria poder perguntar à Violet a versão dela da história, mas infelizmente aquilo não era mais possível.

— Sei que você não a matou — eu disse, baixinho, em uma tentativa de evitar precisar lhe dar uma resposta em relação ao que ele acabara de me falar, e Leon piscou, confuso. — Você tem um bom álibi. Violet morreu no mesmo momento em que você e Matt estavam se matando na festa. Não foi assim que seu advogado te tirou da cadeia?

— Na verdade, eles apenas não têm provas suficientes para me manterem preso. — Leon deu de ombros. — Mas sim, eu tenho uma ótima defesa.

Assenti, desviando meus olhos dos seus quando o ar pareceu pesado entre nós e o silêncio se instalou de forma quase ensurdecadora. Eu estava prestes a dizer que deveria voltar pra aula,

PERIGOSAS ACHERON

por mais esfarrapada que fosse a desculpa, quando Leon pigarreou à minha frente.

— Maeve — ele chamou minha atenção, obrigando-me a olhá-lo nos olhos. — Você está investigando essa porra de caso sozinha?

Neguei com a cabeça.

— Liam pediu minha ajuda. Estamos avançando aos poucos — expliquei, vendo-o balançar a cabeça negativamente.

— Você está cavando a sua própria cova, sabe disso, não sabe? — perguntou, mas eu não respondi. — Nós não sabemos quem é o assassino, Eve. Pode ser absolutamente qualquer um, e se essa pessoa souber que você e Liam estão metendo o nariz onde não foram chamados...

Leon se interrompeu, deixando a frase no ar, mas eu sabia exatamente o que ele queria dizer com aquilo. Seus olhos verdes e aflitos estavam grudados aos meus e eu sabia que ele estava prestes a me implorar para largar aquilo e deixar a investigação para quem realmente tinha essa função, mas eu não deixaria Liam na mão.

Por esse motivo, não demorei a sair daquela

PERIGOSAS NACIONAIS

sala, agora com um gosto amargo na boca e um sentimento intenso de incerteza no coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Mensagem enviada por Liam Johnson, às 19h37.

“Acho que sei quem a matou, Maeve. 21h na minha casa.”

“Não se atrase.”

Meus olhos intercalavam entre a mensagem e o ponteiro do relógio há mais de vinte minutos, aguardando pacientemente o relógio atingir às 20h45 apenas para que eu pudesse me levantar em um pulo e correr até o quarto da minha mãe.

— *Mamis* — soprei, enfiando apenas minha cabeça para dentro do cômodo com um sorriso angelical em meu rosto.

Minha mãe automaticamente levantou seus olhos do livro que lia, esparramada na cama, e me encarou por cima dos óculos pendurados na ponta do nariz. Então franziu a testa e arqueou uma sobrancelha, interpretando meu sorriso de canto e o apelido “*mamis*” exatamente da forma que eu esperava:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você quer dessa vez?

— Seu carro? — Meu sorriso cresceu quando ela suspirou.

— As chaves estão no hall, do lado da porta de entrada. — Fechou o livro, ajeitando-se melhor na cama para me analisar. — Para onde você está indo?

— Pra casa do Liam. Não volto tarde, prometo.

— Maeve... — Seu tom era reprovador, e eu rapidamente franzi o cenho, confusa.

— O que foi, mãe?

— Você e Liam Johnson estão... — Fez uma pausa. — Você sabe...

— Credo, mãe, claro que não. — Fiz cara de nojo. — Que tipo de pessoa você pensa que eu sou? — Ri. — Ele namora a Andy.

Ela voltou a recostar no travesseiro, agora parecendo mais aliviada.

— É sempre bom saber que te criei com educação e respeito — comentou, satisfeita. — Porque se dependesse do seu pai...

PERIGOSAS ACHERON

Eu revirei meus olhos, pronta para fugir das reclamações dela.

— Tchau mãeeeeeee — cantarolei, fechando a porta lentamente.

— Avise quando chegar, está me ouvindo? — ela gritou pela madeira, e eu assenti, gritando de volta.

Descendo as escadas rapidamente, peguei minha bolsa pendurada no hall e as chaves do carro, quase sendo atingida pela porta por alguém que entrava em seguida. Era Dillon. Os olhos azuis envoltos por olheiras e as pálpebras levemente caídas denunciavam seu cansaço quando ele me encarou, com um enorme ponto de interrogação no rosto ao me ver com as chaves do carro e a bolsa em mãos.

— Para onde está indo? — perguntou.

— Não te interessa — murmurei, sem me importar em passar por ele com brutalidade, saindo porta afora em direção ao carro.

A casa de Liam não era muito longe da minha. Normalmente, de carro, eu demorava aproximadamente dez minutos até lá, mas eu estava

PERIGOSAS NACIONAIS

tão aflita com as mensagens que ele me mandara que em cinco minutos eu já me encontrava em frente à sua porta, esperando que ele abrisse para mim.

Mas nada aconteceu.

Já se passavam das 21h10 quando eu decidi que era hora de apelar para as ligações, já que as vinte mensagens que eu mandara não pareceram ser suficientes para lembra-lo que havíamos combinado de nos encontrar às 21h.

Sem atrasos.

E foi quando eu ouvi o toque de seu celular, do outro lado da madeira, que parei exatamente onde estava, afastando o aparelho do meu ouvido.

— Liam? — o chamei pela porta.

Ele não respondeu.

E, de repente, um medo gélido correu por minhas veias quando a sensação de que algo não estava certo invadiu o meu peito. Girando a maçaneta lentamente, enfiei apenas a cabeça para dentro da casa assim que notei que a porta estava destrancada aquele tempo todo, e chamei mais uma vez o nome dele.

PERIGOSAS ACHERON

O celular parara de tocar, permitindo que o silêncio voltasse a preencher o ambiente de forma quase ensurdecadora. As luzes estavam acesas, mas eu não tinha nenhum sinal de Liam.

Fechando a porta atrás de mim, digitei seu número mais uma vez, agora ouvindo o toque com muita mais clareza vindo da cozinha.

— Liam? — chamei-o novamente, mas não obtive nenhuma resposta.

Meus pés, no entanto, me levaram em direção ao som do celular. Meu coração batendo descontroladamente à medida que eu me aproximava da porta fechada da cozinha.

Girei a maçaneta, mas algo ao outro lado da madeira me impediu de abrir totalmente a porta. E quando meus olhos foram em direção ao chão, precisei fecha-los com força e abri-los novamente para ter certeza do que estava acontecendo ali.

Meus tênis brancos agora tinham as solas vermelhas, minha mente tentando entender o que aquela poça escura abaixo dos meus pés significava.

Paralisada, em estado de estupor, arfei sem

forças.

E, com o estômago dando giros de trezentos e sessenta graus, criei coragem para enfiar minha cabeça pela fresta da porta, vendo o corpo de Liam bloqueando a passagem sob o chão, envolto por sangue.

Muito sangue.

Recuei, dando alguns passos para trás.

O coração quase pulando pela minha boca.

Um grito preso na garganta.

Eu não sabia o que fazer.

Não tinha a porra da *mínima* ideia do que fazer.

Meu Deus.

Então, em um impulso, empurrei a porta da cozinha, me espremendo para entrar pela pequena abertura. O ar em meus pulmões escapando com força quando eu percebi que aquilo *realmente* estava acontecendo.

Chamei por seu nome, agachando-me para tentar ajudar de alguma forma, pressionando o abdome do garoto quando percebi onde estavam os

PERIGOSAS ACHERON

ferimentos. Liam estava pálido, sua pele quase branca, os lábios já sem coloração, os olhos abertos e vidrados. Gritei pelo seu nome novamente, mas não obtive nenhuma reação por parte dele.

Depois gritei por socorro.

De novo.

E de novo.

Minhas mãos apertando com força os ferimentos, em uma tentativa quase falha de estancar o sangue.

Procurei pelo meu celular no chão, ainda tentando pressionar os ferimentos com força, e digitei o número do meu pai rapidamente, sem me importar com a cor vermelha que manchava minha tela à medida que meus dedos ensanguentados tocavam o vidro.

Tentei uma, duas, talvez três vezes, mas a ligação caiu direto na caixa postal. Então disquei o número da única pessoa que me veio à mente naquele momento, deixando completamente de lado o orgulho quando ele atendeu.

— O que você quer, pirralha? — Sua voz era um misto de tédio e irritação, mas quando um

PERIGOSAS ACHERON

solução alto escapou por meus lábios trêmulos, seu tom automaticamente mudou para uma preocupação evidente: — *Maeve?*

— Dillon — soprei, com meus olhos ainda grudados no corpo do meu amigo, sem saber mais o que fazer quando não encontrei a pulsação dele. — *Dillon.*

— O que aconteceu, Eve?

Não consegui responder.

Minha respiração vinha em movimentos fortes e entrecortados. O ar parecendo raspar minha garganta enquanto eu procurava pelas palavras presas no meu interior.

— *Maeve?! —* ouvi ele gritar do outro lado da ligação, seguido de um movimento no fundo. — Onde você está, porra? O que está acontecendo? Estou indo até você agora. Onde você está, caralho?

— Dillon... — murmurei, zozza.

Então fechei os olhos, desejando que aquilo fosse apenas mais um maldito pesadelo. No entanto, quando eu os abri novamente, o corpo de Liam continuava ali, pálido e sem vida, me

PERIGOSAS ACHERON

mostrando que aquilo era real.

Real demais.

Minha voz era um sussurro fraco e rouco quando eu finalmente disse:

— Liam Johnson está morto.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sozinha na cozinha, fiquei paralisada. Minhas mãos ainda pressionavam os ferimentos no abdome de Liam, embora eu soubesse que tentar estancar o sangue era completamente inútil agora. Minha mente girava quando eu ouvi a porta da frente escancarar com força.

Dillon foi o primeiro a chegar, congelando no momento em que seus olhos repousaram sob o corpo sem vida de Liam.

— Maeve? — seu tom era baixo, trêmulo. — *O que aconteceu?*

Pisquei para afastar as lágrimas.

Fungando e tentando me recompor, balancei a cabeça, sem conseguir encontrar a voz no meu interior para lhe responder.

Dillon se agachou ao meu lado, procurando pelos batimentos de Liam em seu pulso e depois em seu pescoço. Os lábios apertados quando ele chegou à mesma conclusão que eu.

— Eve...

— Não — soprei, sentindo seus olhos azuis

PERIGOSAS ACHERON

analisando-me atentamente.

— Eve, você pode soltar ele agora — sussurrou, aproximando-se para tirar minhas mãos do corpo de Liam. A ardência em meus olhos era insuportável. Minha garganta estava travada. — *Maeve*.

Engoli em seco, completamente estática.

— *Maeve* — o ouvi sussurrar mais uma vez ao meu lado. — Ele... ele está morto.

Senti meu rosto se desfazer.

Não.

Por favor, não.

E então perdi o controle.

Simplesmente perdi a porra do controle.

Caindo em prantos como um bebê, bem ali, em frente ao corpo sem vida de Liam.

Ajoelhada sob seu sangue.

Me perguntando *como* alguém tinha coragem de fazer aquilo.

E por quê?

Céus, por quê?



Não consegui pregar os olhos naquela noite. Minha mente insistindo em reviver os acontecimentos das últimas horas vividamente toda vez em que eu fechava meus olhos, em uma tentativa completamente falha de pegar no sono.

O sangue.

O corpo.

Os ferimentos.

Liam. Morto.

A polícia não havia demorado muito a chegar, depois que Dillon apareceu, e meu irmão insistiu que me fizessem logo as perguntas necessárias para que ele pudesse me tirar dali o quanto antes.

Eu precisava de um calmante.

De um terapeuta.

E, principalmente, de um maldito banho.

Tirar o sangue seco contido em minha pele também havia sido um grande martírio. Meus olhos

lacrimejando à medida que a cor vermelha escorria pelo ralo do meu box, a imagem de Liam Johnson no chão da cozinha me assombrando incessantemente.

Revirando na cama há mais de duas horas, o relógio já beirava as três da manhã e eu não conseguia pensar em absolutamente nada além de Liam e da sua família. Ou de Andy, que optara por desligar o celular e se isolar do mundo desde que soubera do ocorrido.

Momentos depois, no entanto, meus pensamentos foram dispersos por um movimento ao lado de fora da minha janela que me fez levantar depressa, uma sensação gelada descendo pela minha nuca. Virando a cabeça ligeiramente, vi uma sombra no chão do quarto e, de repente, todos os meus sentidos estavam em alerta.

Um grito preso à garganta quando eu peguei o abajur do criado mudo e me encostei na parede, pronta para atingir quem quer que fosse ao perceber que minha janela estava começando a se abrir vagarosamente. Os raios embaçados do luar eram a única fonte de luz que eu tinha. Meu coração batendo contra o peito quando um corpo alto e forte

escorregou pela fresta da janela para dentro do meu quarto.

Era isso.

Aquele era meu fim.

O responsável pelo assassinato de Violet Wright estava caçando quem quer que estivesse disposto a investigar o caso.

Primeiro Liam, e agora eu.

Minha respiração estava ofegante, meu coração quase pulando pela boca quando eu tomei coragem para pular do canto do quarto e ataca-lo com o abajur, mas parando exatamente onde estava quando ouvi:

— Maeve, sou eu!

Era Leon, agora com as mãos arqueadas, pronto para se defender do golpe que tomaria caso meus reflexos não fossem rápidos o suficiente para parar o movimento no ar assim que reconheci sua voz.

— Leon? — Larguei o abajur no chão. — *O que você pensa que tá fazendo?!*

— Vim ver se você estava bem — ele soprou,

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximando-se.

Arqueei a sobrancelha.

— Escalando a janela dos outros quando se tem a porra de um assassino solto na cidade?

Ele suspirou.

— Fiquei sabendo do Liam.

— Ficou sabendo, *huh?* — Meu tom tinha um quê sarcástico que o fez franzir o cenho e ficar um silêncio durante um breve momento.

Então ele bufou, e deu um passo à frente.

— Você tá falando sério, Maeve? Acha mesmo que eu tive alguma coisa a ver com isso?

Eu apertei meus lábios, em silêncio, o que fez com que uma risada desacreditada saísse dos seus lábios.

— Inacreditável.

Então ele girou nos calcanhares, andando de um lado ao outro no quarto, irritado. As mãos seguravam os cabelos com força.

— Você era o único que sabia o que Liam e eu estávamos fazendo — expliquei.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é tão ingênua, Maeve. Acha mesmo que em uma cidade tão pequena quanto Mainport, ninguém — fez uma pausa —, repito *ninguém*, desconfiou da sua súbita aproximação com o Liam depois da morte da Violet?

Fiquei em silêncio, sentindo a exaustão aos poucos me consumir.

Estava cansada de desconfiar de tudo e de todos. Estava emocionalmente *exausta* de tudo que vinha acontecendo desde aquela maldita festa de volta às aulas. Minha mente parecia querer colocar a culpa o tempo todo em alguém porque, honestamente, seria muito mais fácil saber em quem eu devia ou não confiar.

— Você *precisa* acreditar em mim, Eve — ele sussurrou.

As pontas dos seus dedos tocando de leve meus braços assim que ele se aproximou, a voz calma e preocupada rapidamente fazendo com que um nó se formasse em minha garganta.

Eu senti meus olhos marejarem. A imagem de Leon à minha frente rapidamente se borrando quando as lágrimas tomaram conta da minha visão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu acreditava nele.

Queria acreditar nele.

Precisava acreditar nele.

Porque naquele momento, tudo que eu mais precisava era de Leon. Das suas carícias, do seu abraço, e das suas palavras consoladoras dizendo que tudo ficaria bem, por mais que eu não acreditasse mais nelas. E, se eu continuasse com aquela teimosia, tentando encaixa-lo em todos os acontecimentos suspeitos daquela cidade, eu não o teria ao meu lado para desmoronar em seus braços.

Portanto, acreditei.

Acreditei que ele não tinha relação nenhuma com nada daquilo. Que tudo era uma maldita coincidência e que nenhum dos fatos levava a ele.

E, envolvida por um abraço apertado e confortador, chorei.

Chorei. A. Porra. Da. Noite. Inteira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre me perguntei quem seria o primeiro da minha família a morrer.

Seria meu pai ou minha mãe?

Nunca havia apostado em Dillon ou em mim, porque é claro que o ser humano, otimista como é, nunca imagina que algo de ruim possa acontecer com ele até que algo, de fato, aconteça.

Confirmei isso durante três momentos da minha vida:

O primeiro foi durante meu primeiro ano no ensino fundamental, quando um colega de classe que lutava contra o câncer veio a falecer antes mesmo de completar seis anos de idade.

Depois veio Violet.

E, logo em seguida, Liam.

Vendo a morte aos poucos se aproximar de mim, eu me perguntava se minha vez estava próxima, a julgar pelo fato de alguém aparentar estar caçando o meu círculo mais próximo de amigos propositalmente.

PERIGOSAS ACHERON

Ou talvez o próximo fosse Dillon. Ou Nathan. Luna?

Quem sabe até mesmo a Andy, já que agora ela parecia um alvo fácil após a morte do seu namorado.

— Ela está dormindo. — Meus pensamentos foram interrompidos pela voz de Nate, que fechava a porta silenciosamente atrás de si.

Eu o encarei, de terno preto e olheiras profundas, parecendo tão conturbado quanto eu com tudo o que vinha acontecendo neste último mês em Mainport.

Nós havíamos saído há pouco mais de três horas do velório de Liam Johnson, e, como bons melhores amigos que éramos, optamos por passar o restante do dia na casa de Andy, tentando distraí-la de algo impossível de ser distraída.

Mas pelo menos tentamos, e agora estávamos deitados em seu sofá, derrotados e pensativos em relação a tudo que vinha acontecendo, enquanto Andy dormia no andar de cima pela primeira vez desde que descobrira da morte de Liam.

— Já parou pra pensar que todo ano você

passa pelo dia da sua morte? — Nathan quebrou o silêncio entre nós, de repente, os olhos castanhos observando-me de soslaio enquanto ele continuava jogado no sofá, com minhas pernas em cima dele.

Eu franzi o cenho.

— Não sei se quero parar pra pensar nisso.

Ele ficou em silêncio por um segundo, antes de prosseguir:

— Você acha que Liam sabia que ele seria o próximo a morrer?

— Não sei, Nathan — murmurei. — Não estou a fim de pensar em morte agora.

Então ele suspirou, calando-se em seguida.

Mas agora minha mente já voltara a funcionar a mil por hora. O que significava que, mesmo sem querer, eu estava procurando por alternativas e explicações que me ajudassem a desvendar quem estava por trás daquelas mortes e *por quê?*

Soltei um suspiro alto, sentando-me no sofá para encarar meu amigo.

— Liam e eu estávamos tentando descobrir o que aconteceu com Violet no dia da festa da Luna.

Nós passamos na delegacia para ver os documentos sobre o crime e Liam aparentemente tinha algumas suspeitas em mente — expliquei e, sentindo meu corpo clamar por um cigarro, puxei uma unidade do maço antes de coloca-la entre meus lábios. — E aí ele morreu, muito provavelmente porque estava se metendo onde não devia. E agora estou no escuro de novo. Sozinha.

Nathan piscou ao meu lado, processando minha fala. Esticando-se para alcançar o copo d'água na mesa de centro, ele perguntou:

— Bem... E o que você está pensando em fazer agora?

Eu dei de ombros, acendendo o cigarro antes de tragar com vontade.

— A casa do Liam está fechada pra investigação — observei —, mas pensei em ir até o lago onde encontraram Violet e ver se a polícia deixou algo passar despercebido.

— Você não acha perigoso? — perguntou ele, dando um longo gole no líquido transparente antes de estender o copo na minha direção. Eu recusei com um balançar de cabeça e esperei que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

continuasse. — Quero dizer... Se Liam estava investigando e foi morto por conta disso, tudo indica que você será a próxima, se decidir continuar com isso, Eve.

— E que escolha eu tenho? Não posso abrir mão disso agora.

— Claro que pode, Maeve — ele disse, franzindo o cenho em minha direção. — Investigar estes crimes não é função sua e definitivamente não era do Liam também. Pare com isso antes que seja tarde demais.

Fiquei em silêncio por um momento, mas logo neguei com a cabeça, puxando o ar entre os dentes.

— Não posso.

Ele soltou um riso nasalar.

— Inacreditável, Eve. Você é *tão teimosa, porra* — ele resmungou, irritado. — Não está vendo que você está praticamente cavando a própria cova?

— Honestamente, Nate? Eu não me importo. Liam *morreu* por esse caso. Não posso simplesmente abandonar isso agora.

PERIGOSAS ACHERON

Ele continuou em silêncio por um longo momento, observando-me em um misto de indignação e frustração. E eu não o culpava por estar se sentindo assim. Sabia que Nathan estava preocupado com a minha segurança, mas eu jamais conseguiria me perdoar se decidisse abandonar aquela investigação depois de Liam Johnson ter perdido sua vida por isso, portanto não daria o braço a torcer e ele sabia disso.

Então ele suspirou, derrotado.

— Tudo bem. Então pelo menos deixe que eu vá com você até o lago.

Comprimi meus lábios.

— Não sei, Nate. Não gosto da ideia de você acabar como Liam por ter tentado me ajudar nisso.

— Bom, também não gosto da ideia de você dar uma Sherlock Holmes por aí, sozinha, sabendo que existe um assassino à solta. — Fez uma pausa. — Acho que nós dois teremos que nos contentar com algo que não gostamos, porque, sozinha, você não vai.

Suspirei.

E, sabendo que seria impossível convencê-lo

PERIGOSAS ACHERON

do contrário, me remexi no sofá para abraça-lo.

Sentia falta de Nate e da sua amizade.

Desde que as coisas começaram a virar ao avesso em Mainport, nós havíamos nos afastado bastante. Nathan estava mais recluso, mas eu não podia julgá-lo por isso. A verdade era que todos nós estávamos reclusos e conturbados pra cacete. Afinal, não é todo dia que seus colegas de sala aparecem mortos, de repente.

— Senti sua falta, caro Watson — soprei, e sorri quando o ouvi rir em meio aos meus cabelos.

— Também senti a sua, Sherlock Holmes.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

— O que você acha de fugirmos? Eu e você, pra longe dessa merda toda? — Sua voz rouca fez com que meus olhos se abrissem, preguiçosos.

Eu me remexi na cama, tirando minha cabeça do seu peito nu apenas para encarar os olhos esverdeados de Leon. Então eu ri, achando que ele estava brincando, mas sua feição continuou firme enquanto esperava por uma resposta.

— Você tá falando sério? — perguntei, finalmente, vendo-o dar de ombros.

— Eve, vai me dizer que você nunca pensou em sair de Mainport? — Fez uma pausa, e eu cogitei por um momento. — Ir para uma cidade maior... Onde você consiga fazer seu curso de perícia criminal, e não um curso de Direito só porque você *precisa* fazer algo na faculdade. Um lugar onde as pessoas não sabem da sua história e nem da sua vida. Sem fofocas, sem especulações...

— Sem assassinatos — completei, e ele soltou uma risadinha.

— Claro. Só... fugir — sussurrou,

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximando seu rosto do meu e pressionando gentilmente sua boca na minha, em um beijo doce. — Eu e você.

Eu sorri preguiçosamente contra seus lábios e me remexi nos lençóis apenas para me sentar e encarar ele, em uma tentativa de compreender se o que ele estava falando era sério. Minhas mãos trazendo o lençol comigo para cobrir meus seios.

— Gosto dessa ideia — eu disse, sincera. — Mas não sei, Leon. Parece loucura. E você nem sequer parece estar falando sério.

Ele mordeu os lábios e se sentou também, encostando as costas largas na cabeceira da cama antes de me puxar para ele.

— Claro que estou falando sério.

— Não sei...

— Nunca estive falando tão sério — ele assegurou mais uma vez, agora sem um vestígio sequer de que aquilo era uma brincadeira. — Amo você, Maeve. Sempre te amei. *E quero fugir com você, porra.*

Eu apertei meus lábios, sem saber o que lhe dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não estava preparada para dizer que o amava de volta. As coisas entre nós eram recentes demais e, a julgar pelo histórico do nosso relacionamento, não sabia até quando ficaríamos bem, como aparentávamos estar agora.

Então puxei o ar entre os dentes e, passeando meu indicador por seu peitoral enquanto sentia seus olhos grudados em mim, desviei o assunto:

— Sei o motivo de você ter perdido a bolsa na faculdade de Londres.

Os dedos de Leon pararam automaticamente com o cafuné após minha fala, e os músculos tensionaram. Ele piscou uma, duas, talvez três vezes antes que ele conseguisse balançar a cabeça e encontrar a voz em sua garganta para me responder.

— Sabe?

— Sei. Estava dentro dos arquivos que a polícia tem sobre você — expliquei. — Por que você não quis me contar?

Leon mordeu seu lábio com força.

— Você sabe o porquê.

Sim, eu sabia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leon havia perdido a bolsa da faculdade por espancar um aluno quase até a morte, da mesma forma que havia espancado Matthew quando ainda estávamos juntos, dois anos atrás. Na época, Leon não sabia controlar seu temperamento e, me ver conversando com um garoto com o qual ele não se dava muito bem, era demais pra ele.

Mas era demais para mim também.

Aquele foi o estopim para o nosso término. Nós éramos imaturos, Leon estava para se mudar para Londres e, honestamente, brigávamos muito mais do que nos amávamos.

Era cansativo. Eu estava completamente exausta.

E sua falta de controle com a raiva foi o estopim para que eu acabasse com tudo entre nós.

— Não quero que você pense que, depois de quase três anos, eu continuei sendo a mesma pessoa — ele explicou, em um sussurro. — Eu amadureci. Aprendi a controlar meu temperamento da forma como você havia me pedido. Quando voltei para Mainport, decidi que voltaria sendo a melhor versão de mim. E chegar aqui apenas para lhe dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que perdi minha bolsa pelo mesmo motivo que perdi minha namorada, jamais ajudaria a te passar a melhor impressão de mim.

Estremeci quando a ponta do seu polegar roçou em meu seio, mas Leon não parecia estar querendo começar mais uma rodada de sexo. Ao invés disso, ele apenas beijou o topo da minha cabeça, aconchegando ainda mais meu corpo ao seu.

— Sinto muito por ter ocultado tantas coisas de você, Eve.

— Tudo bem — sussurrei, acariciando sua pele distraidamente.

Nós ficamos em silêncio durante um longo período. Um silêncio tão confortável que meus olhos aos poucos começaram a se fechar, quase sendo tomada por um sono gostoso enquanto sentia as pontas dos dedos de Leon passearem por minha pele delicadamente.

Eu adorava tê-lo ali comigo e, honestamente, não me lembrava quando havia sido a última vez que eu estivera tão em paz em meio ao caos que se encontrava Mainport.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos sair — Leon sussurrou, despertando-me. — Sexta-feira, depois da aula.

Um bocejo tomou conta de mim, e eu me virei para encará-lo novamente.

— Não posso sexta — respondi preguiçosamente. — Marquei de ir com Nate até o lago que encontraram o corpo da Violet pra ver se não deixaram passar nada despercebido. Mas estou livre no sábado.

Seus olhos verdes piscaram algumas vezes.

— Não acredito que você ainda não desistiu disso.

Ótimo. Lá vamos nós mais uma vez.

— Leon... — gemi, nem um pouco a fim de discutir.

— Leon nada. Que droga, Eve — resmungou, obrigando-me a sentar novamente para me olhar nos olhos. — Pensei que tivesse entendido o recado, depois do que aconteceu com Liam. Deixe que a polícia faça o trabalho dela e não meta seu nariz onde não foi chamada. Isso não é um jogo de detetive.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu continuei em silêncio, esperando que ele prosseguisse seu surto.

— Além do mais, como você sabe que Nate não está envolvido nesses crimes? — ele continuou. — Como você pode ter tanta certeza que é seguro ir com ele para a parte menos habitada da cidade para investigar um caso que nem é seu?

— Eu confio nele, Leon.

— Bem, eu não.

— Sinto muito, Leon, mas você não vai me impedir de ir — eu disse. — Sabe disso, não sabe?

Seus ombros automaticamente se afundaram, derrotado.

— Seu pai sabe do que você está fazendo? — perguntou, os olhos semicerrados em minha direção.

Eu me inclinei para beijá-lo e, em uma tentativa de fazê-lo deixar aquilo de lado, subi em seu colo, pronta para mais uma rodada de muito sexo.

— Não sabe — sussurrei. — E não saberá. Agora cala a boca e vamos transar, que tal?

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei, Eve...

— Eu vou por cima, dessa vez — sugeri, e rapidamente acrescentei assim que o vi reconsiderar a ideia: — E depois de quatro.

— Você é muito persuasiva, Maeve Miller — ele quase rosnou, fincando suas unhas na minha cintura quando eu me mexi lentamente em cima dele. — Mas esse assunto ainda não acabou.

Eu soltei um riso rouco.

— Eu sei.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Mensagem de Maeve Miller, às 18h06.

“Você está atrasado faz mais de vinte minutos,
Nathan.
Vamos antes que chova.”

Olhando para o céu repleto de nuvens escuras e carregadas, suspirei. Eu estava esperando Nathan na saída da universidade há pouco mais de vinte minutos para que pudéssemos ir até o local onde o corpo de Violet havia sido encontrado, quando meus olhos se estreitaram na direção de alguém.

— Leon? O que você...

— Você não pode ir com ele — ele me interrompeu, as palavras saindo da sua boca rapidamente, os olhos arregalados.

Tentei conter um suspiro.

— Leon...

— Estou falando sério, Eve. Nathan é o assassino.

— O quê? — Imediatamente senti vontade de rir. — Quer parar com isso, Leon? Você parece uma criança inventando desculpa.

— Cacete, Maeve — ele bufou, com raiva, e então me segurou pelos braços, forçando-me a olha-lo nos olhos. — Você pode acreditar ao menos *uma vez* em mim? Estou te implorando, Eve. Não vá.

Eu apertei os lábios, sem saber o que dizer ou como reagir àquilo. A verdade era que Leon já havia dado surtos parecidos com aquele quando namorávamos, e eu honestamente duvidava muito que aquele surto de ciúmes fosse diferente.

— Está bem — suspirei e, olhando diretamente em seus olhos, levantei o queixo de um jeito arrogante e disse: — Me dê um motivo para acreditar que Nate é o assassino, e eu fico.

— *Um?*

Ele soltou uma risada sem humor e então grudou seus olhos nos meus antes de sussurrar:

— Eu te dou *seis*.

— Maeve? — ouvi a voz de Nathan atrás de nós, e minha atenção rapidamente voltou ao meu

PERIGOSAS ACHERON

melhor amigo, que intercalava seus olhos entre Leon e eu, confuso. — Tudo bem aí? Podemos ir?

Então voltei a observar Leon, que balançava sua cabeça de um lado ao outro, pedindo silenciosamente para que eu não fosse, e dei um passo para trás.

— A gente conversa quando eu voltar, pode ser? — eu disse, tentando manter um tom dócil, e depusitei um beijo estalado em seus lábios comprimidos. — Preciso ir antes que a chuva comece.

— Eve...

Ignorei.

Girando nos calcanhares, deixei Leon para trás e acompanhei meu melhor amigo até o carro. O céu era um cinza tão escuro que eu senti uma leve hesitação quando pensei na chuva que estava por vir, mas mesmo assim escorreguei para o banco do passageiro e conectei meu *bluetooth* no carro para colocar a playlist que Nate e eu havíamos criado juntos.

— Está preparado para a investigação mais bem-sucedida da história, caro Watson? —

perguntei, cutucando-o com o ombro.

Nate sorriu de leve, os olhos focados nas ruas escuras da cidade enquanto nos dirigíamos para a parte menos habitada.

— Você está positiva hoje, *huh*?

— Se eu não estiver determinada a encontrar algo hoje, quem estará, não é mesmo?

Nate ponderou sobre aquilo em silêncio, mas não disse nada, e eu logo aumentei o som do carro para cantarolar as músicas do Arctic Monkeys que chegavam dançando aos meus ouvidos.

Nós ficamos em silêncio pelo resto do trajeto, as imagens das árvores passando ao lado de fora da janela como vultos rápidos, à medida que adentrávamos mais e mais as florestas de Mainport, em direção ao lago.

Não havia mais casas naquela parte da cidade. Mainport ainda era uma cidade muito pequena para que precisassem desmatar aquela área, portanto o movimento por ali era quase nulo. E quem quer que tenha matado Violet, sabia disso. Sabia que não teria ninguém por ali para o flagrar jogando um corpo sem vida em um lago.

Eu suspirei, inquieta, olhando para o céu quando uma gota de chuva escorreu pela janela do carro, seguida de outra e outra. Nathan não pareceu se importar ao meu lado. Ao invés disso, seus dedos foram até a rádio do carro para diminuir o som e iniciar uma conversa:

— Então... quer dizer que Leon acha que tive algo a ver com a morte da Violet?

Eu soltei um riso nasalar.

— Inacreditável, né?

Nate não respondeu, apenas riu e balançou a cabeça negativamente, desacreditado.

O silêncio pairou entre nós novamente, longo e pesado, mas eu não voltei a aumentar o som. Apenas continuei ali, afundada em pensamentos, enquanto Nathan mantinha sua atenção na estrada.

— Como foi que ele disse? — ele perguntou, de repente. — Que tinha quantos motivos pra você desconfiar de mim?

— Seis.

— *Seis?*

Eu assenti e, olhando de soslaio para meu

amigo, notei a mandíbula cerrada e o corpo rígido, parecendo uma estátua.

Nathan suspirou, cansado.

— Sabe, sinto falta dela, Eve. — Fez uma pausa, esperando que eu respondesse, mas eu não o fiz. Algo na voz de Nate me deixou inquieta. — Eu realmente gostava muito dela. Apesar das frescuras e seu jeito esnobe, ela era uma garota muito especial para mim. Você sabe, não sabe?

Eu assenti com a cabeça, tentando entender onde ele queria chegar com aquilo. Desde que Violet foi encontrada morta, Nathan nunca sequer tentou conversar ou desabafar comigo sobre o assunto, e agora ali estava ele, admitindo coisas que ele jamais havia admitido antes.

— Mas na festa da Luna — continuou ele — descobri um lado da Violet que eu não conhecia. — Seus olhos escuros encontraram os meus por um breve momento, antes de volta-los ao percurso. — Você sabia que Leon e ela tiveram um caso de dois anos? Sabia que ela estava me usando só pra fazer ciúmes nele?

— Eu não...

— Talvez este seja o primeiro motivo pelo qual... — Ele comprimiu os lábios, se impedindo de continuar. Os nós dos dedos brancos enquanto ele segurava o volante com força.

— Pelo qual, o quê, Nathan? — o incentivei a continuar, temendo as suas próximas palavras.

— Pelo qual eu a matei.

Automaticamente, prendi a respiração.

O que quer que eu esperasse ouvir, não era isso. E agora meu coração parecia querer pular pela boca enquanto eu revivia as últimas palavras de Leon na minha mente, odiando-me por não ter o escutado.

Senti meu rosto ficar quente, e o ar fugir dos meus pulmões. Suas palavras rondando minha mente inúmeras vezes à medida que eu tentava processá-las.

Aquilo não podia ser verdade, Nathan não podia ser um assassino.

Pensei nos momentos em que ele me consolou depois da morte de Violet. Ou nos momentos em que ele esteve sozinho no quarto de Andy, apoiando naquele momento de luto, *sabendo* que

PERIGOSAS ACHERON

um dia antes havia matado Liam.

— Você sabe qual é o segundo motivo para Leon pensar que eu sou o assassino, Eve?

— Não — falei, a voz tremendo, em um misto de raiva e medo.

Nathan balançou a cabeça, desapontado.

— Honestamente, pensei que você fosse mais esperta. Pensei que você fosse notar o pânico nos meus olhos ou o sangue nas minhas calças quando fui te pedir as chaves do meu carro na festa da Luna, mas não. — Ele fez uma pausa, seus olhos brilhando, cheios de uma energia reprimida. — Você estava ocupada demais preocupada com Leon, para perceber que seu melhor amigo havia acabado de matar alguém.

Fiquei em silêncio.

— Incriminar Leon também não foi difícil, a julgar pela história dele com Violet. Eu estava com *tanta* raiva dele, que nem sequer pensei duas vezes quando pedi para que *ele* a levasse para casa, mesmo sabendo que isso jamais aconteceria, já que ela estaria morta no porta-malas do meu carro. — A boca de Nathan se curvou para baixo, os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

grudados no caminho quando ele virou em um estreito caminho de terra, passando por entre as árvores altas e fechadas. — Depois fui para o lago onde eu sabia que você e Leon tinham história e joguei o corpo dela lá. E, incrivelmente, você fez o resto do meu trabalho. Acho que a sorte estava ao meu favor, *huh?*

Cerrei os dentes, sentindo meu estômago se revirar, sem acreditar que havia caído direitinho no seu esquema.

— Depois disso, eu segui minha vida normalmente, agora com o medo de ser pego a qualquer momento. As coisas estavam indo bem, até você e Liam decidirem meter o nariz onde não foram chamados. E *é claro* que seu namorado perfeito também começaria a fazer questionamentos. — Solto uma risada, balançando a cabeça negativamente. — Hoje ele veio falar comigo, acredita? Conversar sobre como eu estava me sentindo com as mortes que vinham acontecendo. Eu dei uma escorregada, merda. Disse que não queria falar sobre aquilo e que ele me deixasse fora disso. Acho que foi assim que ele acabou ligando os pontos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nathan balançou a cabeça com firmeza, a rosto cada vez mais vermelho.

A chuva grossa caindo com força contra o vidro do carro.

— A verdade, Maeve, é que a morte da Violet foi um acidente. Mas quando eu vi, eu já estava envolvido demais naquela merda toda. Não tinha mais volta. Ela não tinha mais um futuro, mas eu sim. Não poderia passar o restante da minha vida preso por ter acabado acidentalmente com a vida de alguém. E, foi então que eu decidi que faria de tudo para não descobrirem. — Não havia remorso algum na voz de Nathan. Ele não soava arrependido ou assustado, e não parecia se culpar pelo que havia feito. — E foi o que eu fiz. Quando você e Liam se aproximaram, tive certeza de que haviam começado a investigar o caso, estava óbvio que eu não demoraria a ser descoberto. Liam já vinha me observando há um bom tempo, fazendo perguntas falsamente inocentes, e eu *sabia* que estava na lista de suspeitos dele. Então eu precisei tomar uma atitude.

— Meu Deus, Nate — sussurrei, olhando para ele com nojo e pena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava horrorizada. Horrorizada e enojada ao perceber que ele genuinamente acreditava ter feito a coisa certa, matando Liam para proteger o próprio traseiro.

— Merda, Maeve, pensei que matar ele seria o suficiente para que você recuasse. Mas é claro que não foi. Nada nunca te fez desistir de uma causa. Nem mesmo a porra da morte de um dos seus amigos.

— Você é um filho da puta, Nathan — cuspi as palavras, sentindo lágrimas se acumularem em meus olhos.

Ele balançou a cabeça negativamente, suas mãos tensionando novamente.

Meu Deus, o que eu estava fazendo ali?

Nathan era um mentiroso.

Nathan era um assassino.

Nathan estava confessando a porra de um crime.

Um não, *dois*.

E isso só poderia significar uma coisa:

Eu não sairia viva dali.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele instante, senti vontade de vomitar.

— E não é que o babaca do seu namorado tinha razão? — Seus olhos encontraram os meus, e por trás da raiva, vi uma tristeza profunda. — Realmente são seis motivos. Porque, assim como o Liam, o último motivo, Maeve... O último motivo é *você*.

Corra.

Minha mente praticamente gritou.

Ele. Vai. Te. Matar.

Saia já daí, Maeve.

E foi o que eu fiz.

Sem pensar na queda, abri a porta do carro e me joguei antes que Nathan pudesse me segurar. Meus joelhos doendo graças ao atrito com o solo, a chuva caindo com tudo contra a minha pele e o mundo parecendo girar sob meus pés quando me levantei apenas a tempo de vê-lo frear o carro com tudo e abrir a porta.

Então eu corri. Erraticamente por entre às árvores, corri porque minha vida dependia disso.

E quase vomitei quando virei apenas para vê-

PERIGOSAS NACIONAIS

lo correndo atrás de mim.

As lágrimas aos poucos misturando-se com a chuva grossa, minha respiração pesada chegando abafada em meus ouvidos.

Gritei.

Uma sensação horrível subindo pela minha garganta.

E quanto mais para o interior da floresta eu corria, mais árvores apareciam no meu caminho. Meus pés estavam praticamente se atropelando, minha respiração entrecortada fazia com que um ponto específico em minha barriga doesse.

Corra. Mais. Rápido. Maeve.

Foi o que eu fiz.

Por entre a floresta terrivelmente escura de Mainport, eu continuei correndo. Dessa vez sem olhar para trás. O vento gelado atingindo meu rosto doía e, por mais tentada que estivesse a me esconder atrás de uma árvore qualquer para descansar, não parei de correr. Eu não poderia arriscar, não poderia correr o risco de ser encontrada.

PERIGOSAS ACHERON

Galhos açoitavam meu rosto e o barulho dos meus passos contra as folhas era levemente abafado pelo som da chuva grossa que caía com força. Mainport estava tomada pela escuridão, o que dificultava ainda mais a minha busca por ajuda enquanto eu corria desesperadamente em uma direção que eu não tinha a mínima ideia de qual era.

— *Socorro!* — gritei, rezando para que alguém me escutasse.

Eu já não ouvia mais os passos pesados atrás de mim, mas sabia que não estava segura. Sabia que estes mesmos passos estavam cada vez mais próximos, com uma determinação selvagem, trazendo consigo a minha morte.

Eu sabia o que estava por vir.

Sabia que as chances de que eu saísse viva daquela floresta eram mínimas, mas aquilo não me impediu tentar.

Eu não queria morrer.

Não *podia* morrer.

Tentei correr ainda mais rápido, mas sentia que a qualquer momento minhas pernas cederiam

PERIGOSAS ACHERON

em exaustão. Minha boca estava seca, meu estômago deu uma cambalhota e eu senti a ânsia subir à garganta enquanto me esquivava às cegas por entre as árvores, em uma tentativa falha de me localizar.

A floresta era como um enorme labirinto e eu não tinha a mínima ideia de onde estava e para onde meus pés me levariam. Tudo o que eu sabia era que precisava fugir.

Fuja, Maeve.

Minha mente gritou mais uma vez, e eu não tive tempo de respondê-la com uma resposta mal-educada. Eu estava tentando. Eu estava fugindo.

Mas, em um piscar de olhos, eu estava no chão.

Os passos atrás de mim rapidamente tornando-se mais audíveis.

Tudo doía. A ardência em diversas partes do meu corpo fez com que eu gemesse involuntariamente. Minhas mãos, agora manchadas de sangue, pareciam afundar cada vez mais na lama enquanto eu tentava desesperadamente voltar a me colocar de pé para correr. Minhas pernas tremiam,

PERIGOSAS NACIONAIS

exaustas, e meu estômago estava prestes a colocar tudo para fora.

Estatelada no chão, comecei a me rastejar em direção à árvore mais próxima que meus olhos captaram em meio às lágrimas e à chuva grossa. Minha respiração estava rápida e desconforme, e eu sentia o restante de minhas forças aos poucos se esvaírem por meu corpo, prestes a desistir.

O som dos passos pesados chocando-se contra a terra molhada cada vez mais alto.

O tempo que eu tinha cada vez mais limitado.

Senti quando fui pega por trás de repente, sendo puxada para cima com brutalidade. Sua mão cobria minha boca impiedosamente enquanto eu lutava para me libertar. Para sobreviver. A respiração ofegante próxima demais de mim, seu outro braço segurando-me com firmeza contra seu corpo, parecendo não ter dificuldade alguma em me manter presa ali enquanto eu desferia chutes e me sacudia em uma tentativa completamente falha de me soltar.

Era o meu fim.

Em poucos minutos eu estaria morta.

PERIGOSAS ACHERON

Assim como Violet Wright.

O tempo que eu tinha se esgotando a cada *tic-tac* do relógio.

Tic.

Tac.

Tic.

Tac.

Tic.

Tac.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

NATHAN DAVIES

A festa de volta às aulas já estava a todo o vapor quando meus olhos encontraram Maeve em meio ao monte de jovens. Eu acenei, esperando que ela me visse, mas passei despercebido.

— Eve! — gritei seu nome em meio à música ensurdecadora que fazia com que o chão tremesse sob meus pés. — Eve!!!!

Ela olhou ao redor e sorriu quando me encontrou acenando.

— Por favor, não me diga que você já está bêbado — Maeve disse, assim que me alcançou, e puxou uma garrafa de vodka da mesa para se servir com um pouco.

Eu soltei uma gargalhada, porque adorava aquele lado protetor dela – e, talvez, porque de fato estava bêbado –, e então dei de ombros. Maeve não demorou a estreitar os olhos em minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não — menti.

— Você está de carro?

Não respondi.

Não respondi porque sabia que, como sempre, ela roubaria a porra das minhas chaves até que eu ficasse sóbrio.

Mas aquilo foi o suficiente para que ela estendesse a palma da mão na minha direção, em um pedido silencioso para que eu lhe desse o molho de chaves, e meus ombros logo afundaram.

— Ah qual é, Eve? — reclamei, jogando a cabeça para trás. — Eu não teria como levar uma multa ou ser preso nem se quisesse. Você sabe que Mainport não tem esse tipo de vigilância.

— Isso não significa que você não pode sofrer um acidente — pontuou. — Vamos. Me dê logo essas chaves. No fim da noite, quando estiver sóbrio, eu as devolvo.

Revirei os olhos.

Sabia que seria inútil discutir, porque já tentara aquele método nas últimas vezes em que havíamos enchido a cara juntos, e então enfiei a

PERIGOSAS ACHERON

mão no bolso da calça para lhe entregar a maldita chave.

— Bom garoto. — Ela sorriu, moleca, e bagunçou meus cabelos como se eu fosse um cachorro.

Automaticamente fiz uma careta, pronto para manda-la à merda quando fui interrompido:

— Nate, finalmente te achei! — Era Violet, vindo em minha direção glamorosamente em seu vestido vinho. — Te procurei por todos os cantos. Luna reservou um dos quartos para... — E então ela parou de falar ali mesmo, assim que notou a presença da minha melhor amiga. — *Maeve*.

Maeve sorriu, irônica, e eu precisei apertar meus lábios para não deixar um sorriso escapar.

Eu ainda não havia conversado com Maeve sobre Violet e sabia que ela estava tão confusa quanto o resto das pessoas pareciam ficar sempre que mostrávamos qualquer tipo de afeto em público, mas a verdade era que havia uma linha muito tênue entre o ódio e o amor, e nós definitivamente descobrimos aquilo durante nossa viagem, alguns dias atrás.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Violet — Maeve a cumprimentou, sem emoção em sua voz.

Violet respirou fundo e intercalou seus olhos entre minha melhor amiga e eu.

— Leon está te procurando — disse, praticamente expulsando Maeve dali.

Minha amiga voltou suas íris até mim, e eu abri um sorriso, balançando a cabeça em um incentivo para que ela nos deixasse a sós. E vi rapidamente quando ela revirou seus olhos, girando nos calcanhares para desaparecer entre a multidão.

Violet sorriu, satisfeita.

— Você precisa pegar leve com ela — eu adverti, segurando sua cintura quando a garota envolveu seus braços ao redor do meu pescoço, me beijando lentamente.

— E você precisa me fazer gozar, agora. — Ela sorriu maliciosa, e apontou com a cabeça para a escada. — Vamos lá para cima.

Abri um sorriso, deixando um selinho em seus lábios vermelhos.

— Que tal irmos lá fora? Fugir um pouco do

PERIGOSAS ACHERON

normal. A gente transa na cama sempre.

— Lá fora? No mato? — Violet fez uma careta que rapidamente me fez rir.

— Vai se divertido — garanti. — Com um pouco de emoção, tudo fica mais gostoso.

— Não sei, Nate...

Suspirei.

— Por favor?

Então Violet comprimiu os lábios antes de ceder, puxando-me para fora da festa em direção à floresta que cercava a casa de Luna.

Nós não fomos muito longe. Apenas o suficiente para que ninguém pudesse nos ver trepando entre as árvores. Eu a encostei na parede e logo coleí minha boca à sua.

Violet tinha gosto de cereja.

Um gosto extremamente viciante.

Seu corpo também era perfeito. Uma bunda de matar, seios na medida certa. E, com aquele vestido vinho, ela estava ainda mais gostosa que o normal.

Não demorei para descer meus beijos em

direção ao seu maxilar, e logo em seguida seu pescoço. Meus dedos já escorregavam pela calcinha rendada, louco para descê-la pelas pernas da garota e entrar dentro dela.

Mas então algo aconteceu e eu travei exatamente onde estava ao ouvir o nome “Leon” escapar dos seus lábios rosados.

Minha pulsação acelerou e, em uma fração de segundo, eu já havia me afastado para olhá-la nos olhos.

— Leon? — perguntei, vendo-a abrir e fechar a boca enquanto procurava por uma desculpa para aquilo. — Que porra é essa, Violet?

Eu sabia que os dois haviam tido um caso. Violet havia me contado sobre isso enquanto estávamos na cabana. E embora ela houvesse me prometido que já havia superado ele por completo, agora eu não conseguia ter mais certeza daquilo.

Ela não disse nada. Apenas continuou em silêncio, porque a verdade era que ela não tinha nada para dizer.

Eu ri, descrente.

— Inacreditável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer parar com o drama, Nate?

— *Drama?* Quando o cara que você ama chamar pelo nome de outra mulher, nós conversamos, que tal?

— Bem, não é como se ele não chamasse — ela disse, referindo-se a Leon e Maeve.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Você está de sacanagem?

— Eu? — Ela apontou seu dedo indicador para o próprio peito. — Claro que não. Só pensei que estivéssemos na mesma página.

Encarando-a, magoado, passei a língua pelos lábios.

— Eu também pensei.

— Qual foi, Nate? Vai bancar o apaixonado agora? — Ela começou a falar, assim que me virei para voltar à festa. — Você sabe que sempre foi só sexo.

— Claro, esqueci que você era uma vadia — murmurei sem me virar.

— Uma *o quê?! —* ela gritou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma *vadia* — repeti, irritado, encarando-a novamente. — Quer que eu soletre, porra?

— Vai se foder, Nathan — ela rugiu e eu lancei o dedo do meio antes de girar nos calcanhares em direção à festa, sentindo a raiva aos poucos aflorar em meu peito.

Mas fui impedido quando recebi um empurrão de Violet que me fez cambalear e, sem pensar com clareza, me virei apenas para empurrá-la de volta com força.

E então algo aconteceu.

Um barulho aflitivo chegou aos meus ouvidos e, em um piscar de olhos, Violet estava ao chão, completamente imóvel.

Meu coração automaticamente disparou, e eu senti o ar fugir dos meus pulmões.

— Merda Violet, não queria te empurrar — resmunguei, aproximando-me para ajuda-la. — Sinto muito.

Um ruído choroso e incompreensível escapou dos seus lábios e eu soltei um suspiro.

— Vamos, deixe eu te ajudar — disse, mas ela

PERIGOSAS ACHERON

não se moveu. — Quer parar com isso, por favor?

Silêncio.

A garota continuou completamente estática ao chão e, quando uma quantidade assustadora de sangue começou a se formar ao redor de sua cabeça, eu entrei em desespero.

— Merda, merda, merda — soprei, agachando-me automaticamente ao seu lado para ajuda-la, mas seus olhos já estavam vazios, as duas pupilas totalmente dilatadas. — Violet?

Eu a balancei, mas ela continuou completamente imóvel.

Meu coração, de repente, disparou com muita força dentro do peito.

— Violet? — soprei. — Violet.

Lágrimas enevoaram meus olhos e eu senti meu coração querendo pular pela boca enquanto encarava o corpo da garota, sem saber o que fazer.

Eu não conseguia raciocinar direito. Um misto de emoções e lembranças se formavam dentro de mim, à medida que os segundos se passavam.

Tentei checar sua pulsação, mas não encontrei

nada.

Nada.

Meu Deus.

Eu havia acabado de matar alguém.

Eu havia acabado de matar *Violet Wright*.

E me imaginar o resto da minha vida em uma prisão por conta de um terrível acidente que resultou em uma morte, fez meu estômago dar um giro de trezentos e sessenta graus.

Eu ainda tinha um futuro, ela não mais.

Este era o único pensamento que me vinha à cabeça naquele momento.

E, me colocando de pé novamente, voltei às pressas até a festa, à procura de Maeve, para que ela pudesse me entregar as malditas chaves do carro.

Eu não poderia deixar Violet lá. Seria apenas questão de tempo até que descobrissem a verdade.

Portanto meus olhos varreram o grande salão à procura de Maeve, as pessoas parecendo um pouco mais tumultuadas que o normal. Procurei por todos os cantos do primeiro andar, sentindo o pânico aos

poucos aumentar em meu peito.

Eu precisava tirar o corpo de Violet dali o quanto antes, porra.

Merda, Maeve, onde estava você?

— Maeve, finalmente te encontrei! — exclamei, assim que trombei com a garota. — Meu pai está enchendo o saco para que eu vá pra casa. Você sabe, as coisas entre nós andam meio complicadas — disse, estendendo o celular em sua direção, torcendo para que ela não percebesse que aquela mensagem era de dias atrás.

— Você viu o Leon? — ela perguntou, afastando o celular do seu rosto.

Eu pisquei algumas vezes, sem saber o que dizer e então suspirei cansado.

— Não. Não vi ele — murmurei, tentando não transparecer irritação apenas com a menção do seu nome. — Enfim, eu preciso das chaves do meu carro. Meu pai está enchendo a porra do meu saco. Além do mais, você viu a Violet por aí? Estou procurando ela há um bom tempo, mas não a encontro em lugar nenhum.

As palavras saíram da minha boca antes que
PERIGOSAS ACHERON

eu pudesse sequer processar o que estava dizendo.

É claro que eu sabia onde ela estava.

Morta.

Há poucos metros de nós.

E em breve seu corpo estaria no meu portamalas. Mas eu precisava de um álibi, e aquilo foi o melhor que consegui.

Maeve pareceu ignorar completamente tudo que eu havia dito, mais preocupada com o filho da puta do Leon do que com qualquer outra coisa, e então me estendeu a chave do carro, antes de se despedir com um beijo rápido na minha bochecha.

Minhas mãos, no entanto, seguraram seu pulso em seguida, forçando-a a me encarar.

— Você pode pedir para o Leon levar a Violet para casa? Por favor? Combinei de dar carona para ela, mas não consigo encontrá-la de jeito nenhum e não posso esperar mais. Meu pai está quase vindo até aqui para me arrastar pelos cabelos.

Ela apenas assentiu com a cabeça e, pela segunda vez em um intervalo de trinta segundos, senti um gosto ácido na minha boca quando girei

PERIGOSAS NACIONAIS

nos calcanhares em direção à saída da festa, pronto para me livrar da porra de um corpo sem vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Maeve! *Shhhh!!!! Sou eu, porra.*

Sua mão ainda apertava minha boca com força e seu outro braço me segurava pela cintura, puxando-me para trás de um grande pinheiro, esmagando-nos sob o abrigo dos seus galhos, quando eu reconheci a voz de Leon.

Eu estava presa, de costas para ele. Seu tronco grudado no meu descia e subia com força, a respiração ofegante chocando-se contra o meu ouvido. As lágrimas em meus olhos borravam a minha visão, e eu ainda tentava processar a informação de que Leon estava de fato ali.

— Pensou mesmo que iria te deixar sozinha com ele? Liguei para o seu irmão — ele sussurrou em meu ouvido. — A polícia chegará em breve, nós só precisamos...

— *Maeve* — um cantarolar vindo de algum canto entre as árvores calou Leon, causando automaticamente um frio na minha espinha. — Sinto muito, Eve. Amo você, mas você é esperta

demaís, querida. Não posso ir para cadeia por você ter decidido meter seu nariz onde não devia.

Fechei meus olhos, sem conseguir acreditar que aquilo realmente estava acontecendo, as lágrimas fugindo dos meus olhos sem minha permissão.

Leon me virou para ele e passou a mão pelo meu rosto molhado, secando-o.

— Precisamos ir para o meu carro — sussurrou. — Ele não está tão longe daqui.

— Não — eu disse, de imediato, segurando-o pela blusa quando ele ousou se mover para procurar por Nathan. — Vamos esperar a polícia chegar. Não podemos deixar ele fugir, Leon.

— Ficou maluca?! — ele praticamente rugiu. — Foda-se ele, Maeve. Preciso te tirar daqui *agora*, porra.

— *Leon* — ouvimos a voz de Nathan, agora mais próxima de nós. O som dos seus passos esmagando as folhas lentamente, a chuva forte chocando-se contra nossas peles. — Eu imaginei que viria também.

— Você está em desvantagem, Nathan —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leon aumentou o tom de voz para que ele pudesse ouvir. — Somos eu e Maeve contra você.

Uma risada sem humor chegou aos meus ouvidos, meu coração batendo forte contra o peito quando senti sua presença mais próxima de onde estávamos.

— E mesmo assim, consigo sentir o medo de vocês daqui.

— O que está fazendo? — sussurrei para Leon, quando ele puxou seu celular, procurando pelo contato de Dillon.

— *Merda* — ele praguejou baixinho. — Estou sem sinal.

Apertei meus lábios, começando a imaginar que não sairíamos vivos dali tão cedo e, curvando meu corpo lentamente para fora do tronco da árvore, vi a silhueta de Nathan a pouquíssimos metros de nós.

Ele estava de costas, procurando-nos atentamente por entre as árvores, e meus olhos rapidamente foram atraídos para um objeto prateado em suas mãos que me fez arfar, chamando sua atenção.

PERIGOSAS ACHERON

Seus passos agora vinham em nossa direção.

Claramente havíamos sido descobertos.

Meu coração quase saindo pela boca quando meus olhos tomados pelo pânico encontraram os de Leon, meus pulmões lutando por ar, e as imagens passando em câmera lenta diante de mim quando Coleman saiu de trás do maldito pinheiro para avançar em Nathan, pegando-o de surpresa.

Nate cambaleou um passo para trás, quase perdendo o equilíbrio, e Leon aproveitou a brecha para partir pra cima dele, os punhos cerrados com tanta força que era possível ver as veias saltando sob a sua pele. Nathan ergueu o braço em um reflexo para desviar de um golpe e, quando eu vi, os dois já estavam quase se matando a porradas.

Então algo aconteceu.

Antes que eu pudesse processar, a arma que Nathan tinha em mãos voou para longe.

Vamos, Maeve, essa é sua oportunidade.

Minha mente gritou, e eu não demorei mais que dois minutos para processar quais seriam meus próximos passos. Desviando meus olhos daquele amontoado de socos e chutes, eu corri em direção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao objeto prateado, rapidamente ouvindo uma movimentação atrás de mim.

Fui jogada ao chão.

Agora Nathan estava em cima de mim, me impedindo de alcançar a arma. Seu corpo pesado sob o meu enquanto eu me contorcia para sair debaixo dele, desesperada, mas Nate sequer pareceu se esforçar ao me virar no chão para encontrar seus olhos, sua mão agarrando meu pescoço com força.

E à medida que tentava freneticamente me livrar daquele aperto, mais os nós de seus dedos afundavam em minha pele, bloqueando minhas vias aéreas e borrando completamente minha visão.

Tentei lutar por ar quando manchas pretas surgiram diante dos meus olhos, um chiado de socorro subindo pela minha garganta. Minhas mãos agarravam as dele, tentando tirá-las dali, completamente inúteis.

Seus olhos estavam vidrados nos meus, os dentes cerrados, a respiração pesada.

Naquele momento, percebi o quanto ele estava determinado a me matar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele iria até o fim, eu não tinha dúvidas disso.

Mas então algo se jogou contra o corpo de Nate, tirando-o de cima de mim e permitindo que eu finalmente pudesse respirar, mesmo que com dificuldade.

Olhei para o céu, zozza, vendo os pingos de chuvas caírem sob nós com força, a dor em meus pulmões era insuportável. E a força aos poucos se esvaindo do meu corpo me impedia de tentar ajudar Leon de alguma forma, enquanto ele voltara a cair na porrada com Nate.

Minha respiração ainda vinha em movimentos fortes e entrecortados, o ar parecendo rasgar minha garganta quando um barulho estrondoso chamou minha atenção. Eu olhei para os garotos, brigando a poucos metros de mim, ainda completamente desnorreada.

A arma não estava mais no chão.

E, de repente, meu coração disparou com ainda mais força.

— Leon? — Minha voz era um sussurro fraco e rouco.

Eu ainda sentia a força esmagadora da mão de
PERIGOSAS ACHERON

Nathan em meu pescoço.

Leon não estava mais socando Nate. Não havia mais nenhum movimento. Nada além de raios de luz vindo de todos os lados e, acima de mim, o barulho de um helicóptero juntamente com um grande holofote que agora nos iluminava.

As hélices sopravam os galhos e folhas dos pinheiros, e cheguei a levantar a mão para me proteger, ainda tentando chegar até Leon, arrastando-me no chão.

— Leon?! — dessa vez eu gritei, sem me importar com a dor, mas meu grito foi rapidamente abafado pelos gritos dos policiais, que pareciam surgir de todos os lados, apontando suas armas para Nathan.

De repente, pensamentos desesperados e irracionais bombardearam minha mente. Nathan se levantou, largando a arma no chão, os olhos arregalados de medo, a respiração pesada.

Suas mãos estavam ensanguentadas quando ele as arqueou na altura da cabeça, se rendendo, e uma sensação horrível subiu pela minha garganta porque Leon continuava deitado, imóvel.

Não me importei em cambalear até ele, ignorando todos os gritos dos policiais à minha volta que me mandavam ficar onde eu estava, e caí de joelhos ao lado dele, permitindo que um soluço alto escapasse dos meus lábios ao ver a quantidade assustadora de sangue que se concentrava no seu abdome.

— Não, não, não, não, não — sussurrei, chorando, e não hesitei em pressionar o machucado com minhas mãos, recebendo um murmúrio de dor em resposta. — Merda. Leon?

— Ele te machucou, Eve? — sua voz era fraca, os lábios tremendo.

Neguei rapidamente com a cabeça, sem conseguir conter o choro.

— Está tudo bem, Leon. Você vai ficar bem, está me ouvindo? — eu sussurrei, colando minha testa à sua, apesar de não ter certeza do que eu estava falando. — Está tudo bem, *está tudo bem... Eu te amo. Vai ficar tudo bem, ok?*

Uma risada rouca escapou dos seus lábios, seguido de uma tosse fraca.

— Eu preciso levar um tiro para você

descobrir que me ama? — ele soprou, levantando sua mão para secar as lágrimas que percorriam meu rosto. — Se soubesse que a solução seria essa, teria pensado nisso antes.

Eu não consegui evitar rir em meio às lágrimas.

— Idiota.

— Idiota por você — ele disse, com esforço.

Estava prestes a falar que nunca deixei de amá-lo, quando fui rapidamente interrompida pelos paramédicos que, em um piscar de olhos, estavam ali ao meu lado, com uma maca, prontos para levá-lo ao hospital.

— *Maeve?!*

Meus olhos fugiram de Leon, que agora estava sendo colocado na maca para ser examinado, e foram em direção a Dillon.

— Puta merda, você está sangrando, caralho — ele disse, olhando para as minhas roupas. — Porra, porra, porra.

— Não é meu sangue, Dillon — assegurei, automaticamente vendo seus ombros relaxarem

antes dele me puxar para o abraço mais apertado da minha vida.

— Meu Deus, eu fiquei tão preocupado — sua voz estava trêmula, seu rosto enterrado nos meus cabelos enquanto eu o sentia chorar quase o mesmo tanto que eu.

Papai veio logo atrás, em sua roupa de xerife, e nos envolveu em um abraço apertado, caindo no choro conosco. E nós apenas nos soltamos quando os paramédicos me chamaram para ser examinada.

Leon já estava na ambulância, com quatro pessoas ao seu redor prestando os primeiros socorros quando eu me preparei para entrar. Ele não parecia estar bem. Muito pelo contrário.

No entanto, antes que eu pudesse subir, Nathan passou por mim, algemado e meus olhos logo encontraram os seus, descendo para a sua boca quando ele silabou um *sinto muito, Eve* mudo.

Apertei meus lábios, sentindo meu coração doer, e não respondi. Ao invés disso, apenas desviei meus olhos dos seus para entrar na ambulância, com um sentimento inexplicável no peito, que se intensificou no momento em que entendi o motivo

PERIGOSAS NACIONAIS

de tantas paramédicos estarem em volta de Leon:

Ele estava morrendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Uma chuva fininha batendo na janela do quarto de hospital rapidamente roubou minha atenção. Leon havia saído de uma cirurgia que durara a noite inteira há pouco mais de uma hora, mas ainda dormia ao meu lado. Dillon estava dormindo no sofá próximo à porta, e os pais de Leon deveriam estar voltando do almoço em poucos minutos.

Eu, por outro lado, ainda não tinha comido nada. E nem sequer cogitei sair daquele hospital enquanto não tivesse notícias de Leon, que chegara ao hospital em estado grave na noite anterior.

— Já reconsiderou a ideia de fugir dessa cidade comigo? — a voz rouca do garoto ao meu lado invadiu meus ouvidos, e eu automaticamente me virei para encontrar seus olhos esverdeados e um sorriso fraco no rosto.

— Cacete Leon, você quase me matou do coração, sabia? — soprei, levantando-me para abraçá-lo. — Pensei que fosse te perder.

— Eu pensei o mesmo — ele sussurrou, levantando seus dedos para tocar de leve os
PERIGOSAS ACHERON

hematomas que os dedos de Nathan haviam deixado em meu pescoço. — Espero que da próxima vez você acredite em mim desde o começo.

— E eu espero que *não haja* uma próxima vez. — Arqueei uma sobrancelha.

— Já prestou seu depoimento para a polícia? — ele perguntou, olhando para mim com preocupação, e eu assenti. — Como você está? Com todo esse lance do Nathan e...

Sua voz morreu ali, no meio da frase, mas eu sabia exatamente o que ele estava tentando evitar.

Eu dei de ombros.

— Não sei — fui sincera. — Não sei o que pensar sobre isso, e nem sei se *quero* pensar sobre isso. Nathan esteve o tempo todo debaixo dos nossos narizes e... *Céus*, me sinto tão burra por não ter ligado os pontos antes.

— Você não tinha como saber, Eve.

— Ele veio falar comigo, Leon. Na festa, na casa de Luna, logo que matou Violet — falei, vendo-o arregalar seus olhos de leve. — Mas eu não... não me toquei. Ele estava pedindo as chaves

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do carro, parecia apressado. Mas...

— Não é sua culpa.

Balancei a cabeça, sentindo as lágrimas voltarem a se acumular em meus olhos.

— *Não é sua culpa, Maeve* — Leon soprou novamente, puxando-me para beijar meus lábios. — Entendeu?

Assenti em silêncio.

— Amo você — ele soprou, e eu mordi meu lábio inferior para conter um sorriso.

— Eu também amo você.

Então ouvi uma risada escapar dos lábios dele que rapidamente me chamou a atenção.

— Não acredito que tenho que quase morrer, para te ouvir falando isso — brincou.

Revirei meus olhos.

— Para de drama.

Suas feições automaticamente ficaram mais sérias, os olhos agora grudados aos meus com intensidade quando ele soprou:

— Vamos fugir, eu e você para longe.

PERIGOSAS ACHERON

Apertei meus lábios.

— O Leon mal saiu da cirurgia e vocês já vão começar a putaria? — Dillon nos interrompeu, levantando-se do sofá para se aproximar. — Como você está, cara?

— Sem dor — foi tudo o que ele disse, abrindo um sorriso para meu irmão. — E você?

— Aliviado que essa merda toda acabou.

Dillon sorriu para nós, apertando de leve o ombro de Leon antes que a porta do quarto se abrindo nos chamasse a atenção. Eram os pais de Leon, com feições aliviadas ao verem seu filho acordado. Dillon e eu optamos por deixa-los a sós por um momento e, saindo do quarto, meu irmão passou um braço por meus ombros, abraçando-me de lado.

— Sabe, Eve... — ele começou. — Gosto do Leon.

Eu sorri.

— Eu sei disso.

— Não. Gosto *muito* dele.

Estreitando os olhos em sua direção,

rapidamente lhe dei um empurrão com o ombro e disse:

— Sai, Dillon. Eu vi primeiro.

Ele soltou uma gargalhada.

— Mas é — dei de ombros —, eu também gosto.

— Gosta? — ele arqueou uma sobrancelha, um sorriso malicioso se esgueirando nos lábios.

E logicamente fui obrigada a corrigir aquela frase, porque a verdade era que, entre o silêncio e a escuridão, Leon sempre esteve no meu coração.

E, virando-me para bagunçar os cabelos do meu irmão mais velho, eu disse com toda a certeza que carregava no peito:

— Ok, *pirralho*. Eu o *amo*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



EPÍLOGO

PERIGOSAS ACHERON

Mensagem de Andy Smith:

“E aí?”

Eu soltei um longo suspiro.

Mensagem de Maeve Miller:

“Ainda estou esperando.”

Mensagem de Andy Smith:

“Faça um favor?”

“Mande-o à merda.”

Apertei meus lábios.

Estava prestes a lhe enviar uma mensagem breve quando ele se sentou à minha frente. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, envoltos por uma olheira profunda, mas eu não sentia pena. A boca era uma linha firme, e os cabelos agora estavam mais compridos.

Eu soltei um suspiro inaudível e então estiquei minha mão para alcançar o telefone ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nathan. — Foi tudo o que eu disse, sem conseguir olhar em seus olhos.

— Entre tantas pessoas, você era uma das últimas que eu imaginaria estar aqui hoje.

— Só porque você tentou me matar? — perguntei, com sarcasmo na voz. O vidro entre nós era a única coisa que me protegia dele.

Nathan engoliu em seco.

— Sinto muito, Maeve. Eu nunca quis...

— Nem tente — o interrompi. — Não acredito em nada que você diz.

Ele imediatamente se calou.

Por um momento, me perguntei que merda eu estava fazendo ali, visitando Nathan na prisão.

A verdade, no entanto, era que eu havia me forçado a estar ali apenas por hoje ser o dia de hoje.

Se nada disso tivesse acontecido, provavelmente nós estaríamos comemorando aquela data enquanto assistíamos filmes de terror e tomávamos sorvete.

No entanto, lá estávamos nós.

PERIGOSAS ACHERON

Separados por um vidro blindado, em uma maldita prisão.

— Você parece mais feliz — ele observou, de repente, e meus olhos finalmente encontraram os seus.

— Bem, hoje é um dia especial — eu disse, com certa amargura, e notei quando seus olhos brilharam. — Estou me mudando.

— Está? Vai finalmente fazer seu curso de perícia criminal?

— Vou. — Abri um pequeno sorriso. — Inclusive, estou atrasada.

Vi quando seus ombros murcharam.

— Tudo bem. Obrigado por ter vindo — sussurrou. — Você foi a única hoje.

Eu não respondi.

Ao invés disso, me levantei, e, ainda com o telefone grudado à orelha, sussurrei:

— Feliz aniversário, Nathan.

Ele não respondeu, mas eu também não estava esperando por uma resposta. Apenas coloquei o telefone em seu devido lugar e o observei por uma

última vez, antes de girar nos calcanhares e me dirigir para fora da prisão, com o coração batendo fortemente contra o peito e os olhos marejados.

Assim que escorreguei para o banco passageiro do carro, recebi um sorriso afetuoso. Leon me olhava nos olhos, esperando aflito alguma reação por minha parte.

Eu soltei um suspiro cansado.

— Como foi? — perguntou.

— Triste — soprei.

— Sabia que não seria uma boa ideia — ele disse, parecendo impaciente, e então se esticou para procurar por algo no banco de trás, que parecia tão lotado de caixas quanto o porta-malas. — Por isso comprei nachos.

— *O quê?* — Automaticamente sorri, pegando o saco das suas mãos ao sentir o cheiro. — Porra, eu te amo muito.

Ele soltou uma gargalhada, e entrelaçou os dedos nos meus ao pisar no acelerador.

— Como nos velhos tempos. — Leon sorriu para mim. — Eu, você e comida. Agora só falta

aquele cheiro nojento de cigarro que eu detesto.

Então eu automaticamente voltei meus olhos aos seus, arregalados, e um sorriso começou a se esgueirar por meu rosto.

— Não te contei?

Um ponto de interrogação surgiu em seu rosto, seus orbes verdes indo da estrada para mim.

— Não me contou o quê?

— Eu larguei o cigarro.

— Ah é? — ele perguntou, parecendo surpreso.

Assenti com a cabeça.

— Encontrei um motivo bom o suficiente que me fizesse parar.

Leon abriu um sorriso.

— É mesmo? E que motivo é esse, Maeve Miller?

Olhei para ele, sentindo que meu coração iria explodir de felicidade a qualquer momento.

— Você ainda me ama.

Seu sorriso cresceu e, com os olhos brilhantes,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele soprou:

— Nunca deixei de amar.

PERIGOSAS ACHERON

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON